

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

CHRISTINA ROSTWOROWSKI DA COSTA

**O Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied
e sua *Viagem ao Brasil* (1815-1817)**

São Paulo
2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**O Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied
e sua *Viagem ao Brasil* (1815-1817)**

Christina Rostworowski da Costa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Profa. Dra. Maria Helena Pereira Toledo Machado

São Paulo
2008

*Quod est inferius est sicut id quod est superius.
Et quod est superius, est, sicut id quod est inferius,
ad perpetranda miracula rei unius.*

À minha avó, Cecily Rostworowski, por tudo que nos une.
Ja kocham cie.

Resumo

Esta dissertação de mestrado tem como enfoque o livro *Viagem ao Brasil*, escrito pelo Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, bem como as imagens, gravuras e aquarelas produzidas pelo príncipe por conta da viagem. Entre 1815 e 1817, o príncipe percorreu os atuais estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia. Esta viagem resultou no diário publicado na Alemanha em 1820 e em diversos outros países e línguas nos anos subsequentes. O diário de Maximiliano poderia ter sido relegado, como tantos outros diários produzidos no século XIX sobre o “exótico” Novo Mundo, mas sua descrição minuciosa da história natural do país e o tratamento pitoresco conferido à população – que hora serve para confirmar os estereótipos de Maximiliano, hora para justificar a originalidade de seus escritos – chamam a atenção do leitor através da presença de Guack, índio Botocudo que dispensa as funções de acompanhante, tradutor e, sobretudo, interlocutor indispensável no contato de Maximiliano com o território “desconhecido e inexplorado”. Contudo, por meio do papel de Guack na narrativa pode-se perceber que o território percorrido por Maximiliano é tudo menos desconhecido ou inexplorado, e sua população certamente não é “virgem” ou “intocada”. A análise concentra-se na criação da denominação “Botocudo”, nas estratégias usadas pelos nativos em seu constante contato com os portugueses, os escravos oriundos da África e mesmo entre os diversos grupos indígenas, e quão pouco consciente Maximiliano parece ser no que diz respeito à realidade que o cerca, na produção do diário, pinturas e aquarelas a serem apreciados pelos europeus.

Palavras chave: Príncipe Maximiliano de Wied Neuwied; índios Botocudos; literatura de viagem; Brasil século XIX; Guack.

Abstract

This thesis focuses on the diary written by Prince Maximilian von Wied Neuwied, based on his journey in Brazil. Throughout the years of 1815 to 1817, the prince traveled across the current Brazilian states of Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais and Bahia. His two-year journey resulted in a diary, published in Germany in 1820 and in several other countries and languages during the following years. Even though it could have been yet another journal amidst the hundreds produced in the nineteenth century concerning the “exotic” New World, its thorough description of the country’s natural history and its picturesque approach to its population – which at times are either brought about to confirm Maximilian’s stereotypes and previous readings on Brazil, and at other times, to justify the originality of his writings – catches the reader’s eyes for the subtle presence of Guack, an Indian from the so-called Botocudo tribe who plays a crucial role in the journey both as Maximilian’s accompanier, translator, and above all, indispensable interlocutor in the acquaintance with what Maximilian refers to as this “unknown, unexplored territory”. Yet it is by means of Guack’s role in the narrative that one is inevitably driven to see that the territory Maximilian visits is anything but unknown or unexplored, and its population is anything but virgin and untouched. The analysis focuses on the creation of the Botocudo label, which can be traced as early as the sixteenth century, the strategies used by the natives in their constant contact with the Portuguese, the African slaves and even amongst themselves, and how aloof Maximilian seems to be regarding the reality surrounding him while producing his diary, paintings and images for his European counterparts.

Keywords: Prince Maximilian von Wied Neuwied; Botocudo Indians; travel writing; nineteenth century Brazil; Guack.

Agradecimentos

Ao ingressar no Mestrado, tinha como certo que se tratava de um projeto exclusivamente meu. Jamais teria conseguido escrever este texto sozinha, e portanto, não poderia deixar de agradecer:

À Voca, que me ensinou a amar história desde pequenininha, e por ter ficado ao meu lado em todos os momentos da minha vida – este trabalho não poderia deixar de ser para ela;

Aos meus pais, Isabella e Augusto, a quem tanto puxei – meu pai, no gosto pelos estudos, minha mãe, pela vontade de desbravar novos caminhos;

Aos meus ‘pais postiços’, Argemiro e Salete, que me ajudaram a ser mais tolerante e companheira;

À minha irmã, Anna Cecilia, que por não agüentar mais me ouvir falar sobre o Maximiliano, me ensinou a ser mais sucinta em minha fala (assim espero);

Aos meus amigos e primos, que sempre souberam me tirar de casa na hora certa;

Ao Thiago Lima Nicodemo, parceiro de longa data e para toda a vida, que me ajudou a enxergar a minha paixão, moldar a minha verdade e enfrentar as intempéries, e a quem devo muitas das minhas conquistas;

À Tia Dag, sempre por perto, tão querida;

À Isabel Pereira, que me ajudou a organizar a minha mente perdida em minhas próprias confusões e elucubrações;

À Profa. Dra. Maria Helena P. T. Machado, por sua orientação sempre segura, presente, paciente, estimulante, e sobretudo, por ter me ‘apresentado’ ao Maximiliano;

À Profa. Dra. Laura de Mello e Souza, que me acompanha desde a graduação e que me ofereceu a oportunidade de assisti-la como monitora;

Ao Prof. Dr. John M. Monteiro, por sua leitura crítica e generosidade;

Ao Prof. Dr. Ulpiano Bezerra de Menezes, com a mais profunda admiração de quem o enxerga como mentor, no sentido grego da palavra, por sua presença desde quando eu “corria de calças curtas pelo Departamento”, em suas palavras;

À Profa. Dra. Raquel Glezer, pela amizade, apoio e pelo exemplo de amor e respeito pela universidade pública, e por me ensinar a acreditar mais nas pessoas;

Aos Profs. Drs. Nelson Schapochnik e Paulo Iumatti, pela amizade e “aulas”, formais ou informais;

Aos Profs. Drs. Michael G. Noll e Harry Liebersohn, que estudaram a viagem de Maximiliano aos Estados Unidos, e que se disponibilizaram a ajudar-me durante minha empreitada;

À CAPES, que financiou a minha pesquisa durante dois anos; e, finalmente,

Aos colegas do Departamento, que dividem comigo as angústias de conseguir transformar uma pesquisa em algo tangível, escrito.

Vasculhar a vida de Maximiliano e Guack acabou produzindo uma forte empatia que não é, em absoluto, paradoxal a um dos aspectos centrais do trabalho do historiador – de reconstituir estas pulsações individuais, jogando luz em contextos mais amplos, sejam eles culturais, econômicos ou sociais. Esses dois sujeitos históricos, enquanto seres humanos, não podem deixar de figurar em meus agradecimentos; estou certa de que suas pegadas e meus caminhos ainda vão se cruzar.

Sumário

Introdução	1
Capítulo 1: A viagem, os antecedentes e a região visitada	9
1.2 As edições do diário de Maximiliano	15
1.3 A sistematização da natureza em <i>Viagem ao Brasil</i> : os outros grupos e os Botocudos	20
1.4 Maximiliano, Guack e os Botocudos: construção de afinidades	24
Capítulo 2: O caminho percorrido no Brasil	33
2.2 <i>Viagem ao Brasil</i> – Tomo I – Cap. I – “Travessia da Inglaterra ao Rio de Janeiro”	35
2.3 <i>Viagem ao Brasil</i> – Tomo I – Cap. II – “Estadia no Rio de Janeiro”	38
2.4 <i>Viagem ao Brasil</i> – Tomo I – Cap. III – “Viagem do Rio de Janeiro a Cabo Frio”	44
2.5 <i>Viagem ao Brasil</i> – Tomo I – Cap. IV – “Viagem de Cabo Frio a Vila de São Salvador dos Campos dos Goitacazes”	50
2.6 <i>Viagem ao Brasil</i> – Tomo I – Cap. V – “Estadia na Vila de São Salvador e Visita aos Puris em São Fidélis”	51
2.7 <i>Viagem ao Brasil</i> – Tomo I – Cap. V – “Viagem da Vila de São Salvador ao Rio Espírito Santo”	55
2.8 <i>Viagem ao Brasil</i> – Tomo I – Cap. VII – “Estadia na Capitania e Viagem ao Rio Doce”	58
2.9 <i>Viagem ao Brasil</i> – Tomo I – Cap. VIII – “Viagem do Rio Doce a Caravelas, ao Rio Alcobaça e volta ao Morro D’Arara, à margem do Mucuri”	61
2.10 <i>Viagem ao Brasil</i> – Tomo I – Cap. IX – “Estadia em Morro d’Arara, Mucuri, Viçosa e Caravelas, até a partida para Belmonte – de 5 de fevereiro a 23 de julho de 1816”	64
2.11 <i>Viagem ao Brasil</i> – Tomo I – Cap. X – “Viagem de Caravelas ao Rio Grande de Belmonte”	66
Capítulo 3: Novos rumos da viagem – Maximiliano e sua percepção dos Botocudos: a presença de Guack	69
3.1 <i>Viagem ao Brasil</i> – Tomo I – Cap. XI – “Estadia no Rio Grande de Belmonte e Entre os Botocudos”	70
3.2 <i>Viagem ao Brasil</i> – Tomo II – Cap. I – “Algumas palavras sobre os Botocudos”	79
Capítulo 4: Últimas paragens e o retorno à Europa	92
4.1 <i>Viagem ao Brasil</i> – Tomo II – Cap. II – “Viagem do Rio Grande de Belmonte ao Rio Ilhéus”	93
4.2 <i>Viagem ao Brasil</i> – Tomo II – Cap. III – “Viagem de Vila dos Ilhéus a São Pedro de Alcântara, último povoado rio acima – preparativos para a viagem pelo sertão, através das matas”	96
4.3 <i>Viagem ao Brasil</i> – Tomo II – Cap. IV – “Viagem através das matas virgens de São Pedro de Alcântara até Barra da Vareda, no sertão”	98
4.4 <i>Viagem ao Brasil</i> – Tomo II – Cap. V – “Estadia em Barra da Vareda e viagem até os confins da capitania de Minas Gerais”	101
4.5 <i>Viagem ao Brasil</i> – Tomo II – Cap. VI – “Viagem das Fronteiras de Minas Gerais ao Arraial da Conquista”	103
4.6 <i>Viagem ao Brasil</i> – Tomo II – Cap. VII – “Viagem de Conquista à Capital da Bahia e estadia nessa cidade”	106
4.7 <i>Viagem ao Brasil</i> – Tomo II – Cap. II – “Regresso à Europa”	109
4.8 <i>Viagem ao Brasil</i> – Tomo II – “Apêndice”	111
Considerações Finais	113
Fontes e Bibliografia	116

Introdução

O interesse em aprofundar-me na pesquisa sobre literatura de viagem, e mais especificamente, sobre a viagem do Príncipe Maximiliano ao Brasil, deu-se ainda ao longo dos últimos semestres da graduação. À época, havia começado a pesquisar a construção da identidade nacional italiana através do olhar estrangeiro, sobretudo a partir da perspectiva dos autores alemães que escreveram sobre a Itália durante o século XIX. Estes autores muitas vezes escreviam com base nas viagens realizadas como parte do processo de formação, conhecidas como *Grand Tour*, empreendidas pela elite europeia do período. Apesar de viagens à América não fazerem parte do *Grand Tour* no início do século XIX¹, foi através do contato com os autores alemães que pude perceber que havia também uma determinada consolidação de imagens do Brasil na Europa baseada neste mesmo mecanismo, ou seja, através de viagens, sobretudo de cunho naturalista ou de exploração científica – o que também ocorria no caso dos viajantes do *Grand Tour*. Ao pesquisar os viajantes que passaram pelo Brasil durante o século XIX, constatei que muitos relatos continham imagens, descrições, roteiros e conceitos semelhantes, e que ademais, era possível identificar os escritos de um autor no relato do outro, que portanto havia uma circulação significativa desta literatura entre a elite letrada europeia.

Neste período, frequentei o curso de História do Cotidiano ministrado pela Profa. Maria Helena Machado, durante o qual tive a oportunidade de estabelecer diálogos mais profundos com a professora. Por sugestão sua, levantei informações biobibliográficas a respeito do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied e seus escritos sobre o Brasil. Assim como outros viajantes do início do século XIX, Maximiliano estava familiarizado com os textos escritos por seus contemporâneos sobre viagens à América, e tinha formação acadêmica na Universidade de Goettingen, centro de produção de conhecimento proeminente na Prússia à época². Diferentemente de seus contemporâneos, contudo, o diário de viagem intitulado *Reise nach Brasilien in den*

¹ No final do século XIX, há uma disseminação maior das viagens de formação na elite europeia, quando então a América, sobretudo os Estados Unidos, passa a figurar como parte do *Grand Tour*, principalmente em virtude dos romances e diários de viagem de cunho aventureiro escritos sobre o novo continente. Cf. LEED, Eric J. *La mente del viaggiatore. Dall'Odissea al turismo globale*. Bologna: Società Editrice Il Mulino, 2007.

² Cf. Ringer, Fritz K. *O Declínio dos Mandarins Alemães*. São Paulo: Edusp, 2000.

*Jahren 1815 bis 1817*³ contém a minuciosa descrição da estadia do Príncipe entre os índios Botocudo, constituindo uma espécie de primórdio dos estudos etnológicos que seriam realizados no Brasil. Ademais, a região do vale do Rio Doce, na qual vivem a maior parte dos índios visitados por Maximiliano, foi alvo de constante disputa entre colonos, índios e a coroa portuguesa durante as primeiras décadas do século XIX, além de ter despertado o interesse estrangeiro por conta de seus minérios e pela possibilidade destes serem escoados pelo próprio rio⁴.

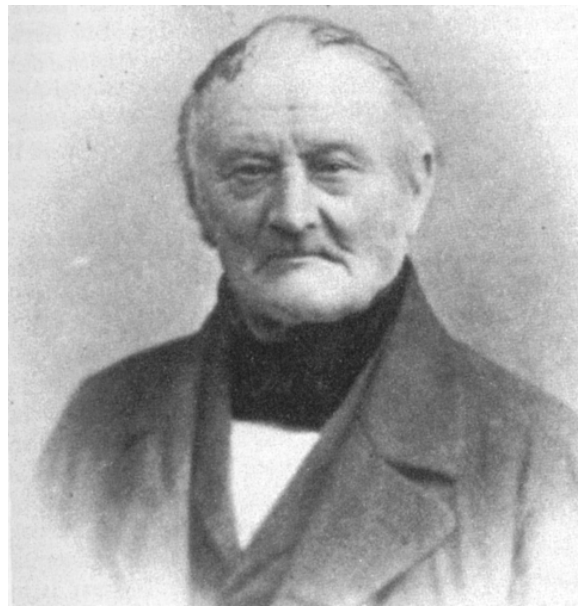


Figura 1. O príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied. c. 1860. Disponível [online] em http://commons.wikimedia.org/wiki/Image:Wied-Neuwied_Maximilian_zu_1782-1867.png.

Desde a década de 1960, os relatos de viagem vêm sendo analisados por historiadores, antropólogos e demais áreas das ciências humanas dentro do contexto da busca pela “descolonização do conhecimento”, em grande parte decorrente da descolonização dos impérios europeus na África. Esta perspectiva parte do pressuposto que as tentativas de dominação européia na América, África e Ásia ao longo dos séculos XIX e XX – em suma, o imperialismo – não se limitaram ao âmbito econômico e

³ NEUWIED, Prinz Maximilian von Wied. *Reise nach brasilien in den jahren 1815 bis 1817 von Maximilian Prinz zu Wied-Neuwied*. Mit zwei und zwanzig Kupfern, neunzehn Vignetten und drei Karten. Frankfurt: Heinrich Ludwig Bronner, 1820.

⁴ Cf. ESPINDOLA, Haruf Salem. *Sertão do Rio Doce*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.; LANGFUR, Hal. Uncertain Refuge: frontier formation and the origins of the Botocudo War in late colonial Brazil. *Hispanic American Historical Review*, vol. 82, no. 2 (2002), p. 215-256.; e MATTOS, Isabel Missagaia de. *Civilização e Revolta. Os Botocudos e a catequese na província de Minas*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

político, mas estenderam-se também e em grande medida nas representações e estereótipos criados das áreas colonizadas. Destarte, através da desconstrução dos discursos contidos nos relatos de viagem, tem sido possível reconstruir a visão de mundo do outro, do colonizado, bem como seus mecanismos de resistência, adaptação e modo de adaptar a realidade do período imperialista. Percebe-se, nas entrelinhas, a vivência do “viajado”, e não só as convicções e estereótipos do “viajante”, legitimado pela formação acadêmica científica, naturalista, conforme os termos cunhados por Mary Louise Pratt, em um dos principais estudos sobre os relatos de viagem como manifestação cultural da vivência imperialista européia nos continentes acima citados⁵.

No que tange a produção historiográfica brasileira, até muito recentemente os relatos de viagem eram utilizados de modo geral ora como fontes de dados para a história social, como ‘testemunhas’ de acontecimentos, folclores, tradições ou costumes perdidos⁶, ora dentro da perspectiva que por serem estrangeiros, os viajantes poderiam enxergar traços ou características brasileiras para além da capacidade dos próprios brasileiros⁷. No campo da história da leitura, estudos foram feitos a respeito da circulação, comercialização, tiragens e processo editorial das narrativas de viagem⁸.

Dentro das novas perspectivas abertas pelo processo de “descolonização do conhecimento”, muitos estudos concentraram-se nos viajantes naturalistas do século XIX que visitaram o Brasil. Flora Sussëkind, assim como Mary Louise Pratt, estudou a relação entre narrador e viagem na construção de representações sobre o outro⁹. Karen Macknow Lisboa, por sua vez, estudou a *Viagem pelo Brasil (1817-1820)* de Spix e von

⁵ PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: Edusc, 1999.

⁶ “Este trabalho procura compreender alguns aspectos da sociedade brasileira do século XIX, a partir da definição de um duplo caminho: o da investigação do imaginário dos viajantes e, a partir dessa fonte, o da reconstituição do cotidiano e das lutas sociais das classes subalternas desse período.” BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 9.

⁷ “Fizemos uma tentativa de estudá-los [os relatos de viajantes estrangeiros] partindo do pressuposto de que o viajante, em sua qualidade de estrangeiro, como não fazia parte do grupo cultural visitado, tinha condições de perceber aspectos, incoerências e contradições da vida quotidiana que o habitante, ao dá-la como natural e permanente, encontrava-se incapaz de perceber. O habitante vive sua vida e reflete apenas sobre seus aspectos mais próximos, sem tomar conhecimento de muitos outros do ambiente em que se encontra. [...] Por ser alguém que é ‘de fora’, e está ali ‘de passagem’, sem intenção de ser aceito pelo grupo e com o objetivo de relatar a seus conterrâneos o que conseguiu perceber, o viajante torna-se um observador alerta e privilegiado do grupo visitado.” LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, p. 9-10.

⁸ Além das reflexões contidas no livro de Pratt: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da Leitura*. São Paulo: FAPESP, 2002. e ABREU, Márcia e SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.) *Cultura letrada no Brasil. Objetos e práticas*. São Paulo: FAPESP, 2005.

⁹ SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui. O narrador, a viagem*. São Paulo: Cia.das Letras, 1990.

Martius com o intuito de identificar como os conceitos de natureza e civilização contidos no relato dos viajantes alemães faziam parte da construção do conceito de nação do Brasil através do olhar estrangeiro¹⁰. Os possíveis conflitos e a viabilidade da colonização do vale do Rio Mucuri, a partir do olhar dos viajantes estrangeiros, foram pesquisados por Regina Horta Duarte¹¹. Por fim, cito os estudos recém-publicados de Maria Helena Machado sobre a viagem de William James ao Brasil¹².

Maximiliano de Wied-Neuwied, como viajante, traz outro desafio à análise de seus escritos: além de seu respaldo acadêmico, e destarte, ter a formação semelhante aos demais viajantes naturalistas, era príncipe. Por sua origem social diversa, e, sobretudo, em um mundo no qual o Antigo Regime acabara de ruir e a nova ordem social burguesa estava em pleno processo de consolidação, certamente enxergaria não só os não-brancos, mas toda a população com a qual viria a se deparar no Brasil de maneira diferente. No sentido de melhor compreender esta “visão aristocrática” de mundo, sobretudo a relação dos aristocratas com a nova ordem social advinda com a Revolução Francesa, recorri aos estudos de Norbert Elias¹³, Jean Starobinski¹⁴, e, principalmente, de Harry Liebersohn¹⁵.

Liebersohn vem pesquisando os relatos de viagem escritos por aristocratas, mas o Brasil não se encontra em suas análises. Possivelmente porque afora Maximiliano, nenhum outro aristocrata europeu de formação naturalista escreveu sobre o Brasil. Entretanto, como Maximiliano posteriormente faria uma viagem também aos Estados

¹⁰ LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. SP: Hucitec/FAPESP, 1997

¹¹ DUARTE, Regina Horta. Olhares Estrangeiros: Viajantes no vale do rio Mucuri. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, p. 267-288, 2002.; e Conquista e civilização na Minas oitocentista. In.: OTONI, Teofilo. *Notícias sobre os selvagens do rio Mucura*. Organização de Regina Horta Duarte. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 13-38.

¹² MACHADO, Maria Helena P. T. Flora and Fauna. The nature of the Tropical Nature. Brazil through the eyes of William James. *ReVista. Harvard Review of Latin America*, vol. 3, issue 1, winter 2005. e *Brasil a vapor. Raça, ciência e viagem no século XIX*. Tese apresentada para o concurso de Livre Docência, Depto. de História, FFLCH-USP, 2005.

¹³ ELIAS, Norbert. *La Sociedad cortesana*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1996, e *Sobre el tiempo*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1997.

¹⁴ STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização. Ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

¹⁵ LIEBERSOHN, Harry. Discovering Indigenous Nobility: Tocqueville, Chamisso, and Romantic Travel Writing. *The American Historical Review*, vol. 99, no. 3 (Jun., 1994), p. 746-766; Recent Works on Travel Writing. *The Journal of Modern History*, vol. 68, no. 3 (Sep., 1996), p. 617-628; *Aristocratic Encounters. European Travelers and North American Indians*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2001; e *The Traveler's World. Europe to the Pacific*. Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 2006.

Unidos da América, entre 1832 e 1834¹⁶, há um capítulo dedicado à viagem do príncipe em seu livro. Para Liebersohn, os aristocratas viam nos indígenas com quem se deparavam valores como o espírito guerreiro, um senso de independência e de honra que pareciam se perder na Europa burguesa¹⁷. Deste modo, através de sua admiração e da “construção de afinidades”, conforme propõe Liebersohn, os viajantes aristocratas se sentiriam mais próximos dos grupos indígenas. Sobretudo daquelas que em virtude de seu espírito guerreiro, independência e honra, aos olhos dos viajantes resistiam bravamente às empreitadas contra sua destruição ou contra a ocupação de seu território. Vale ressaltar, todavia, que há nos Estados Unidos uma produção abundante sobre a possível relação entre uma “nobreza indígena” e os nobres europeus, enquanto que no Brasil, o caso de Guack não parece se repetir em outros relatos – o que o torna ainda mais interessante.

Conforme dito anteriormente, é justamente aos índios Botocudos, os nativos mais temidos e difamados na literatura de viagem, que Maximiliano dedica a maior parte do seu relato de viagem¹⁸. Vale lembrar que o príncipe escreveu seu relato de viagem já na Europa, com base nos cadernos de anotações feitas no Brasil, de modo que ele permite ao leitor transitar em sua companhia à medida que mudam suas opiniões e

¹⁶ A este respeito, além de Liebersohn, ver também NOLL, Michael G. *Prince Maximilian's America. The Narrated Landscapes of a German Explorer and Naturalist*. Doctoral Dissertation Thesis for the University of Kansas, s/d.

¹⁷ LIEBERSOHN, Harry. *Discovering... Op. cit.*, p. 748.

¹⁸ A respeito dos índios Botocudos, ver: ALEGRE, Maria Sylvia Porto. *Imagem e representação do índio no século XIX*. In.: GRUPIONI, Luis Donisete Benzi (org.). *Índios no Brasil*. Brasília: MEC, 1994. p. 59-72.; AMANTINO, Márcia. *O Mundo das Feras: os moradores do sertão oeste de Minas Gerais – século XVIII*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.; CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.; DEAN, Warren. *A Ferro e fogo. A história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.; ESPINDOLA, Haruf Salem. *Sertão do Rio Doce*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.; HARTMANN, Thekla. *Contribuição da iconografia para conhecer os índios brasileiros do século XIX*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1970.; LANGFUR, Hal. Uncertain Refuge: frontier formation and the origins of the Botocudo War in late colonial Brazil. *Hispanic American Historical Review*, vol. 82, no. 2 (2002), p. 215-256, The Return of the *Bandeira*: Economic Calamity, Historical Memory, and Armed Expeditions to the *Sertão* in Minas Gerais, Brazil, 1750-1808. *The Americas*, vol. 61, no. 3, 2005, p. 429-461e Moved by Terror: Frontier Violence as Cultural Exchange in Late-Colonial Brazil. *Ethnohistory*, vol. 52, no. 2 (spring 2005), p. 255-289.; MATTOS, Isabel Missagaia de. *Civilização e Revolta. Os Botocudos e a catequese na província de Minas*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.; MONTEIRO, John Manuel e NOGUEIRA, Fernando (orgs.). *Confronto de Culturas: conquista, resistência, transformação*. São Paulo e Rio de Janeiro: EDUSP/Expressão e Cultura, 1997; e MONTEIRO, John Manuel. As raças indígenas no pensamento brasileiro durante o Império. In.: M.C. Maio e R. V. dos Santos (orgs.). *Raça, Ciência e Sociedade no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil/FIOCRUZ, 1996, p. 15-24., *Tupis, Tapuias e historiadores. Estudos de história indígena e do indigenismo*. Campinas, 2001. Tese apresentada para o concurso de Livre Docência na área de Etnologia, Departamento de Antropologia, IFCH-UNICAMP.

perspectivas sobre os Botocudos, que de início eram tudo, menos positivas. É especificamente com Guack, o jovem Botocudo que viria a encontrá-lo um ano depois de seu retorno à Neuwied, que Maximiliano constrói e estabelece suas afinidades, e através de quem sua relação com os índios Botocudos muda: o príncipe passa a ver os Botocudos não só como passíveis de serem civilizados como também questiona todas as representações feitas sobre eles por europeus. Ao questionar as representações, Maximiliano se vê diante do desafio não só de mudar seu próprio discurso, mas também de possivelmente sugerir novos meios para a produção de conhecimento científico sobre os indígenas; tarefa que os futuros antropólogos iriam se encarregar. Acima de tudo, a aproximação de Maximiliano dos Botocudos através da presença de Guack é instrumento essencial na reconstrução de muitas das estratégias de resistência e relacionamento usadas pelos indígenas na dinâmica imposta pelo impulso imperialista europeu do século XIX.

Ademais, vale ressaltar que a estrutura expositiva da dissertação segue, em grande medida, a disposição dos capítulos do próprio diário de Maximiliano. Apesar de parecer uma forma de exposição elementar, este expediente tem como objetivo reconstituir o próprio *modus operandi* do diário. A estrutura linear, cronológica e geográfica é uma estratégia empregada pelo próprio autor, visando a produção de um efeito de realidade, objetividade e imediatez que o seu processo de criação não teve, levando-se em conta que o diário foi produzido após a viagem. Segundo esta hipótese de leitura, o discurso de Maximiliano tem o intuito de imbuir-se da legitimidade científica do final do século dezoito e início do dezenove, que serão expostos no primeiro capítulo desta dissertação. À medida em que o leitor é capaz de acessar este processo narrativo, há a alternância de períodos de análise crítica que servem para assinalar as contradições presentes no discurso de Maximiliano.

A seguir, um breve resumo dos capítulos da dissertação.

Capítulo 1 – A viagem, os antecedentes e a região visitada

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma breve biografia de Maximiliano. Para tanto, serão discutidos o contexto europeu do final do século XVIII e início do século XIX, e especialmente o início do processo de expansão da Prússia. Em se tratando de um príncipe, procura-se compreender sua educação e formação, redes de sociabilidade e sobretudo sua passagem pela Universidade de Göttingen, na qual

conheceu seu mentor e “pai” da antropologia física, o professor Blumenbach, e seu posterior contato com Alexander von Humboldt, que veio a definir a escolha de Maximiliano pela viagem ao Brasil. A seguir, discute-se a inserção da Universidade da Göttingen nos debates acadêmicos que ofereceram suporte teórico à expansão da Prússia, e, destarte, a visão de mundo de Maximiliano em relação ao Novo Mundo. Por fim, o capítulo procura explorar os relatos de viagem lidos por Maximiliano, também parte de sua formação e fatores ativos em seu horizonte de expectativas em relação ao Brasil.

Capítulo 2 – O caminho percorrido no Brasil

No sentido de melhor compreender a viagem realizada por Maximiliano, este capítulo versa sobre a descrição do roteiro percorrido pelo príncipe, até a sua estadia entre os índios Botocudos, sendo que o período despendido entre os índios Botocudos é o tema do próximo capítulo. Vale ressaltar que o diário foi todo escrito na Europa, com base nos cadernos de anotações que o Príncipe carregara consigo durante a viagem.

Capítulo 3 - Novos rumos da viagem – Maximiliano e sua percepção dos Botocudos: a presença de Guack

Este capítulo gira em torno da descrição e das considerações de Maximiliano em relação aos índios Botocudos, levando em conta principalmente o último capítulo do primeiro tomo do diário, intitulado *Estadia no Rio Grande de Belmonte e entre os Botocudos*. É neste capítulo do diário, ademais, que começa-se a perceber um maior interesse de Maximiliano pelos índios Botocudos. É nele, também, que Guack, o Botocudo que volta a Neuwied com Maximiliano começa a aparecer como seu interlocutor.

O segundo tomo do diário de Maximiliano inicia-se com um capítulo inteiramente dedicado aos Botocudos, intitulado *Algumas Palavras sobre os Botocudos*. Maximiliano, em todo o diário, não se referiu em nenhum outro momento a um grupo específico em um capítulo determinado. Ademais, a sua perspectiva em relação aos Botocudos é bastante diferente daquela apresentada no último capítulo do primeiro tomo. Este capítulo, portanto, tem como objetivo mostrar esta percepção diferenciada de Maximiliano sobre os Botocudos, sobretudo no que tange ao papel de Guack, que, como interlocutor, tradutor, guia e protegido de Maximiliano, tem seu discurso valorizado pelo naturalista, e serve também de legitimador de seus escritos.

Capítulo IV – Últimas paragens e o retorno à Europa

Este capítulo tem como enfoque a narrativa de Maximiliano em relação ao último trecho de sua viagem, a saber, do Rio Grande de Belmonte até Salvador, e sua partida de volta à Europa.

Capítulo 1: A viagem, os antecedentes e a região visitada

Entre os anos de 1815 e 1817, o Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied percorreu os atuais estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia. Mais especificamente, foi do Rio de Janeiro até Cabo Frio, depois para São Salvador dos Campos dos Goitacazes, onde permaneceu antes de passar alguns dias entre os índios Puris em São Fidelis. De lá, passou um tempo nas proximidades de Vitória para então dirigir-se ao Rio Doce, onde estavam os índios Botocudos. Do Rio Doce, Maximiliano partiu para a região do rio Mucuri, e então para sua estadia entre os Botocudos do Rio Grande de Belmonte. Parte para Ilhéus e de lá para Barra da Vareda, onde teria início o “sertão” antes de chegar até Minas Gerais. Em Minas, fica entre os índios Camacãs, parte para Conquista e finalmente para Salvador. No caminho para Salvador, Maximiliano foi preso com sua comitiva, mas finalmente consegue regressar à Europa.

O príncipe, oriundo de Neuwied¹⁹, principado que já havia sido incorporado à Prússia, veio ao Brasil, segundo seu diário, com o intuito de ampliar o conhecimento sobre história natural e geografia. Para tanto, recolheu uma vasta coleção taxonômica que destinou aos principais museus e universidades da Prússia. Sobre a sua viagem, produziu diversos textos, imagens e artigos. Seu escrito mais importante a este respeito, entretanto, é seu livro *Viagem ao Brasil*, publicado na Alemanha e na França, simultaneamente, em 1820²⁰.

Oitavo dos dez filhos do conde de Wied, Maximiliano nasceu em 23 de setembro de 1782²¹. Teve sua formação escolar na região de Wied e posteriormente foi encaminhado para a continuação de seus estudos à Universidade de Goettingen, fundada em 1734. Segundo Fritz Ringer²², houve, nesta universidade, o ressurgimento neo-humanista em reação ao desprezo dos racionalistas da Universidade de Halle pela filologia e os estudos clássicos. Eles “esperavam que uma simpatia pela harmonia

¹⁹ A cidade de Neuwied, segundo Michael G. Noll, fica às margens do Rio Reno, a aproximadamente dez milhas ao norte de Koblenz. Foi fundada em 1653. NOLL, Michael G. *Prince Maximilian's America. The Narrated Landscapes of a German Explorer and Naturalist*. Doctoral Dissertation Thesis for the University of Kansas, s/d, p. 27.

²⁰ WIED-NEUWIED, Príncipe Maximiliano de. *Viagem ao Brasil*. Trad. Edgar Sússekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1^a ed. 1940.

²¹ As informações biográficas mais preciosas sobre o príncipe Maximiliano são oferecidas por Câmara Casudo, em CASCUDO, Luis da Câmara. *O Príncipe Maximiliano no Brasil*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1977, p. 19-23.

²² RINGER, Fritz K. *O Declínio dos Mandarins Alemães*. São Paulo: Edusp, 2000. p. 32-39.

estética da personalidade e das artes gregas revitalizasse o ensino alemão.”. Para os neo-humanistas, devia-se almejar uma educação plena e harmoniosa do indivíduo integral, já que o ensino era mais do que a formação intelectual²³. Neste sentido, em suas próprias narrativas de viagem, Alexander von Humboldt, grande incentivador de Maximiliano, desenvolvera um método para a tessitura das narrativas de viagem – para além de seus préstimos acadêmicos e descobertas científicas, o viajante deveria incluir desenhos, imagens em seu texto, pois, através deles, outros estudiosos poderiam começar e continuar seus estudos, e, simultaneamente, serviriam como meio de tornar a ciência mais acessível ao público leigo²⁴.

Em Goettingen, o príncipe esteve sob a tutela de Blumenbach, professor de medicina e considerado um dos pais da antropologia física, assim como Humboldt. Com Blumenbach, Maximiliano desenvolveu seu gosto pelo estudo da craniometria, e foi também sob a sua tutela que desenvolveu sua teoria sobre a ancestralidade comum dos indígenas da América do Norte e do Sul. Blumenbach, ademais, impedido de viajar por seus vínculos acadêmicos e sua idade, foi um dos principais incentivadores das viagens de Maximiliano; como craniometrista, dependia de espécimes para a realização e aprofundamento de seus estudos, e via nos interesses de Maximiliano a possibilidade de obter novos crânios para ampliar seus estudos²⁵.

Assim como boa parte da nobreza da época²⁶, especialmente no caso de filhos não-primogênitos, Maximiliano alistou-se no exército prussiano, no qual permaneceu até 1815 e inclusive participou da liberação de Paris do jugo napoleônico²⁷, em 1814. Em Paris, conheceu o outro responsável por sua viagem, Alexander von Humboldt,

²³ Ringer descreve, também, o erudito “alemão” do século XIX: “Tinha menos ligações com uma classe empresarial emergente do que seu congêneres inglês, ou mesmo o francês; faltou-lhe também o contato que os intelectuais franceses tiveram com um mundo cosmopolita dos salões aristocráticos ou dos magistrados. Separado imediatamente da classe dos artesãos pequeno-burgueses e de uma casta feudal relativamente inculta, desenvolveu uma fé intensa no poder espiritualmente enobrecedor da palavra e um senso igualmente forte de sua importância na esfera prática da técnica e da organização.” RINGER, Fritz. *Op. cit.*, p. 34.

²⁴ Vale lembrar, também, que o professor tanto de Humboldt quanto de Maximiliano, Johann Friedrich Blumenbach, anatomista craniano, dependia dos espécimes, exemplares e imagens provenientes do Novo Mundo para dar continuidade aos seus estudos. Cf. ALEGRE, Maria Sylvania Porto. Imagem e representação do índio no século XIX. In.: GRUPIONI, Luis Donisete Benzi (org). *Índios no Brasil*. Brasília: MEC, 1994. p. 59-72. e LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. SP: Hucitec/FAPESP, 1997, p. 37-38.

²⁵ Cf. LIEBERSOHN, Harry. *Aristocratic Encounters*. *Op. Cit.*, p. 135-136. Ainda sobre Blumenbach: CORBIN, ALAIN. *Le miasme et la jonquille*. France: Flammarion, 2003.; SALZANO, Francisco M. O Velho e o novo. Antropologia física e história indígena. In.: *História dos Índios... op. cit.*, p. 27-36.

²⁶ Cf. ELIAS, Norbert. *La sociedad cortesana*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1996.

²⁷ Cf. SEVCENKO, Nicolau. Posfácio. In.: BECHER, Hans. *O Barão Georg Heinrich von Langsdorff. Pesquisas de um cientista alemão no século XIX*. São Paulo: Edições Diá; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1990. p. 131-143.

recém chegado de sua viagem à América do Sul, que o instigou fortemente a conhecer o Brasil que fora impedido de conhecer²⁸. Até então, Maximiliano planejava realizar uma viagem mais próxima, até as estepes da Rússia, antes de se aventurar nas Américas. A insistência de Blumenbach e Humboldt, como ele próprio afirma, o fizeram reformular seus planos e dirigir-se ao Brasil. Foi em Paris também que Maximiliano iniciou os preparativos de sua viagem, levando consigo dois membros de sua comitiva de viagem: Dreikoppel, caçador conhecido, e o jardineiro-preparador Simonis, para fins de organizar suas coleções. Maximiliano partiu rumo ao Brasil²⁹, de Londres, no dia 15 de maio de 1815, e chegou ao Rio de Janeiro em 15 de julho de 1815. No Rio de Janeiro, Maximiliano incorpora mais dois europeus à sua comitiva de viagem: Georg Freyreiss e Frederic Sellow, zoólogo, botânico e desenhista³⁰.

A partir de 1808, com a abertura dos portos às nações amigas, o Brasil passa por um intenso período de transações comerciais. No bojo destas transações, aportaram no Brasil outros viajantes, sobretudo ingleses, que tinham acesso livre por conta das guerras napoleônicas. Henry Koster, que viveu no nordeste entre 1809 e 1820, escreveu um diário de viagem sobre a região, assim como John Luccock, que viveu no Rio de Janeiro entre 1808 e 1819 e viajou para diversos lugares do país. Em 1810, o governo português contratava alemães para estudar as possibilidades de exploração do solo, carvão e de minérios de ferro. Dentre os contratados estava o Barão von Eschwege, considerado o “pai” da geologia brasileira. Eschwege fez o levantamento dos solos de Minas Gerais. Os companheiros de viagem de Maximiliano, Freyreiss e Sellow, chegaram ao Brasil em 1813 e 1814, respectivamente, na expedição do Cônsul Geral da

²⁸ A entrada permitida de estrangeiros no Brasil, deu-se com a vinda da família real ao Brasil em 1808. Humboldt tentara entrar no Brasil mas não obteve autorização. Cf. LISBOA, Karen Machnow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na “Viagem pelo Brasil” (1817-1820)*. *Estudos Históricos* 29, São Paulo: Editora Hucitec/FAPESP, 1997, p. 39-49).

²⁹ Entre 1832 e 1834, Maximiliano viajou pelos Estados Unidos acompanhado pelo pintor suíço Karl Bodmer. A este respeito, ver: NOLL, Michael G. *Prince Maximilian’s America... op.cit.*; LIEBERSOHN, Harry. *Aristocratic Encounters: European Travellers and North American Indians*. New York: Cambridge University Press, 1998.; LIEBERSOHN, Harry. *Works on Travel Writing*. *The Journal of Modern History*, vol. 68, no. 3 (Sept. 1996), p. 617-628; THOMAS, Davis and RONNEFELDT, Karin (ed.). *People of the First Man. Life Among the Plains Indians in their Final Days of Glory*. New York: E. P. Dutton, 1976 e MAXIMILIAN PRINCE OF WIED and BODMER, Karl. *Travels in the Interior of North America*. Colone: Taschen GmbH, 2001.

³⁰ Freyreiss chegou a escrever sobre sua viagem. Sellow, por sua vez, retorna à Europa com Maximiliano, e ajuda os irmãos do príncipe na execução de pinturas com base nas aquarelas feitas durante a viagem. Posteriormente, Sellow volta ao Brasil. Com seus escritores, Freyreiss tentava instigar a imigração alemã ao Brasil. Sobre os escritos de Freyreiss, ver MAYBURY-LEWIS, David. *Review. Reisen in Brasilien*. *American Anthropologist*, New Series, vol. 75, no. 2 (April, 1973), p. 425-426.

Rússia, o barão de Langsdorff³¹. Sellow, alias, conheceu Humboldt em Paris quando trabalhava com ciências naturais. Outro viajante bastante conhecido e contemporâneo de Maximiliano foi o botânico August Saint-Hilaire, que esteve no Brasil entre 1816 e 1822 e em grande parte percorreu a mesma região que Maximiliano, para depois ir para o sul do país. A maior parte dos cientistas, entretanto, publicou poucos relatos sobre as descobertas³².

O ano de 1808 marcou também a chegada da família real portuguesa ao Brasil, e com ela a busca pelo estabelecimento e conquista das fronteiras do país³³. A região composta pelos atuais estados de Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo³⁴ esteve, ao longo do século XIX, em constante disputa entre os portugueses, luso-brasileiros e os grupos indígenas da região, sobretudo por conta da disputa pelo controle das proximidades do Rio Doce, de suma importância na dinâmica comercial. Além da abertura dos portos aos viajantes e demais membros das “nações amigas”, Dom João VI

³¹ Sobre Langsdorff e demais viajantes, ver BELLUZO, Ana Maria de Moraes (Org.). *O Brasil dos viajantes*. São Paulo : Metalivros, 1994. 3 v.

³² Sobre os viajantes anteriores a Maximiliano, ver: BECHER, Hans. *O Barão Georg Heinrich von Langsdorff. Pesquisas de um cientista alemão no século XIX*. São Paulo: Edições Diá; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1990.; OBERACKER JR., Carlos. Viajantes, naturalistas e artistas estrangeiros. *O Brasil Monárquico. O processo de emancipação*. t. 2, v. 3, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, 9ª Ed., p. 136-150.; OLIVEIRA, João Pacheco de. Os Atalhos da Magia: notas para uma etnografia dos naturalistas viajantes. *Boletim do Museu Paranaense Emílio Goeldi*, 3, no. 2, 1987, p. 155-188.; PIJNING, Ernest. O ambiente científico da época e a viagem ao Brasil do príncipe alemão Maximiliano de Wied-Neuwied. *Revista Oceanos*, Lisboa, nº 24, out/dez 1995, p. 26-34.; e SILVA, Maria Beatriz Nizza da. A História Natural no Brasil antes das viagens do Príncipe Maximiliano. *Revista Oceanos*, Lisboa, nº 24, out/dez 1995, p. 12-24.

³³ A produção historiográfica recente mostra que apesar do Bloqueio Continental de Napoleão ser a causa imediata da vinda da família real portuguesa ao Brasil, já desde o século XIX os olhos de Portugal viraram-se de suas colônias na Ásia e na África para a América portuguesa. A este respeito, ver: ALDEN, Daril. O Período final do Brasil Colônia, 1750-1808. In.: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: A América Latina Colonial*. vol. II, São Paulo: Edusp, 1999, p. 527-594.; FARIA, Miguel. Brasil: visões européias da América Lusitana. *Revista Oceanos*, Lisboa, nº 24, out/dez 1995, p. 70-101.; FRAGOSO, João, BICALHO, Maria Fernanda e Gouvêa, Maria de Fátima (orgs.). *O Antigo Regime nos trópicos. A dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.; JANCSÓ, Istvan e MACHADO, André Roberto de. Tempos de Reforma, Tempos de Revolução. In.: KANN, Bettina e LIMA, Patrícia Souza (seleção e tradução das cartas). *D. Leopoldina: Cartas de uma Imperatriz*. Tradução: Tereza Maria Souza de Castro e Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2006, p. 17-49.; e SOUZA, Laura de Mello e. *O Sol e a Sombra. Política e administração na América Portuguesa do século XVIII*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

³⁴ “É interessante observarmos que, entre os séculos XVII e XVIII, ocorreram as falências das capitânicas de Ilhéus, Porto Seguro e Espírito Santo, resultando na sua reversão para a Coroa, que interrompeu os investimentos na região. A razão de tal decisão deveu-se não só ao desinteresse da Coroa portuguesa como também à estratégia de transformar a área em zona tampão que inviabilizasse o acesso sem controle às minas da futura capitania de Minas Gerais. [...] A falência da mineração levou a profundas transformações no modelo econômico regional, que vieram a se refletir dramaticamente sobre a vida das populações indígenas ali refugiadas.”. PARAÍSO, Maria Hilda B. Os Botocudos... *Op. cit.*, p. 415.

declarou guerra³⁵ aos índios Botocudos, que durou efetivamente nas regiões citadas até 1824, aproximadamente³⁶.

A região visitada por Maximiliano estava sob constantes disputas, sejam elas entre os luso-brasileiros e os indígenas, entre outros indígenas e entre os portugueses e outras nações, desde finais do século XVIII por conta do comércio do ouro³⁷. No que diz respeito à política indígena em voga à época no Brasil, para Manuela Carneiro da Cunha, “A partir da expulsão dos jesuítas por Pombal em 1759, e sobretudo a partir da chegada de d. João VI ao Brasil, em 1808, a política indigenista viu sua arena reduzida e sua natureza modificada: não havia mais vozes dissonantes quando se tratava de escravizar índios e de ocupar suas terras.”³⁸.

A denominação ‘Botocudo’ refere-se a um conjunto de indígenas, referidos também como Aymoré e cujas “origens” estariam ligadas aos assim-ditos Tapuia³⁹. Há desde o início do processo de colonização da América Portuguesa a referência a uma coletividade que não necessariamente se enxergava como tal, mas que no olhar do europeu, era tida como coletividade por conta de sua resistência ou não-aliança aos intuítos colonizatórios. Este nome vem do uso dos batoques nos lábios e orelhas,

³⁵ “As causas legítimas da guerra justa seriam a recusa à conversão ou o impedimento da propagação da Fé, a prática de hostilidades contra vassallos e aliados dos portugueses (especialmente a violência contra pregadores, ligados à primeira causa) e a quebra de pactos celebrados”. PERRONE-MOISÉS, Beatriz. *Índios livres... Op.cit.*, p. 123.

³⁶ “Em 1824, é dado para o aldeamento dos índios do rio Doce, no Espírito Santo, um “brevíssimo regulamento interino que servirá somente para lançar os primeiros fundamentos à grande obra de civilização dos índios” (28/1/1824)”. CUNHA, Manuela Carneiro da. *Política indigenista... Op. cit.*, p. 139.

³⁷ “Mas para caracterizar o século [XIX] como um todo, pode-se dizer que a questão indígena deixou de ser essencialmente uma questão de terras. Nas regiões de povoamento antigo, trata-se mesquinamente de se apoderar das terras de aldeamentos. Nas frentes de expansão ou nas rotas fluviais a serem estabelecidas, faz-se largo uso, quando se o consegue, do trabalho indígena, mas são sem dúvida a conquista territorial e a segurança dos caminhos e dos colonos os motores do processo.” *Ibidem*, p. 133.

³⁸ CUNHA, Manuela Carneiro da. Introdução a um história indígena. *In.: História dos Índios... Op. cit.*, p. 16.

³⁹ “O território ocupado pelos Botocudos compreendia grandes faixas da Mata Atlântica e da Zona da Mata na direção leste-sudeste, constituídas de florestas latifoliadas tropicais, cujos limites prováveis seriam o vale do Salitre, na Bahia, e o rio Doce, no Espírito Santo. Desconhecemos se tal ocupação foi processada simultaneamente ou se – em decorrência da intensa migração dos vários grupos, acentuada pelo contato belicoso com a sociedade dominante – a referida ocupação deu-se nos vários pontos em momentos históricos diferentes. Os primeiros contatos belicosos ocorreram no século XVI, quando da instalação das capitanias de Ilhéus e Porto Seguro.” PARAÍSO, Maria Hilda B. *Os Botocudos... Op. cit.*, p. 413. Ademais, segundo Câmara Cascudo, “Botocudos ou Aimorés, chamavam a si-mesmos Engerackmung.[...] Os enfeites labiais e auriculares, gñimató e numá. [...] Jornard (XIX-108) pensa que os Engerackmungs constituíam tribo e não era nome genérico dado coletivamente a toda família. Mounge ou mounge-oun quer dizer andas, passear. Seria um antigo índice de nomadismo? Viviam entre o 13.º até o 19.º e meio de latitude austral, entre os rios Pardo e Doce. Por esta via de comunicação entretinham relações com Minas Gerais. Perto acampavam as tribos dos Pataxós, Maxacalis etc.”. CASCUDO, Luis da Câmara. *O Príncipe... Op.cit.*, p. 36.

espécie de rolha usada pelos portugueses para tapar barris de vinho que os distinguiria das demais s indígenas. Entre si, os Botocudos referiam-se como Engerackmung. Ademais, outra questão que está no cerne da distinção entre os Botocudos e as demais s indígenas é a antropofagia. Na maior parte da historiografia da época e no conhecimento popular, os Botocudos são temidos por serem supostamente antropofágicos. Caracterizar os Botocudos como antropofágicos os torna ainda mais temerários; à época da extração do ouro, o medo dos Botocudos antropofágicos fora profícuo pois fazia com que menos pessoas se atrevessem a usar o vale do rio Doce como escoamento clandestino de sua produção, assim utilizando as rotas tradicionais. Quando a extração do ouro entra em crise, e o vale do rio Doce surge como alternativa para a sobrevivência da região, como meio de escoamento da produção local de Minas Gerais, pelo seu território a ser ocupado com novos entrepostos, e por seus minérios, o medo é revertido e passa a ser usado como estímulo para que os luso-brasileiros ataquem aqueles que certamente, em breve, viriam a atacá-los.

1.2 As edições do diário de Maximiliano

Colocado, desta maneira, o contexto histórico da viagem de Maximiliano ao Brasil, vale listar também sua produção, científica e literária, à respeito⁴⁰. Conforme dito anteriormente, a edição alemã do relato foi publicada em 1820 e a edição francesa, em 1821, sob os auspícios do príncipe. No mesmo ano da publicação alemã deu-se a tradução inglesa (1820)⁴¹, em versões com e sem gravuras. Há uma tradução italiana de 1821, traduzida do francês. Somente em 1832 publicou-se na Itália uma tradução direta do alemão, cuja edição incluía imagens coloridas e mapas. Houve outra edição francesa em 1822. A tradução holandesa, por sua vez, foi publicada em 1822-23, em edições com e sem imagens. A edição austríaca, de 1825, traz um mapa do Brasil. Maximiliano também publicou textos acadêmicos relativos à sua viagem ao Brasil, sobretudo no âmbito da história natural, que foram publicados em periódicos e enciclopédias da época⁴². Há, também, algumas publicações especificamente voltadas às imagens da expedição de Maximiliano⁴³.

⁴⁰ Este levantamento tem como base o artigo de Rosemarie Erika Horch e a tese de Michael G. Noll, além de pesquisas feitas ao longo da leitura desta bibliografia. HORCH, Rosemarie Erika. Notas bibliográficas sobre a obra do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied. In.: *Revista Oceanos*, Lisboa, nº 24, out/dez 1995, p. 102-110. e NOLL, Michael G. *Op. cit.*

⁴¹ Em seu artigo, Rosemarie Erika Horch afirma que estas edições foram publicadas simultaneamente, e ambas estavam incompletas. Ainda segundo a autora, houve uma publicação em 1825 desta edição a qual se refere a nota. HORCH, Rosemarie Erika. *Op. cit.*, p. 104.

⁴² A saber: *Amaryllis Principis mit einem Nachtrag des Prinzen Maximilian von Neuwied*. In.: *Nova Acta Physico-Medica Academiae Caesareae Leopoldino-Carolinae Naturae Curiosorum*, 1820. 11:1, p. 153-155.; *Beitraege zur naturgeschichte von brasilien*. Weimar: Verlage GHS Priv Landes. Ind. Copetoirs, 1825-1833.; *Beitrag zur Flora Brasiliens. Mit Beschreibungen von Dr. Ness von Esenback, Præsidenten der Akademie u. Dr. von Martius, Md.K.A. zu Munchen u.d.A.d.N.*. In.: *Nova Acta Physico-Medica Academiae Caesareae Leopoldino-Carolinae Naturae Curiosorum*, 1823. 11:1, p. 1-102; 12:1, p. 1-54.; *Beitrag zur Naturgeschichte des Sarama oder Serima (Dicholophus Cristatus Illigeri) von dem Prinzen Maximilian zu Wied-Neuwied (mit ein Kupfertafel) von dem Prinzen Maximilian zu Wied-Neuwied (mit em Kupfertafel)*. In.: *Nova Acta Physico-Medica Academiae Caesareae Leopoldino-Carolinae Naturae Curiosorum*, 1820. 11:12, p. 342-350.; *Brésil*. Francfort sur le Mein: Henri Louis Bronner, 1853.; *Kurze Nachricht über den Gang meiner Reise in Brasilien zwischen dem 13. und dem 23. Grad südl. Breite*. In.: *Isis. Okens Encyclopädische Zeitung*. Jena (2), 1817. p. 1513-1523.; *Naturhistorische Reise in Brasilien des Prinzen Max von Neuwied: Cabo Frio, den 4. Sept. 15; Villa de San Salvador, 30. Sept. 15; den 13. oktober; Espírito Santo, 29. Nov. Brief an Dr. Sch. in Zürich*. In.: *Isis, Okens Encyclopädische Zeitung*, Jena (2), 1817. p. 937-948. ; *Reise des Prinzen Maximilian von Neuwied nach Brasilien*. In.: *Morgenblatt für gebildete Stände*. Tübingen, (2), 1815. p. 1045 e 1050.; *Über einige Fabeln in dez Zoologie*. In.: *Archiv für Naturgeschichte*, Berlin, 27(1), 1861. p. 8-14.

⁴³ A saber: *Abbildungen zur Naturgeschichte Brasiliens, herausgegeben von Maximilian, Prinzen von Wied-Neuwied*. Recueil de planches coloriées d'animaux du Brésil, publié par S.A.S. Le Prince Maximilien de Wied-Neuwied. Weimar: im Verlage des Grossherzogl. Sächs. priv. Landes-Industrie-Comptoirs, 1822-1831. E, já no século XX: *Viagem ao Brasil 1815-1817*. Excertos e ilustrações. Introdução de Josef Röder e Herbert Baldus. Texto e gravuras selecionados por Ariosto Augusto de

Talvez o que mais chame atenção seja a grande quantidade de edições em outras línguas do relato de viagem de Maximiliano ao Brasil, praticamente simultâneas ao original publicado em 1821. A primeira edição francesa foi feita sob os auspícios do Príncipe Maximiliano. Entretanto, em decorrência de desavenças com o naturalista e viajante francês Auguste de Saint-Hilaire⁴⁴, Maximiliano publicou correções à esta primeira edição, que dizem respeito essencialmente a terminologia e a classificação de algumas espécimes dentro do sistema lineano⁴⁵.

Curiosamente, apesar do relato de viagem de Maximiliano tratar do Brasil, a primeira tradução do texto para o português somente foi publicada em 1940, pela Companhia Editora Nacional, integrando a Coleção Brasileira. Segundo o prefácio a esta edição, escrito por Olivério Pinto, “Em português, não consta que haja aparecido alguma tradução antes da presente, feita primitivamente da edição francesa e depois pelo anotador refundida perante texto da edição alemã in-oitavo, que reproduz tão fielmente quanto possível.”⁴⁶. Esta tradução, entretanto, assemelha-se mais a uma interpretação do diário de Maximiliano, sem levar em consideração sua data de produção, do que uma tradução “fiel” e aproximada do original.

Oliveira. São Paulo: Melhoramentos, 1969.; Viagem do Príncipe Maximiliano de Wied ao Brasil (1816-1818). Tiragem especial da *Revista do Arquivo*. São Paulo: Departamento de Cultura, Secretaria de Educação e Cultura do Município de São Paulo, 1938.; KOPPEL, Susanne (bear.). *Brasilien-Bibliothek der Robert Bosch GmbH: Katalog*. Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 1986-1991.; LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit (reds.). *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa Editorial, 2001.; RODER, Joseph und TRIMBORN, Herman. *Maximilian Prinz zu Wied. Inveröffentliche Bilder und Handschriften zur Völkerkunde Brasiliens*, Bonna: Dümmlers Verlag, 1954.

⁴⁴ “Vinte anos mais tarde, o príncipe, ainda indignado com os escritos de Saint Hilaire, atacou-o numa publicação de correções ao seu próprio livro, *Viagem ao Brasil*. Considerando, todavia, que a maioria das falhas era de responsabilidade do tradutor da obra para o francês, Maximiliano exprime a sua indignação: ‘Um dito viajante francês refere-se muitas vezes a este trabalho em tom de censura, dando margem a que o leitor possa suspeitar de que tenha havido superficialidade ou falhas de observação por parte do autor, ou que este tenha sido pouco consciencioso nos seus registros. [...] O autor considera seu dever, tanto para com os possuidores da obra, como no que respeita à sua própria reputação, tornar públicas as seguintes retificações, às que se poderão depois fazer muitos reparos de natureza científica.’ PIJNING, Ernest. O ambiente científico da época e a viagem ao Brasil do príncipe alemão Maximiliano de Wied-Neuwied. *In.: Revista Oceanos*, Lisboa, nº 24, out/dez 1995. p. 28.

⁴⁵ As notas e correções foram publicadas em alemão, francês e em português: NEUWIED, Prinz Maximilian von Wied. *Brasilien. Nachträge, Berichtigungen und Zusätze zu der Beschreibung meiner Reise im östlichen Brasilien*. Frankfurt am Main: Druck und Verlag von Heinrich Ludwig Brönnner, 1850.; em francês, NEUWIED, Prinz Maximilian von Wied. *Quelques corrections indispensables a la traduction Française de la Description d’un Voyage au Brèsil par le Prince Maximilien de Wied*. Frankfurt am Main, 1853.; e em português, WIED-NEUWIED, Prinz Maximilian von. *Acréscimos, correções e notas à minha Viagem ao leste brasileiro*. traduzido e anotado por Olivério Mário de Oliveira Pinto. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Pesquisas, 1960.

⁴⁶ PINTO, Olivério. Prefácio à 1ª edição. *In.: WIED-NEUWIED. Maximiliano, Príncipe de. Viagem ao Brasil*. Trad. Edgar Süsskind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1ª ed. 1940. p. 5.

O fato do diário de viagem de Maximiliano ter sua tradução brasileira tão posterior – em contraposição ao afloramento de traduções nas línguas européias - nos leva a crer que, pelo menos diretamente, Maximiliano não escreveu para leitores brasileiros⁴⁷. Tal afirmação parte da idéia que toda narrativa pressupõe um leitor, e que o significado deste escrito é produzido por cada leitor, a cada leitura, em suas múltiplas formas, tal qual teorizado sobretudo pela Escola de Constance, através da *Rezeptionsästhetik*, ou “estética da recepção”, cujos principais expoentes são Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser⁴⁸. Ademais, ainda segundo Jauss, este leitor tem um *horizonte de expectativas* composto por sua formação cultural, suas leituras prévias, etc⁴⁹.

No caso específico da literatura de viagem sobre a América, há uma ampla circulação de livros a respeito, que podem ser de um modo geral divididos em duas fases: entre os séculos XVI e XVIII, durante os quais se produzem textos sobre as “maravilhas” da América, que incluem imagens de s canibais, descrições genéricas e pouco fidedignas, atribuição de nomes gerais às s (caso do binômio Tupi-Tapuia), como é o caso do livro de Hans Staden; e a partir do final do século XVIII e início do XIX, marcado pela preocupação com a história natural, com a nomenclatura e descrição da fauna, flora e população nativa, bastante influenciado pela *Naturphilosophie* dos românticos alemães, e cujo marco é, para a América de um modo geral, a expedição de La Condamine, e para a América portuguesa, a viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira⁵⁰. Levando-se em conta, ademais, os textos produzidos pelos

⁴⁷ A viagem de Maximiliano ao Brasil, assim como citações e análises sobre seus escritos, podem ser encontradas na produção historiográfica brasileira a partir do final do século XIX, e sobretudo a partir da década de 30 do século XX, tanto por sua relevância histórico-social quanto pelas importantes observações sobre a fauna e a flora brasileira.

⁴⁸ “L’analyse de l’expérience littéraire du lecteur échappera au psychologisme dont elle est menacée si, pour décrire la réception de l’œuvre et l’effet produit par celle-ci, elle reconstitue l’horizon d’attente de son premier public, c’est-à-dire le système de références objectivement formulable qui, pour chaque œuvre au moment de l’histoire ou elle apparaît, résulte de trois facteurs principaux: l’expérience préalable que le public a du genre dont elle relève, la forme et la thématique d’œuvres antérieures dont elle présuppose la connaissance, et l’opposition entre langage poétique et langage pratique, monde imaginaire et réalité quotidienne.” JAUSS, H. R. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 2005. p. 54.

⁴⁹ Nas palavras de João Adolfo Hansen, “Para que uma leitura se especifique como leitura literária, é consensual que o leitor deva ser capaz de ocupar a posição semiótica do destinatário do texto, refazendo os processos autorais de invenção que produzem o efeito de fingimento.” HANSEN, João Adolfo. “Reorientações no campo da leitura literária”, in ABREU, Márcia e SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.) *Cultura letrada no Brasil. Objetos e práticas*. São Paulo: FAPESP, 2005, p. 19.

⁵⁰ Esta divisão tem como base os trabalhos de Mary Louise Pratt, *op.cit.*, e alguns apontamentos feitos por Sergio Buarque de Holanda em *Visão do Paraíso*. PRATT, Mary Louise. *Olhos do Império... Op. cit.* e HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

jesuítas, por exemplo, há um considerável número de imagens, idéias, mesmo que errôneas, circulando a respeito da América na Europa.

Maximiliano descreveu costa atlântica brasileira como sendo despovoada, virgem, sem as nefastas influências européias, apesar desta ser a principal área ocupada do território português na América. Em outros trechos de seu diário⁵¹, diz-se encantado com a perspectiva de conhecer pela primeira vez os verdadeiros nativos da terra, referindo-se aos índios da aldeia de São Lourenço – cujo nome certamente não tem origem nativa, e sim diz respeito a um dos aldeamentos próximos à cidade do Rio de Janeiro, que tinha sido constituído após a guerra de expulsão dos franceses. Aqueles verdadeiros nativos em realidade estavam em constante contato com os europeus a pelo menos 150 anos.

Segundo Robert Darnton, a partir dos estudos feitos Daniel Roche e Michel Marion, é possível perceber que “romances, livros de viajantes e obras de história natural tendiam a desalojar os clássicos nas bibliotecas de nobres e burgueses abastados”⁵². A quantidade de traduções para a obra de Maximiliano, listadas acima, em tão curto prazo de tempo, e a repercussão de seus relatos sobre a fauna e a flora brasileira parece confirmar esta informação.

Levando em consideração os conceitos propostos por Jauss, é possível imaginar que para um europeu do século XIX, qual seja um nobre ou burguês abastado, deparar-se com uma costa leste brasileira plenamente ocupada, em constante interação com o mundo atlântico, cuja população nativa interage há três séculos com europeus e negros, no âmbito social e sobretudo, econômico, em um relato de viagem não faz parte de seu horizonte de expectativas. E estas expectativas não se restringem às classes mais abastadas, já que, de acordo com Roger Chartier, “A segunda revolução na leitura ocorreu durante a era da impressão, mas antes da industrialização da produção do livro. Tal revolução, ocorrida na Alemanha, Inglaterra, França e Suíça durante o século XVIII, apoiou-se em diferentes circunstâncias: crescimento na produção do livro, que triplicou ou quadruplicou entre o início do século e os anos 80, a multiplicação e transformação dos jornais, o triunfo dos livros de pequeno formato e a proliferação de instituições (sociedades de leitura, clubes do livro, bibliotecas de empréstimos), que tornaram

⁵¹ NEUWIED, Maximilian von Wied. *Op. cit.* p. 38.

⁵² DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette. Mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 151.

possível ler livros e periódicos sem ter que comprá-los.”⁵³. Muitas das edições do relato de Maximiliano são feitas em formas mais acessíveis – edições com ou sem imagens, com ou sem mapas, com ou sem gravuras, etc.

⁵³ CHARTIER, Roger. “As Revoluções da Leitura no Ocidente”, in ABREU, Márcia (org). *Leitura, História e História da Leitura*. São Paulo: FAPESP, 1999. p. 24.

1.3 A sistematização da natureza em *Viagem ao Brasil*: os outros grupos e os Botocudos

As descobertas da natureza feitas por viajantes naturalistas como Maximiliano, entretanto, não permanecem no âmbito da produção científica do conhecimento. Segundo Mary Louise Pratt, “Se a história natural foi inquestionavelmente constituída dentro e por meio da linguagem, foi também um empreendimento que se concretizou em vários aspectos da vida material e social. A crescente capacidade tecnológica da Europa foi desafiada pela demanda por melhores meios de preservação, transporte, exposição e documentação de espécimes; as especializações artísticas do desenho em botânica e zoologia se desenvolveram; tipógrafos foram levados a aprimorar a reprodução gráfica; relojoeiros eram procurados para inventar e prover a manutenção dos instrumentos; empregos foram criados para cientistas em expedições coloniais e postos coloniais avançados; redes de patrocínio financiavam as viagens científicas e os escritos subseqüentes; sociedades amadoras e profissionais de todos os tipos proliferavam local, nacional e internacionalmente⁵⁴; as coleções de história natural adquiriram prestígio e valor comercial; jardins botânicos tornaram-se espetáculos públicos de larga escala, e o trabalho de supervisioná-los transformou-se no sonho do naturalista.”⁵⁵. A sistematização da natureza passou a ser de interesse de todos – e sobretudo, dos governos das potências européias do final do século XVIII e início do XIX⁵⁶.

Em *Viagem ao Brasil*, a sistematização da natureza perpassa os seguintes estágios. Primeiramente, Maximiliano oferece a descrição física do local visitado, incluindo dados geográficos sobre a latitude e longitude, formações rochosas, terreno e afins. Inicia, então, sua descrição da flora e fauna local, com bastante detalhes à respeito de suas caçadas, os animais que mata para adicionar em sua coleção e aqueles que

⁵⁴ Sobre estas sociedades, ver HARRISON, Carol E. Citizens and Scientists: Towards a Gendered History of Scientific Practice in Post-revolutionary France. *In.: Gender & History*. vol. 13, no. 3, nov. 2001, p. 444-480.

⁵⁵ PRATT, Mary Louise. *Op. cit.*, p. 62.

⁵⁶ “Viajantes e naturalistas europeus estiveram nas Américas desde a segunda metade do século XVIII até fins do século XIX, pesquisando e recolhendo elementos de história natural com objetivos classificatórios e taxonômicos. Paralelamente, coletavam objetos artesanais, invariavelmente conduzidos para a Europa e depositados em instituições públicas, onde se transformavam em fontes de informação, integradas ao universo do homem ocidental.” RIBEIRO, Berta G. VELTHEM, Lúcia van. Coleções etnográficas. Documentos materiais para a história indígena e etnologia. *In.: CUNHA, Manuela Carneiro da. História dos Índios... Op. cit.*, p. 104.

desconhecia ou que só conhecia com base em suas leituras prévias. O próximo passo diz respeito à descrição da população que ocupa o local visitado. Se for ocupada por brasileiros – a saber, na visão de Maximiliano, os não-índios – tem início a descrição da arquitetura e construções do local. Se for ocupada por índios, a passagem entre a descrição da flora e da fauna e para a da população é bastante tênue, pois começa com a descrição da cultura material e das pessoas, quase como se fossem parte da mesma natureza do quadro que Maximiliano está pintando.

O primeiro tomo de *Viagem ao Brasil* trata desde a chegada de Maximiliano ao Rio de Janeiro até os primeiros contatos de Maximiliano com os índios Botocudos, tanto na região do Rio Doce quanto no Rio Grande de Belmonte, onde permanece em quartéis militares circundados por territórios ocupados por índios Botocudos. Vale ressaltar que o diário foi escrito por Maximiliano após sua viagem, com base em anotações que fazia em seus cadernos e gravuras.

Em seu diário, Maximiliano encontra-se com os ‘Botocudos’ em dois momentos distintos; com os de rio Doce, e com os do rio Grande, com os quais passa alguns meses, e onde conhece Guack⁵⁷, ‘Botocudo’ desta região. Sua opção pela permanência no rio Grande de Belmonte se dá por conta da paz estabelecida entre os índios e os colonos; e pelo fato dos primeiros viverem ao redor dos postos militares da região. Ademais, sua descrição diz respeito à caracterização étnica dos índios, seus hábitos, e modo de viver em sociedade, inseridos em um capítulo à parte em relação ao restante do diário – enquanto os capítulos do diário seguem a trajetória percorrida, este capítulo inicia o segundo tomo do livro, entre a estadia entre os ‘Botocudos’, último capítulo do primeiro tomo, e o início do retorno à Europa, via Salvador, segundo capítulo do segundo tomo. Ao longo de todo o primeiro tomo de seu diário, os grupos indígenas visitadas ou com as quais Maximiliano se depara aparecem descritas em meio aos territórios ocupados. São, portanto, tidos por Maximiliano como parte da natureza, mas têm alguns graus de civilização. Ao final do primeiro tomo, Maximiliano descreve sua estadia entre os índios Botocudos, nos capítulos intitulados “Viagem de Caravelas ao Rio Grande de Belmonte” (cap. X) e “Estadia no Rio Grande de Belmonte” (cap. XI). A única exceção se dá em relação aos índios Botocudos, que não só recebem atenção

⁵⁷ Vale colocar, aqui, comentário de Câmara Cascudo a respeito de Guack: “Um índio Botocudo afeiçoou-se de tal forma a Wied que este o levou para a Europa. Foi o jovem Quêck, tema de variados estudos na Alemanha e que chegou a falar fluentemente o idioma de seu amo. Com Quêck o príncipe levou igualmente um negro que o servira.” CASCUDO, Luis da Câmara. *O Príncipe... Op. cit.*, p. 32.

especial nos capítulos acima-mencionados, mas também são tema do primeiro capítulo do segundo tomo, intitulado “Algumas palavras sobre os Botocudos”⁵⁸. Assim como em toda sua viagem, Maximiliano teve que recorrer ao conhecimento e contatos locais para poder percorrer o território viajado, sobretudo através dos índios que se unem à sua expedição. No caso peculiar dos índios Botocudos, quem exerce este papel é Guack (ou Quack, ou Gueck, as três grafias são utilizadas em momentos diferentes), cuja posição é crucial para melhor compreender a relação entre viajante e viajado, conforme proposto por Mary Louise Pratt.

Em *Uncertain Refuge: Frontier Formation and the Origins of the Botocudo War in Late Colonial Brazil*⁵⁹, Hal Langfur analisa a política oficial na América portuguesa, desde o início do século XVIII, até meados do XIX, em relação ao espaço geográfico denominado “sertão”⁶⁰, e, especificamente, em relação à ocupação deste espaço tanto por parte de seus habitantes nativos quanto pelos europeus. Esta análise se dá por meio de decretos oficiais e sobretudo por mapas feitos da região entre os séculos acima mencionados, tendo como fio condutor a ocupação do sertão e o embate entre os colonizadores e os habitantes nativos, durante o período compreendido entre a ‘queda’ do ciclo do ouro e a ‘ascensão’ do ciclo do café.

Segundo Langfur, ao longo do século XVIII, proibiu-se a circulação pelo sertão com o intuito de atenuar a ação de contrabandistas e mercadores de ouro provenientes da região das minas. A transformação do sertão em ‘terra proibida’, povoada por índios ‘tapuias’, entretanto, torna-se problemática à medida que o ouro torna-se cada vez mais esparsa e a colonização do sertão necessária à continuidade das atividades da região e como seu ‘futuro’ possível, sua próxima arrancada. Neste sentido, a mistificação dos Botocudos, assim como dos demais grupos indígenas que ocupavam a região, tidos como hostis, que outrora tivera o intuito de manter possíveis colonizadores longe da região, passa a ser barreira necessária – mas superável – às inúmeras riquezas do sertão,

⁵⁸ Os demais capítulos dos tomos dizem respeito ao restante da viagem. O apêndice trata de sugestões oferecidas por Maximiliano “Sobre a maneira de se empreenderem no Brasil viagens relativas à história natural”, e contém vocabulários dos povos indígenas mencionados no diário e um mapa do Brasil com o traçado dos locais percorridos.

⁵⁹ LANGFUR, Hal. *Uncertain Refuge: frontier formation and the origins of the Botocudo War in late colonial Brazil*. *Hispanic American Historical Review*, 82:2 (2002), p. 215-256.

⁶⁰ Neste texto, utilizaremos a dimensão geográfica conferida ao sertão pelo próprio Hal Langfur, tendo Minas Gerais como centro desta “expansão”.

a serem descobertas, e assim, a serem a nova arrancada de prosperidade da capitania de Minas Gerais⁶¹.

Através de seu relato, Maximiliano oferece uma espécie de cartilha a respeito dos ‘Botocudos’, legitimada pela sua posição não só como naturalista, mas, sobretudo como europeu, como o “outro”, vítima potencial de seu oposto “selvagem”. A este respeito, afirma: “Os europeus são ainda muito fracos nas imensas matas do Brasil oriental; fossem os selvagens unidos entre si e se juntassem todos para atacar o inimigo comum, e a costa não tardaria a cair novamente em seu poder, uma vez que muitos deles, fugidos das cidades conhecem bem os pontos fracos dos europeus.”⁶². Seria preciso, portanto, colonizar, garantir a supremacia européia antes que a região tão promissora pudesse cair novamente nas mãos de seus habitantes nativos.

⁶¹ “Between the 1760s and 1820s, local elites, slaves, impoverished settlers, and seminomadic indigenous peoples engaged in a violent contest for land and resources, radiating outward from the mining district’s major towns. Throughout the vast hinterlands of Minas Gerais, this conflict sometimes smoldered, sometimes flared, accompanying the primary instance of frontier migration during Brazil’s transition from colony to nation; yet, both this conflict and the migration itself have gone virtually unstudied, subject to the long-standing scholarly tendency to emphasize Brazil’s coastal populations and export matrices. [...] Although present in virtually every zone in which settlement occurred, indigenous resistance would peak in the rugged, mountainous zone, then still blanketed by the great Atlantic forest, wedged between the inland mining district and the Atlantic coast.” LANGFUR, Hal. *Op. cit.*, p. 216-217.

⁶² WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 302.

1.4 Maximiliano, Guack e os Botocudos: construção de afinidades

É no primeiro capítulo do segundo tomo que o principal interlocutor de Maximiliano no que tange sua interpretação dos índios Botocudos aparece; ao longo deste capítulo que as opiniões proferidas pelo príncipe são constantemente cotejadas e legitimadas por Guack, índio que o acompanha desde a estadia na região de Belmonte⁶³.

Se aos olhos de Maximiliano, os Botocudos são passíveis de serem civilizados, acreditamos que Guack desempenha um papel importantíssimo neste processo. Ao longo do primeiro tomo do diário de viagem, os Botocudos aparecem como criaturas selvagens e de extrema fealdade:

“A vista dos “Botocudos” causou-nos indescritível espanto; nunca viramos antes seres tão estranhos e feios. Tinham o rosto enormemente desfigurado por grandes pedaços de pau, que atravessavam no lábio inferior e nas orelhas: destarte, o lábio inferior fica muito projetado para a frente, e as orelhas de alguns pendem como azas largas sobre os ombros: os corpos bronzeados estavam completamente sujos. [...] Muitos deles tiveram varíola havia pouco: ainda estavam completamente cobertos de cicatrizes e crostas, que, somando-se à grande magreza trazida pela doença, aumentavam ainda mais a fealdade natural.”⁶⁴

Além das descrições físicas⁶⁵, Maximiliano oferece explicação ao uso e rituais envolvendo a ornamentação do batoque, ao corte de cabelo, às partes sexuais⁶⁶, pinturas de corpo, caráter moral, utensílios, língua, rituais mortuários e habitação. Em relação às

⁶³ “Quäck entrementes já fazia parte da expedição, como também Antônio Tira-Cru, o cozinheiro, que Wied representou de costas com sua espingarda, um chifre de pólvora e um cantil d’água.” LÖSCHNER, Renate. Introdução. *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa Editorial, 2001, p. 31.

⁶⁴ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.* p. 175. Maximiliano leva um crânio de um jovem Botocudo de volta para a Alemanha e o entrega ao gabinete de um de seus principais mentores, Blumenbach. Segundo Manuela Carneiro da Cunha, quando este analisa o crânio, “o classifica a meio caminho entre o orangotango e o homem.” CUNHA, Manuela Carneiro da. *Política Indigenista... Op. cit.* p. 133.

⁶⁵ “A antropologia física do passado foi muito influenciada pelo conceito de “tipo”. A partir de observações em uma população chegava-se a uma abstração, constituída pelo que o pesquisador considerava como a melhor (ou ideal) representação da mesma.” SALZANO, Francisco M. O Velho e o Novo. Antropologia física e história Indígena. In.: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos Índios... op. cit.*, p. 32.

⁶⁶ Ao comentar sobre as partes sexuais, Maximiliano parece lembrar da tese de Buffon de que os índios americanos, assim como os animais da região, estavam fadados ao desaparecimento pois eram pequenos e tudo neles, deste modo, era pequeno. (Cf. GERBI, Antonello. *La disputa del Nuevo Mundo. Historia de una polémica 1750-1900*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1993.): “Os órgãos sexuais masculinos parece serem sempre de tamanho medíocre nos povos nativos da América do Sul; desse ponto de vista dá-se com eles o contrário do que acontece com as tribus africanas da raça etiópica, como no-lo informa Blumenbach.” WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op.cit.*, p. 278.

demais grupos, para Maximiliano os Botocudos são destituídos de gosto artístico, têm algum grau de civilização, pois não fazem deformações em seus corpos, mas não deixam de ser selvagens, quase animais e extremamente preguiçosos, praticamente movidos à comida e aguardente⁶⁷. Vez por outra, Maximiliano deixa escapar sua ingenuidade perante os mitos e histórias que escuta sobre os Botocudos e seu preconceito em relação aos negros; apesar de ao longo de todo o diário insistir em dizer que nunca presenciou cenas antropofágicas por parte dos Botocudos, ele diz: “Seja como for, como espero mostrar adiante, esses selvagens não podem ser isentados da culpa de comer carne humana; parece, todavia, certo, que não o fazem por achá-la mais saborosa, senão que raramente se entregam a essa inqualificável abjeção, e só com o fito de satisfazer a sede de vingança. Tem-se dito que os “tapuias” preferem a qualquer outra a carne dos negros; nada posso decidir a tal respeito, mas é também crença que os Botocudos tem os negros como uma espécie de macacos, chamando-os por isso macacos da terra.”⁶⁸.

Em seu diário, Maximiliano encontra-se com os ‘Botocudos’ em dois momentos distintos: com os de rio Doce, e com os do rio Grande, onde conhece Guack⁶⁹. A primeira afirmação feita por Maximiliano a respeito dos ‘Botocudos’⁷⁰ é que esta denominação é européia, que eles teoricamente descendem dos ‘Aimoré’, mas que tampouco se sabe sobre estes⁷¹. A seguir, delimita de certo modo a localização

⁶⁷ “Uma vez instalados, a necessidade mais imperiosa dos selvagens é a alimentação; não há limites ao seu apetite, pelo que comem com grande avidez e, enquanto comem, são cegos e surdos para tudo quanto se passa ao redor. Para conseguir a sua amizade, basta que se lhes encha bem o estômago, e, si a isso se acrescentar algum presente, ter-se-á como certa a sua dedicação.”. WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op.cit.*, p. 285.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 286.

⁶⁹ Comentário de Câmara Cascudo a respeito de Guack: “Um índio Botocudo afeiçoou-se de tal forma a Wied que este o levou para a Europa. Foi o jovem Quêck, tema de variados estudos na Alemanha e que chegou a falar fluentemente o idioma de seu amo. Com Quêck o príncipe levou igualmente um negro que o servira.” CASCUDO, Luis da Câmara. *O Príncipe... op.cit.*, p. 32.

⁷⁰ Os demais capítulos dos tomos dizem respeito ao restante da viagem. O apêndice trata de sugestões oferecidas por Maximiliano “Sobre a maneira de se empreenderem no Brasil viagens relativas à história natural”, e contém vocabulários dos povos indígenas mencionados no diário e um mapa do Brasil com o traçado dos locais percorridos.

⁷¹ Sobre a ocupação do sertão leste, Hal Langfur afirma, “It was, however, especially in the Eastern Sertão that Indians continued to keep the territorial ambitions of colonial society in check. The Puri resolutely held the southern reaches of this tropical and subtropical forest separating Minas Gerais from the Atlantic coast. Their domain stretched from the Paraíba River to the low mountains of the Mantiqueira range and the upper reaches of the Doce River. Ranging roughly from north to south, the Kamakã, Pataxó, Kopoxó, Kutaxó, Monoxó, Kumanaxó, Panhame, Maxakali, Malali, and Makoni inhabited the forests dividing Minas Gerais from coastal Bahia and Espírito Santo, including portions of the Pardo, Jequitinhonha, Mucuri, São Mateus and Doce river valleys. Vying for the territory of these groups, moving across a vast expanse of mountainous terrain extending from the Pomba River north to the Pardo River and beyond, the Aimoré or Botocudo, as they were increasingly called after the middle of the

geográfica onde os ‘Botocudos’ podem ser encontrados: próximos ao rio Doce e ao rio Grande de Belmonte. Maximiliano, então, faz rápida referência à guerra iniciada por D. João VI em relação aos ‘Botocudos’; é justamente em relação à guerra que reside a principal diferença entre os ‘Botocudos’ do rio Doce e os de Belmonte. Os ‘Botocudos’ de rio Doce ainda estão em conflito com os colonos, sendo necessária a constante vigília por parte dos postos militares, enquanto que os ‘Botocudos’ de Belmonte já estão convivendo em paz com os colonos. Sobre o rio Doce, onde há oito postos militares, Maximiliano afirma:

“[...] A tribo dos ‘Botocudos’ (assim chamada pelos europeus) vagueia nas florestas, à beira do rio Doce, até as nascentes deste na Capitania de Minas Gerais.

Esses selvagens se distinguem pelo costume de comer carne humana e pelo espírito guerreiro: têm oferecido, até agora, obstinada resistência aos portugueses. Se algumas vezes se mostraram amigáveis em certo lugar, cometeram excessos e hostilidades em outro; daí nunca ter havido um entendimento duradouro com eles. Muitos anos atrás, existia um posto militar (‘destacamento’) de sete soldados a oito ou dez léguas do rio Doce acima, no local onde hoje se ergue a ‘povoação’ de Linhares; esse posto estava guarnecido com uma peça de canhão para proteger a projetada estrada nova para Minas. A peça, a princípio, manteve os selvagens à distância, mas, à proporção que foram conhecendo melhor os europeus e suas armas, os temores desapareceram. De uma feita assaltaram repentinamente o “quartel” mataram um dos soldados, e teriam apanhado e massacrado os outros, se estes não fugissem, e procurassem escapar pelo rio, tomando uma canoa, que aconteceu justamente vir chegando com salvação. Não podendo alcançá-los, os selvagens encheram o canhão de pedras e retirar-me para as selvas.”⁷²

Parece-nos bastante significativa a escolha de Maximiliano em descrever a região ocupada pelos ‘Botocudos’ com os quais já se obteve paz. Maximiliano obteve passaportes e autorizações para entrar no Brasil do ministro Conde da Barca. À página 171 do diário, Maximiliano afirma que “o ministro possui consideráveis trechos de terras nesses rincões, às margens do Mucuri, tendo-se tomado medidas para protegê-los dos selvagens.”. Obter condições de paz, em um momento onde é necessário desbravar uma região geográfica, parece ser requisito mínimo; de modo que romper com o mito em torno dos ‘Botocudos’, de comedores de carne humana, selvagens e ameaçadores, se torna imprescindível.

eighteenth century, blocked settlement and exploration for new gold and diamond deposits.” LANGFUR, Hal. *Op. cit.*, p. 223.

⁷² WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 149-151.

Através de seu relato, Maximiliano oferece uma espécie de cartilha a respeito dos ‘Botocudos’, legitimada pela sua posição não só como naturalista, mas, sobretudo como europeu. Seria preciso, portanto, colonizar, garantir a supremacia européia antes que a região tão promissora pudesse cair novamente nas mãos de seus habitantes nativos.

Para tal, Maximiliano oferece sua solução em relação aos ‘Botocudos’: “Para cima do Belmonte, no território de Minas Novas, há outro lugar em que os ‘Botocudos’ fizeram plantações; daí também se retiraram novamente para as florestas, tendo os Maxacaris fundado no lugar uma aldeia ou grande ‘rancharia’. Esses exemplos mostram que os ‘Botocudos’ já se vão aproximando da civilização, mas provam, igualmente, que lhes é muito difícil renunciar à vida natural de nômades caçadores, de vez que abandonam com tanta facilidade as plantações feitas por eles mesmos. Somente o aumento da população européia e a diminuição dos terrenos de caça podem induzi-los a uma mudança gradual do modo de vida.”⁷³.

Civilizar, no sentido de estabelecer-se de maneira fixa em um território, com o auxílio e a presença dos europeus, parece ser a opção oferecida por Maximiliano para conseguir lidar com o sertão. Hal Langfur aponta para esta perspectiva⁷⁴.

⁷³ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 242.

⁷⁴ “By the turn of the nineteenth century, a growing consensus identified the opening of both the Doce and Jequitinhonha river valleys, not only to gold and diamond exploration but to all manner of commerce, as nothing less than a necessity for future prosperity. The long-held notion that the wilderness barrier served the interests of the state was steadily giving way to the conviction that little had been attempted by way of territorial expansion, that Indian resistance had been largely responsible for frustrating moves to exploit the region’s wealth, and that trade with the coastal population and the wider Atlantic world, not hidden gold, held the key to restoring the captaincy to its former prosperity.”. LANGFUR, Hal. *Op. cit.*, p. 240-241.



Figuras 2 e 3. RICHTER, Johann Heinrich. “Retrato do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied com o Botocudo Quack”. (assinado e datado 1828). Óleo sobre tela, 210 x 126 cm; e Príncipe Karl de Wied-Neuwied. “Figura de busto do botocudo Quack.”. (por volta de 1830). Óleo sobre tela, 62 x 51,5 cm. LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit (reds.). *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa Editorial, 2001.

Entretanto, já nas primeiras páginas do primeiro capítulo do segundo tomo, eis o que Maximiliano tem a dizer sobre eles, após justificar a sua escolha em tratar dos Botocudos por conta dos poucos escritos verossímeis que se tem:

“A Natureza dotou esses índios de boa compleição, sendo eles melhor conformados e mais belos do que os das demais tribos. Apresentam, em geral, estatura mediana, não obstante apresentarem alguns porte mais avantajado. São fortes, em regra largos de peito e espadaúdos, mas sempre bem proporcionados; mãos e pés delicados. Como nas outras tribos, têm traços fisionômicos muito salientes, as maçãs do rosto grandes, o rosto às vezes achatado, mas, ainda assim, não de raro bastante regular; olhos, na sua maioria, pequenos, às vezes grandes, mas em geral pretos e vivos; lábios e nariz de ordinário grossos. Contam que também alguns existem com olhos azuis, referindo-se a propósito o caso da mulher de um chefe do Belmonte, tida como de grande beleza pelos seus conterrâneos.”⁷⁵

De criaturas horrendas, passam a ser mais belos que os demais grupos. E como se não bastasse, alguns têm inclusive olhos azuis. Estes são os primeiros indícios da construção de afinidades com os Botocudos – assim como as descrições da natureza tiveram início no âmbito físico, a aproximação de Maximiliano, e assim, dos europeus

⁷⁵ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op.cit.*, p. 274-275.

aristocratas, com os Botocudos, se dá pela beleza e pelos raros olhos azuis. Seja do ponto de vista cronológico, quanto da construção feita por Maximiliano de seu diário, a esta altura, Guack já fazia parte da expedição. Em *O Príncipe Maximiliano no Brasil*, Câmara Cascudo escreveu alguns parágrafos em suas notas sobre Guack:

“Quando o Príncipe Max de Wied chegou a Porto Seguro soube que o professor de latim, Morreisa de Pinka, possuía vários índios Botocudos que lhe deixara um senhor Aeridos Marcatina da Cunha. Depois de muitas tentativas de compra, recusadas pelo mestre-escola, zu Wied adquiriu do Morreisa um cavalo e uma espingarda e presenteou-o com um binóculo esplêndido. Rendido às amabilidades do explorador, o mestre De Pinka aceitou a venda e Quêck passou a ser propriedade de zu Wied. Acompanhou-o em todas as jornadas, caçando de flecha e sendo duma fidelidade a toda prova. [...] Era ágil, robusto, animado e grande caçador. Preferia sempre a espingarda ao arco. Nas caçadas seguia alegremente a comitiva fidalga, atirando aos coelhos e raposas. Só mandado é que tomava o velho arco e fazia tiros com flechas.”⁷⁶

À medida que oferece características genéricas, Maximiliano contrapõe algumas de suas colocações com aquilo que lhe é contado por Guack. Quando, por exemplo, diz que os Botocudos dançavam em suas festas, Maximiliano afirma, “Tem-se dito que para tornar uma festa perfeitamente alegre, homens e mulheres se reúnem em círculo e dançam; Queck porém, um de meus Botocudos afirmou-me nunca ter assistido dança dessa espécie. Em compensação, entregam-se a outros exercícios e divertimentos.”⁷⁷. Maximiliano passa a descrever estes “outros exercícios e divertimentos”, como se fizesse suas as palavras de Guack.

Ademais, ao discorrer sobre as constantes brigas entre os Botocudos e seus “vizinhos” – outros grupos indígenas e os colonos – Maximiliano reproduz aquilo que escutou em sua estadia na região de Belmonte, sempre referindo-se a Guack para fins de legitimação, como, por exemplo, ao descrever as práticas dos Botocudos quando venciam seus inimigos. “Na região do baixo Belmonte asseguraram-me que se acaso derrubam a flechadas um “pataxó” e cima de uma árvore, deixam-no apodrecer intacto sobre o solo. Esta asserção é todavia desmentida pelo depoimento de meu Botocudo Queck. Das numerosas hordas dessa tribo, que habitam o Rio Grande de Belmonte, algumas há que vivem em harmonia com os portugueses. Entram nesse número as dos chefes (“capitães”) Gipakeiu (Maciengieng), Jeparack, June (Kerengnatnuck) e ainda

⁷⁶ CASCUDO, Luis da Câmara. *O Príncipe... Op.cit.*, p.56-57.

⁷⁷ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 298.

uma quarta, que todos hoje podem acompanhar nas matas, sem receio.”⁷⁸. Após este testemunho de Guack, Maximiliano discorre sobre as reclamações de alguns Botocudos em relação a determinados chefes, muito provavelmente feitas pelo próprio Guack, e também sobre a maneira como é feita a “guerra contra os selvagens”⁷⁹. Ao fim, declara que os europeus ainda não têm força suficiente para tomar conta de toda a mata e alerta quanto ao perigo de que os “selvagens” por ventura se unam, e generaliza concluindo que estes meio de se lutar referem-se a todos os grupos indígenas na costa oriental do Brasil.

É neste momento que as palavras de Maximiliano voltam-se à questão da antropofagia, cerne de toda a discussão envolvendo os índios Botocudos. Maximiliano inicia sua colocação a este respeito afirmando que muitos observadores podem ter se enganado quanto à prática antropofágica por parte dos índios brasileiros já que “os membros dos macacos, depois de secos, assemelham-se muito aos das pessoas e poderiam ter passado como tais.”. Contudo, afirma também que nem por isso a prática antropofágica não seja comum, descrevendo as práticas dos tupinambás e demais índios da costa para rituais com este fim; Maximiliano chega inclusive a indicar em nota que se leia a “história verídica de Hans Staden” sobre o assunto. Por fim, afirma que “todas essas tribos tupis acham-se civilizadas nos dias de hoje, persistindo porém o hábito da antropofagia em algumas tribos de “tapuias”, como os Botocudos e os “Puris”.”. Novamente é Guack quem legitima esta sua afirmação:

“Quando se interrogavam os Botocudos de Belmonte sobre esse horrível costume, negavam sempre a sua existência entre eles; acrescentavam porém usarem-no ainda Jonué e outros compatriícios seus: que faria ele então dos braços e pernas cuidadosamente cortados aos inimigos mortos? Além disso, o que contou o jovem Botocudo Queck, tira qualquer dúvida a respeito. Durante muito tempo receou ele falar-me a verdade sobre o assunto; resolveu, porém, finalmente fazê-lo, depois que lhe assegurei saber que todos os da sua horda, no baixo Belmonte, haviam desde muito tempo abandonado aquele hábito. Contou-me então a cena que vou narrar, e de cuja verdade devemos tanto menos duvidas, quanto mais difícil nos foi conseguir dele a sua descrição.”⁸⁰

É evidente que os índios, Botocudos ou quaisquer outros, não afirmariam aos ventos, em plena época de disputas territoriais e perseguições, que praticavam antropofagia ou qualquer outro tipo de coisa que fossem negativas aos olhos dos

⁷⁸ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op.cit.*, p. 300.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 300-302.

⁸⁰ Todas as notas deste parágrafo remetem a *Ibidem*, p. 303.

portugueses e luso-brasileiros; se é que é sequer plausível tomar a possibilidade que a prática existia entre alguns indígenas como a norma geral para todos. Certamente havia rixas entre os índios aglomerados próximos a diferentes bases militares; um grupo acusaria o outro para obter benesses para si. Nos parágrafos que seguem o acima citado, Guack mais parece dizer com muitos detalhes aquilo que no fundo, Maximiliano queria ouvir e depois publicar para que outros europeus vissem, do que de fato poderia ter acontecido. Além disso, Guack há muito transitava entre os portugueses e luso-brasileiros, entre as bases militares – era tradutor da expedição, não só do ponto de vista lingüístico, mas também em relação aos modos e costumes – já estava muito próximo e inserido no contexto das disputas coloniais para ter presenciado qualquer tipo de cena de cunho antropofágico.

Guack torna a aparecer ao longo deste capítulo para questionar a afirmação dos portugueses de que os Botocudos conheciam remédios contra mordidas de cobras⁸¹, para negar a afirmação de Eschwege de que os Botocudos podem chegar a ser tão brancos quanto os europeus⁸², e para afirmar a sua crença na monogênese étnica dos grupos indígenas das Américas, apesar de afirmar que “é extremamente difícil decifrar o mistério da origem de muitos grupos raciais da América”⁸³. Maximiliano conclui o capítulo afirmando que os índios brasileiros estão muito aquém de muitos dos povos das Américas, inclusive daqueles visitados por Humboldt, e que os brasileiros pouco interesse despertam para fins de estudos⁸⁴:

“Muitos [povos mais adiantados do Novo Mundo] possuíam vastos domínios e uma cultura que ainda hoje causa espanto aos viajantes e de que nos dão idéia as belas ilustrações do livro de Humboldt. Quanto estão longe deles os brutos habitantes das matas virgens do Brasil! Reina aqui a mesma lei que entre os animais, e a maior força dos braços é a única superioridade reconhecida. Nenhum hieróglifo ou qualquer sinal gravado se encontra nos rochedos ou nos troncos seculares daquelas florestas, e os únicos monumentos erguidos pelos entes humanos que vivem nestas últimas são as choças efêmeras, feitas de galhos e incapazes de resistir às vicissitudes de um único ano.

⁸¹ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op.cit.*, p. 305.

⁸² “O Snr. v. Eschwege, diz que as crianças, ao nascer, não seriam de cor vermelha acobreada, ponto em que estou plenamente de acordo com ele; discordo, todavia, em que elas possam ser então, como ele afirma, perfeitamente brancas como nós. Nesse ponto baseio-me nas informações de meu Botocudo Queck.”. *Ibidem*, p. 310.

⁸³ *Ibidem*, p. 314.

⁸⁴ O restante do segundo tomo do diário diz respeito à viagem de Maximiliano rumo à Salvador; ao longo deste percurso, ele observa a atividade dos vaqueiros nas fronteiras com Minas Gerais, alguns outros grupos indígenas e chega a ser preso, confundido com um inglês, apesar de todas as suas cartas de recomendação. É solto ao chegar a Salvador, onde o próprio Conde da Barca lhe recebe e pede-lhe desculpas por todos os inconvenientes sofridos.

Os brasileiros, então, portadores de um boné de soldado português, perderam já sua originalidade e só pouco interesse despertam. Nunca vi neles algo de parecido com os selvagens da costa oriental.”⁸⁵

Paradoxalmente, justamente por estarem aquém das demais civilizações das Américas, é que Maximiliano se identifica com os grupos indígenas do Brasil, sobretudo os Botocudos, pelas suas características de resistência, honra e independência – temas caros ao romantismo alemão – ainda há chances de recuperá-los diante do desalento causado pelas mudanças ocorridas na Europa. Guack era a prova que Maximiliano precisava. Ele seria levado à Prússia junto com um negro, que padeceu de problemas cardíacos em 1820. A princípio, Guack fez todo um giro por diversas universidades e institutos para ser observado pelos cientistas e curiosas de plantão. Posteriormente, seria visitado por etnógrafos e professores já em Neuwied, mas não deixaria de ser vítima de espetáculos exóticos aos olhos dos alemães, como atirar flechas e cantar canções indígenas, em troca de dinheiro, para sustentar o vício que adquirira e que viria a matá-lo, em 1833 – o alcoolismo. Não sem antes ter diversos retratos pintados, a óleo, já ao gosto europeu, plenamente civilizado. Digno de toda pompa e circunstância aristocrática.

⁸⁵ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op.cit.*, p. 314.

Capítulo 2: O caminho percorrido no Brasil

O intuito deste capítulo é melhor compreender o primeiro tomo do diário escrito por Maximiliano, cuja divisão em capítulos é feita de acordo com os trechos percorridos pelo príncipe; conforme dito anteriormente, esta estrutura será mantida ao longo da dissertação.

Para além de uma breve introdução, o primeiro tomo do relato de viagem é dividido em onze capítulos e tem início com uma breve explicação sobre os antecedentes e os motivos pelos quais Maximiliano realizou sua viagem ao Brasil. Logo no início, o príncipe agradece a paz recentemente advinda no continente europeu, já que as guerras combatidas no final do século XVIII e as guerras napoleônicas, que alteraram significativamente o balanço de poder na Europa – e afetaram inclusive o próprio príncipe, que nelas lutou – haviam impedido muitos viajantes de realizarem seus propósitos, com exceção dos ingleses, pela sua localização e postura isolacionista e pela sua proximidade maior com Portugal. Maximiliano lembra, também, a felicidade de poder percorrer o Brasil sem impedimentos diplomáticos, algo que apenas se tornara possível após a abertura dos portos às nações amigas, em 1808.

Ainda na introdução, Maximiliano apresenta as fontes com as quais teve contato antes de sua viagem ao Brasil, que variam desde narrativas escritas por navegantes espanhóis e portugueses, até os relatos dos jesuítas e as informações compiladas pelos primeiros naturalistas que visitaram o Brasil. O príncipe cita as obras de George Marcgrave e de Giuliano Piso, do século XVII, uma das principais referências para os viajantes, até os escritos do século XIX, e cita “esse estado de coisas”⁸⁶, a não-abertura do Brasil às nações européias, como justificativa para a ausência de estudos sistemáticos sobre o Brasil.

Neste sentido, Maximiliano aproveita para adular Dom João VI pelas “intenções liberais de um rei esclarecido” e por seu “ministério de valor”, então chefiado pelo Conde da Barca, que “não somente permitiu a entrada de estrangeiros no país, como encorajou também suas pesquisas da forma mais generosa”⁸⁷. Assim como a falta de abertura do país servira de justificativa para a ausência de estudos sobre o Brasil, este “novo espírito” justifica e permite a vinda de naturalistas como o inglês John Mawe, cuja obra Maximiliano cita. Entretanto, Mawe não só teve permissão de visitar o país,

⁸⁶ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. Op. cit., p. 13.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 14.

como foi contratado pelo governo português para que o fizesse, afim de analisar as condições minerológicas da província de Minas Gerais, algo que Maximiliano deixa de mencionar. O príncipe então cita a obra de Wilhem von Eschwege, que versa sobre o estudo topográfico de Minas Gerais; Maximiliano aproveita para mencionar o auxílio oferecido abertamente por Eschwege aos demais viajantes.

A seguir, o príncipe escreve o tempo necessário para realizar viagens semelhantes à sua e sobre o interesse em pesquisar determinadas regiões e grupos indígenas. Ao seu ver, “o território de Minas Gerais já foi percorrido pelos Srs. Mawe e Eschwege; e se bem que o assunto não haja sido esgotado, é pelo menos em grande parte conhecido”. Destarte, Maximiliano justifica sua escolha por permanecer na “costa oriental do país, que ainda eram inteiramente desconhecidas ou que, até então, não tinham sido absolutamente descritas”. Ademais, é nesta região que encontram-se vários habitantes primitivos “em estado selvagem, sem terem sido perturbados pelos europeus, que gradualmente vão se espalhando por todas as direções. [...] é aí que ainda se podem observar esses povos em seu estado original”. Como veremos adiante, esta afirmação de Maximiliano não condiz com a realidade com a qual ele se deparou⁸⁸. Além disso, o príncipe afirma que tais grupos são conhecidas apenas em Portugal, e não no restante da Europa. Então, Maximiliano apresenta a clássica divisão dos índios entre índios mansos, e os desconhecidos, os chamados Tapuias.

O príncipe conclui sua breve introdução elogiando os esforços de alguns membros da Marinha em mapear o litoral brasileiro, e novamente agradece o governo português por seu apoio. Maximiliano então apresenta aos leitores os dois outros viajantes alemães que o acompanharam em sua jornada, Georg Wilhelm Freyreiss e Frederich Sellow. Por fim, elogia a obra de Alexander von Humboldt sobre a América do Sul espera que “estudiosos da história natural, da geografia, dos hábitos e costumes de cada povo, encontrarão nas minhas informações contribuição não totalmente despida de importância para os interesses da ciência e da humanidade”.⁸⁹

⁸⁸ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 15.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 17.

2.2 Viagem ao Brasil – Tomo I – Cap. I – “Travessia da Inglaterra ao Rio de Janeiro”

Tem início, então, o primeiro capítulo, intitulado “Travessia da Inglaterra ao Rio de Janeiro”. Nele, Maximiliano descreve a rotina do navio e as praias e portos pelos quais passam após a partida de Londres, sobretudo em virtude dos fortes ventos e tempestades com os quais se depararam no caminho.



Figura 4. *Tempestade durante uma viagem marítima.* Revista Oceanus, p. 15. A gravura é de autoria de Christian Haldenwang (1770-1831).

Ao final de maio de 1815, o Janus, navio a bordo do qual Maximiliano se encontra, chegou às proximidades da Ilha da Madeira, onde se depararam com navios ingleses anunciando que a Inglaterra havia declarado guerra à França. Inicialmente, a aproximação dos navios causara certo desconforto, mas ao saberem que eram ingleses todos logo se acalmaram, “Essa notícia nos causou vivas inquietações [...] mas os nossos alarmes logo se dissiparam; tratava-se de um navio inglês; ele se incumbiu de levar as nossas cartas para a Europa.”⁹⁰.

É importante ressaltar que ao deparar-se com a Ilha da Madeira, diferentemente das demais praias e portos pelos quais o Janus já havia passado, Maximiliano lança mão

⁹⁰ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 22.

do tipo de descrição e sistematização da natureza que irá permear toda a narrativa na *Viagem ao Brasil*, dando a entender que ao seu ver, por se tratar de uma colônia também portuguesa, a ilha da Madeira se enquadra no mesmo ‘mundo desconhecido’ que o Brasil. Primeiramente, Maximiliano oferece a descrição física do local visitado, incluindo dados geográficos sobre a latitude e longitude, formações rochosas, terreno e afins. Inicia, então, sua descrição da flora e fauna local, com base em suas leituras prévias. O próximo passo diz respeito à descrição da população que ocupa o local visitado. No caso, como Maximiliano ou os demais viajantes e a tripulação – ele alega que, “como não pretendíamos visitar Funchal, capital da ilha, continuamos a nossa viagem”⁹¹ – optam por não descer na Madeira, ele não se depara com seus habitantes, e destarte não há a descrição da população local.

“Na manhã de 27 de junho, durante o almoço, anunciou-se terra. Todos acorreram ao tombadilho para contemplar a costa do Brasil que emergia do seio do Oceano.”⁹². Para além de avistar pela primeira vez a costa brasileira, Maximiliano logo tem a oportunidade de ver uma jangada pela primeira vez, embarcação que ele é capaz de reconhecer por conta das imagens que vira no relato de Henry Koster, que fora publicado como *Travels in Brazil*, em Londres, em 1816. Pelas informações oferecidas pela tripulação, o Janus estava margeando a capitania de Pernambuco, nas proximidades de Goiana ou Paraíba-do-Norte⁹³. Os oito dias seguintes foram repletos de tempestades, e finalmente no dia 8 de julho, Maximiliano avistou a baía de Todos os Santos; no dia 10 de julho, passou por Abrolhos, e no dia 15 de julho, já estava próximo a Cabo Frio, rumo ao Rio de Janeiro, claramente “abençoado”.

⁹¹ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 23.

⁹² *Ibidem*, p. 25.

⁹³ A cidade de Goiana dista 60km de Recife, Pernambuco. A região era habitada por índios potiguaras, tabajaras e caetés e tornou-se município antes de 1570. Foi bastante importante estrategicamente durante a ocupação holandesa. Cf. Artigo do IBGE, disponível online em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/pernambuco/goiana.pdf>.



Figura 5. Vista da entrada da baía do Rio de Janeiro. Entre as p. 30 e 31 da edição brasileira. “A vinheta [...] da dela [da Baía] uma imagem muito verdadeira: os raios do sol refletem-se sobre o espelho calmo do mar que aparece ladeado pela cercadura pitoresca das montanhas. Entre estas, à esquerda vê-se o ‘Pão de Açúcar’, assim denominado por causa de sua forma, enquanto à direita proemina a ponta de terra em que fica o forte de Santa Cruz, pequeno, mas guarnecido de numerosos canhões.”⁹⁴.

As primeiras descrições do Príncipe em relação ao Rio de Janeiro – ao seu ver, o porto “mais belo e seguro do Novo Mundo” – já trazem indícios relevantes quanto à maneira que será realizada a descrição do Brasil ao longo do diário, comparando a natureza desconhecida com as suas próprias referências, na tentativa de sistematizá-la, “de cada lado se erguem penedos ásperos e gigantescos, semelhantes aos da Suíça, terminando em cumes arredondados ou pontudos, alguns com denominações especiais [...] nossas vistas se dirigiram para a natureza grande e nova que nos cercava.”⁹⁵. Em tom de curiosidade, satisfação e expectativas futuras, Maximiliano fecha o primeiro capítulo de seu diário, “nossa imaginação se ocupava vivamente com o futuro”⁹⁶.

⁹⁴ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 27.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 29.

⁹⁶ *Ibidem*, p. 30.

2.3 *Viagem ao Brasil – Tomo I – Cap. II – “Estadia no Rio de Janeiro”*

Da mesma maneira que a descrição da natureza deu o tom da narrativa de Maximiliano até sua chegada ao Brasil, o segundo capítulo tem como cerne a descrição da vida urbana no Rio de Janeiro, sua população e o peculiar primeiro encontro de Maximiliano com aqueles que ele viria a referir como os primeiros nativos “virgens e intocados” que conheceu no Brasil.

Destarte, o capítulo inicia-se com um breve histórico da cidade do Rio de Janeiro e sua importância estratégica enquanto capital dos domínios ultramarinos portugueses. A maior parte das informações apresentadas pelo príncipe é oriunda de suas leituras de relatos de outros viajantes, como Southey e Barrow, e ele afirma que não entrará em minúcias já que existem tantas outras descrições da cidade. Estas informações, contudo são sempre complementadas por suas observações, “todavia, os estrangeiros recém-chegados se surpreendem com o grande número de negros e mulatos que encontram nas ruas, no meio da multidão que as enche.”⁹⁷.

É neste capítulo também que Maximiliano apresenta o seu entendimento e classificação da população brasileira. Ao seu ver, é o comércio que atrai tantos estrangeiros ao Brasil e os encontros destes estrangeiros resultam em “novas e numerosas misturas”⁹⁸. Em sua classificação, além dos muitos estrangeiros oriundos de diversos países da Europa, há os “portugueses da Europa” ou “filhos do reino”, que são a maioria; os brasileiros, que em seu entender, são os filhos dos portugueses, “de origem mais ou menos pura”; os mulatos, “provenientes da mistura de brancos e negros”; os mamelucos, “mestiços saídos de brancos com índios”; os “negros d’África ou moleques”; os “pretos crioulos”, ou negros nascidos no Brasil; os “curibocas”, filhos de negros e índios; os “índios puros”, que para ele são os “habitantes primitivos do Brasil”, que por sua vez dividem-se entre os “caboclos” civilizados e os “gentios, tapuias ou bugres” que “vivem em estado primitivo”. A idéia de pureza de Maximiliano está relacionada, portanto, não só à ausência de mistura entre as raças, mas também à permanência no local de origem. Para ele, “os tapuias aí [no Rio de Janeiro] aparecem isoladamente como curiosidade”⁹⁹.

⁹⁷ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 31.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 31.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 31-32.



Figuras 6 e 7. Imagens de caçadores portugueses. A primeira imagem foi retirada do catálogo, a segunda, do diário brasileiro (vinheta n. III). Ademais, a primeira serviu de base para a realização da segunda, de autoria desconhecida. Ambas estão catalogadas, respectivamente como: Dois caçadores com armas e presas. Por volta de 1815. Class. em cima à direita [pena]: Caçadores portugueses no Brasil.” Aquarela e pena. 19,5 cm x 23,3 cm. Cantos enviesados. e Dois caçadores com cães e presas de caça. Não classificado. Aquarela. 38.7 cm x 23,9 cm. LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit (reds.). *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa Editorial, 2001.

Após o esclarecimento quanto aos habitantes do Rio de Janeiro, o Príncipe passa então a descrever a arquitetura da cidade e a circulação de pessoas e veículos. Contudo, o que lhe chama verdadeiramente a atenção são os jardins, bosques e demais “soberbos vegetais” com os quais se depara em seus passeios pela cidade: “até agora, a natureza realizou mais para o Brasil do que o homem”¹⁰⁰. Mesmo assim, Maximiliano não deixa de enaltecer a coroa portuguesa por seus feitos no Rio de Janeiro; coroa que, aliás, garantiu sua livre circulação em boa parte da viagem através de cartas de recomendação¹⁰¹. Logo após enaltecer a coroa, volta à descrição da natureza no Rio de Janeiro e aproveita para então alfinetar a organização militar no Brasil, “a diferença entre os soldados vindos da Europa, depois de terem servido na Espanha sob as ordens

¹⁰⁰ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 33.

¹⁰¹ Nas páginas 34 e 35, Maximiliano faz uma longa lista daqueles que lhe deram cartas de recomendação; entre eles, os Srs. Westin, cônsul geral da Suécia, Langsdorff, cônsul da Rússia, e Chamberlain, “Chargé d’ affaires” da Inglaterra.

de Wellington, e aqueles que não saíram do Brasil, impõe-se à primeira vista. Aqueles têm um aspecto todo militar; estes são amolentados pelo calor do clima; acabado o exercício, mandam os negros levar as suas armas para casa”¹⁰². Então, o príncipe pede desculpas por qualquer erro de julgamento sobre o Rio de Janeiro. Esta alternância entre o enaltecimento da natureza do Brasil com comentários mais sarcásticos, finalizados com ressalvas quanto as suas opiniões se faz presente ao longo de todo o diário.

As próximas páginas do capítulo são dedicadas à visita de Maximiliano à aldeia de São Lourenço¹⁰³, na opinião do príncipe, uma das mais marcantes de sua viagem, e também a que oferece ao leitor uma compreensão privilegiada da visão de mundo de Maximiliano; afinal de contas, é lá que se “encontram ainda habitantes primitivos do país, outrora tão numerosos na região”¹⁰⁴.

De acordo com Maria Regina Celestino de Almeida, os índios buscavam terra e proteção nos aldeamentos, mas lá também “viviam em condição subordinada, sujeitos ao trabalho compulsório, eram misturados com outros grupos étnicos e sociais, viam reduzir-se as terras às quais tinham acesso, e expunham-se às altas taxas de mortalidade provocadas por epidemias, guerras e maus tratos. Além de tudo, submetiam-se à nova ordem que lhes proibia o uso de certas práticas culturais e os incentivava a abandonar suas tradições e incorporar novos valores, como parte do processo de transformá-los em súditos cristãos”¹⁰⁵.

A aldeia de São Lourenço – a atual cidade de Niterói, RJ – onde Maximiliano pretende encontrar os habitantes primitivos do país, está entretanto longe de ser “virgem e intocada”, já que trata-se de um aldeamento que remonta à Guerra dos Tamoios. Ainda segundo Maria Regina Celestino de Almeida, com base nos relatos dos jesuítas, é possível perceber a decadência das aldeias do Rio de Janeiro no início do século XIX. Ademais, “os pobres e miseráveis índios de São Lourenço, ao fazer balaios e outros artesanatos, podiam estar se dedicando à atividade de sua preferência que, aos olhos dos europeus, era sinônimo de atraso e decadência”¹⁰⁶.

A descrição de Maximiliano referente à sua chegada em São Lourenço é pitoresca – “aqui um paisagista teria motivos para aperfeiçoar os eu pincel diante da rica vegetação dos trópicos e das cenas campestres de uma natureza sublime”. Os assim

¹⁰² WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 34.

¹⁰³ Cf. MOISES, Beatriz Perrone. *Op. cit.*

¹⁰⁴ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 35.

¹⁰⁵ ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003, p. 129.

¹⁰⁶ ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Op. cit.*, p. 176.

ditos habitantes primitivos, por sua vez, estão plenamente inseridos neste contexto, já que estes “estavam ocupados, em suas cabanas, na fabricação de potes de argila cinzento-escura [...]; estavam sentados no chão”. O Príncipe define, então, o que seria a raça brasileira: “que observei em São Lourenço pela primeira vez, que depois sempre verifiquei, são as seguintes: estatura média, muitas vezes medíocre, corpo bem proporcionado, reforçado e musculoso nos homens; pele avermelhada ou pardo-amarela; cabelos duros, compridos, espessos, lisos, negro carregado; face larga bastante ossuda; olhos geralmente oblíquos, e, no entanto, o conjunto do rosto bem feito; traços fortes; lábios comumente grossos; mãos e pés pequenos e de forma delicada; barba ordinariamente pouco basta e dura.”¹⁰⁷.

Nos trechos seguintes, entretanto, Maximiliano esclarece aos leitores que os índios que lá se encontram não viviam ali originalmente, sem jamais utilizar a palavra aldeamento:

“O pequeno número de índios que moram nesse lugar é o resto da antiga e numerosa gente que povoava esta região; não era, entretanto, nesse lugar, propriamente falando, que eles viviam. Originariamente, o Rio e suas circunvizinhanças eram povoados pela belicosa tribo dos ‘Tamoios’. Estes, expulsos em parte pelos ‘*Tupin-Imba*’ (chamados Tupinambás pelos portugueses), uniram-se em seguida a esses índios contra os portugueses, e fizeram, juntos, aliança com os franceses; mas, expulsos esses europeus em 1567 pelos portugueses, os índios foram que tomaram o partido deles foram em parte exterminados e em parte repelidos para as florestas.”¹⁰⁸

Após este relato sobre a Guerra dos Tamoios, Maximiliano discorre sobre as contribuições de viajantes como Jean de Léry, Hans Staden, Southey e Beauchamp quanto aos “usos e costumes dos Tupinambá”, e reitera a existência de grupos de índios “mansos” e indos “selvagens”, os tapuias, conforme a proposição do Padre Simão de Vasconcellos, que também serviu de base para seu relato¹⁰⁹. Afirma, por fim, que muitos dos índios de São Lourenço falam português e encontram-se “civilizados”, enquanto os “velhos” ainda falam a “língua geral”, cuja gramática fora sistematizada por Anchieta¹¹⁰.

¹⁰⁷ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 35.

¹⁰⁸ *Ibidem*.

¹⁰⁹ Cf. MONTEIRO, John Manuel. *Tupis, Tapuias e historiadores. Estudos de história indígena e do indigenismo*. Campinas, 2001. Tese apresentada para o concurso de Livre Docência na área de Etnologia, Departamento de Antropologia, IFCH-UNICAMP.

¹¹⁰ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 35-37.

Diante destes trechos, fica evidente que Maximiliano enxerga os assim ditos “tupis” como parte não só da natureza na qual se encontram, mas sobretudo dentro de um passado colonial que não lhe parece ser válido estudar, mesmo tendo em vista a sua empolgação inicial em conhecer os “habitantes primitivos” do Brasil. Logo em seguida Maximiliano afirma que “o mesmo não se deu com os tapuias: eles ainda se conservam no seu primitivo estado”, pois eles ainda encontram-se no interior do Brasil, “furtando-se aos olhares e à influência dos europeus que chegaram à terra deles, viveram em mais segurança e tranqüilidade que os seus irmãos que habitavam à beira mar, com os quais, como com os europeus, estavam sempre em guerra”. Ademais, Maximiliano ressalta que ao contrário dos tupis, os tapuia falavam línguas diferentes entre si, o que os torna mais interessantes para fins de seus estudos – e de certo modo, mais próximos de seu presente.¹¹¹

Sabe-se, contudo, que o interior visitado por Maximiliano esteve, ao longo do século XIX, em constante disputa entre os portugueses, luso-brasileiros e os grupos indígenas da região, sobretudo por conta da disputa pelo controle das proximidades do Rio Doce, de suma importância na dinâmica comercial. Segundo Hal Langfur, “Vying for the territory of these groups, moving across a vast expanse of mountainous terrain extending from the Pomba River north to the Pardo River and beyond, the Aimoré or Botocudo, as they were increasingly called after the middle of the eighteenth century, blocked settlement and exploration for new gold and diamond deposits.”¹¹². Os “tapuias” com os quais ele iria se encontrar estavam longe de serem intocados ou de nunca terem tido contato com os europeus.

É somente após a descrição da localização de São Lourenço, de sua fauna e flora, de seus habitantes e de alguns esclarecimentos com base em suas leituras prévias que Maximiliano deixa claro que ele próprio tinha consciência que tratava-se de um aldeamento indígena; ademais, afirma que a construção da aldeia fora um “prêmio” aos índios que lutaram na Guerra dos Tamoios:

“Quando Mem de Sá fundou São Sebastião (Rio de Janeiro) em 1567, mandou construir a aldeia de São Lourenço para os índios que se haviam distinguido na luta contra os franceses e seus aliados os Tupinambás, contribuindo para a expulsão dos mesmos; colocou-os sob a direção de Martim Afonso. Os jesuítas introduziram aí os ‘Goitacazes’ recém-convertidos, para de novo povoar esses lugares.

¹¹¹ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 37.

¹¹² LANGFUR, Hall. Uncertain Refuge: frontier formation and the origins of the Botocudo War in late colonial Brazil. *Hispanic American Historical Review*, vol. 82, no. 2 (2002), p. 223.

Assim, os índios que atualmente habitam São Lourenço são descendentes dessa tribo.”¹¹³

Maximiliano passa então a descrever as construções da aldeia e as vestimentas trajadas pelos índios. Então, afirma que lá vive-se de mandioca e do milho, “substâncias alimentícias” que ele não irá descrever pois Koster e Mawe já o fizeram¹¹⁴. O príncipe finaliza o capítulo alegando que não tinha interesse em permanecer no Rio de Janeiro, e que graças aos esforços do Conde da Barca, ele pôde dar início à preparação de sua viagem rumo ao interior do Brasil. É neste último parágrafo, ademais, que Maximiliano apresenta seus dois companheiros de viagem europeus, Freyreiss e Sellow:

“Dois jovens alemães, Srs. Sellow e Freyreiss, que conheciam muito bem os costumes e a língua da região, prometeram acompanhar-me na minha viagem ao longo da costa oriental, até Caravelas, auxiliando-me nas pesquisas. Levávamos dezesseis muares. [...] Tomamos a nosso serviço dez homens, uns para tratar dos animais de carga, outros como caçadores. Todos bem armados, seguimos viagem, providos das necessárias munições e todos os requisitos para colecionar exemplares de história natural, parte dos quais eu trouxera desnecessariamente da Europa”¹¹⁵.¹¹⁶



Figura 8. Das 164 imagens catalogadas feitas por Maximiliano, apenas 8 retratam negros. Estudo de uma negra fumando um cachimbo com criança, de perfil voltada para a esquerda. 1815. Class. e dat. embaixo [pena]: “Escrava negra no Rio de Janeiro. Julho. 1815.”. Aquarela e pena. 20 cm x 13,5 cm. Cantos enviados. LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit (reds.). *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa Editorial, 2001.

¹¹³ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 38.

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 39.

¹¹⁵ Desde o final do XVIII e início do XIX os estudos em história natural estavam em pleno desenvolvimento no Brasil. Cf. LOPES, Maria Margaret. *As ciências naturais e os museus no Brasil do século XIX*. Tese de doutoramento, Depto. de História, FFLCH-USP, 1993.

¹¹⁶ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 40.

2.4 *Viagem ao Brasil – Tomo I – Cap. III – “Viagem do Rio de Janeiro a Cabo Frio”*

A viagem de Maximiliano pelo espaço que ele considera o interior do Brasil tem início no dia 4 de agosto de 1815. Sua comitiva partiu de São Cristóvão, à época, arredores do Rio de Janeiro, para Praia Grande (atualmente também parte de Niterói); dois de seus tropeiros, Mariano e Felipe, eram provenientes de São Paulo. Não sem contratempos – logo na saída de Praia Grande, as mulas, segundo Maximiliano, desacostumadas a carregar peso, começaram a “sacudir fora as bagagens”, causando bastante tumulto e riso por parte dos que assistiam. Mas os esforços valeriam a pena, já que em mais uma descrição romantizada de Maximiliano, “ceamos sob a constelada abobada dos trópicos; a alegria sazou a comida, e os lavradores das cercanias que voltavam à casa, observaram atentamente aquele estranho bando de ciganos”. Parece que novamente Maximiliano se sente seguro por ser ele também um desconhecido no Brasil¹¹⁷. Nas proximidades, o príncipe realiza suas primeiras caçadas e reúne os primeiros exemplares de sua coleção de história natural.

Neste capítulo, Maximiliano também apresenta mais um membro de sua tropa: Francisco, índio Caiapó que segundo seu relato, pertencia a Freyreiss. Francisco torna-se, ao longo da viagem, um dos caçadores prediletos de Maximiliano, por sua rapidez tanto na identificação da aproximação quanto no abate dos animais. Ademais, há uma extensa descrição das espécies da fauna e da flora com as quais a comitiva se depara; Maximiliano vale-se tanto de suas observações quanto das de Freyreiss e Sellow para descrevê-las.

Novamente, ao deparar-se com a Serra de Inoá, o príncipe adota um tom sublime em sua descrição, “o selvático espetáculo excedeu de muito tudo quanto a minha fantasia concebera até então sobre as grandes cenas da natureza. [...] Naquelas sombras espessas, próximo às frias correntes da montanha, o viajante, afogado especialmente nascido nos países do norte, goza de uma temperatura absolutamente refrescante, aumentando o encanto que essas cenas sublimes trazem ao espírito, incessantemente arrebatado pelo selvagem panorama. A cada momento encontrávamos alguma coisa nova que atraía nossa atenção.”. Ao continuar sua descrição não só sobre as

¹¹⁷ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 42.

“maravilhas” do Brasil, mas de toda América do Sul, Maximiliano cita a obra de Humboldt¹¹⁸.

A chegada da tropa de Maximiliano à vila de Maricá assemelha-se enormemente aos primeiros relatos de chegada de viajantes europeus nas Américas, pela tom sempre curioso, com troca de olhares furtivos, desconfiados, e momentos que lembram escambos entre os europeus recém-chegados e os habitantes primitivos:

“À tardinha chegamos à freguesia de Maricá, junto ao lago do mesmo nome. A população dessa freguesia é de cerca de oitocentas almas. Os moradores de uma casa um pouco afastada, diante da qual paramos, fecharam as portas cuidadosamente. Todos os vizinhos também se reuniram para nos contemplar, embasbacados; mas quando começamos a esfolar e a preparar os animais mortos durante o dia, moços e velhos sacudiram as cabeças e riam-se cuidadosamente dos parvos estrangeiros. As espingardas de dois canos, para eles aparição inteiramente nova, interessavam-nos ainda mais que nós próprios.”¹¹⁹

Parece que Maximiliano se esquece que ele está em uma região de passagem, constantemente atravessada por tropas a caminho de Minas Gerais, Espírito Santo ou Bahia, e que sua comitiva conta também com brasileiros, e que destarte, não há um choque assim tão evidente para quem os vê. Novamente, o príncipe coloca-se na posição de desconhecido passível de ser descoberto, investigado, analisado, assim como ele faz com aqueles com quem se depara em sua viagem. Além disso, após este comentário, Maximiliano volta a descrever a fauna, flora, vegetação e as construções da região, como se fossem assuntos naturalmente imbricados. População local, flora e fauna fazem parte de um mesmo cenário genérico a ser desvendado. A floresta circundante mais uma vez traz à tona a descrição com tom sublime, “quanto mais avançamos, mais soberbas e imponentes se mostravam as florestas. O europeu vindo do norte não tem a menor idéia dessa magnificência, nem há palavras para descrever o quadro com tinhas comparáveis às sensações despertadas.”¹²⁰. Sobretudo pois como o príncipe afirmaria logo a seguir, muitas destas árvores sequer estão classificadas no sistema lineano.

¹¹⁸ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 47.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 51.

¹²⁰ *Ibidem*, p. 53.



Figura 9. Estudo de um índio pronto para disparar com espingarda, voltado para a esquerda, embaixo de um grupo de árvores. Por volta de 1815. Class. embaixo [pena]: “Francisco, o jovem índio Coropó.”. Aquarela e pena. 19,5 cm x 23,3 cm. Cantos enviesados. LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit (reds.). *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasiliana da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa Editorial, 2001.

A seguir, Maximiliano tece seus primeiros comentários sobre o índio Francisco; estes comentários generalizados aparecerem em outros momentos ao longo do diário, e mudam de tom à medida que o príncipe passa mais tempo entre os Botocudos.

“Alguém de nossa comitiva julgou ver um pássaro no alto de uma árvore seca e fez fogo em sua direção; porém logo verificou que o que lhe havia parecido um pássaro era apenas o nó de um galho. Francisco, que com a vista aguda, comum a todos os filhos da terra, percebera o erro desde o primeiro instante, conservando-se porém calado a espera do tiro, depois do qual prorrompeu em ruidosa gargalhada que a custo conseguiu reprimir. Todos os sentidos do índio são muito agudos e aperfeiçoados, motivo pelo qual um engano desses lhe parece risível ao mais alto grau. Vezes freqüentes nos divertimos com Francisco; era fiel e tinha bom coração, embora fosse também muito birrento e genioso; era assim que fazia questão de atirar o maior número de vezes, e nas melhores aves. Por certo não lhe faltavam esquisitices de índio; ele nunca saía para caçar em jejum como os outros, mas, pelo contrário esperava o almoço, ainda que esse devesse demorar muito, e ter-se-ia tornado muito mau para seus patrões se por ventura se houvesse querido forçá-lo a proceder com os demais.”¹²¹

Ao longo da viagem, Francisco debocha-se dos membros europeus da comitiva em diversas situações, sobretudo naquelas envolvendo os muares e as caças.

¹²¹ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 54.

O príncipe chega então à fazenda de Gurapina, de propriedade do Sr. Alferes da Cunha Vieira, que segundo Maximiliano, recebe-os muito bem e é bastante curioso em relação ao andamento das pesquisas desenvolvidas na viagem. A comitiva permanece na fazenda durante alguns dias por conta das chuvas e intempéries que dificultavam a continuidade do percurso. Na fazenda, um português também de nome Francisco junta-se à comitiva, e Maximiliano enaltece seus dotes como caçador. Partem, então, para Ponta Negra e Saquarema; desta vez, o motivo de encantamento do príncipe é a grande quantidade de lagos da região. Lá permanecem por alguns dias, para fins de caça, na “fazenda do Pitanga”, cuja principal produção é de farinha de mandioca, processo longamente descrito por Maximiliano.

A comitiva de Maximiliano é de modo geral bem recebida em fazendas e locais de “pouso” devido às cartas de recomendação que o príncipe porta, sobretudo do Conde da Barca, e também pela portaria que carrega para fazer sua viagem:

“[...] já era noite avançada quando chegamos à ‘fazenda’ de Tiririca, aonde mandamos na frente, um cavaleiro pedir pouso para a noite. O proprietário, ‘capitão-mor’ destinou-nos, de início, para nosso alojamento, o engenho de açúcar; como, porém, lhe mostrássemos a nossa ‘portaria’ (passaporte firmado pelo ministro), tornou-se extremamente gentil e convidou-nos para a casa dele. Não aceitamos, porém, o convite, resolvidos, previamente, a ficar com nosso pessoal.”¹²²

Maximiliano permanece durante alguns dias na fazenda, sempre para fins de caça para coletar espécimes para sua coleção. É convidado a jantar com os proprietários da fazenda, e diz apenas que as mulheres não tomaram parte da refeição, mas ficaram espiando pelas frestas e portas; entretanto, alega que como Mawe e Koster já haviam descrito tal divisão, que não se delongaria a esse respeito¹²³.

Ao partir da fazenda Tiririca, a tropa dirigiu-se para Parati, onde pediram pouso em uma fazenda por recomendação do capitão-mor. Este fazendeiro, entretanto, ofereceu apenas um terraço para que todos dormissem e disse que comprassem mantimentos e afins em fazendas próximas, pois não cederia as suas. Maximiliano, indignado, tenta reprimi-lo, inutilmente:

“Quando ele [o fazendeiro] apareceu, agradecemos-lhe, com a maior polidez, a gentileza do tratamento, e acrescentamos que teríamos o cuidado de informar o Príncipe Regente, no Rio, sobre a maneira pressurosa por que tinham sido satisfeitas as amáveis intenções do Governo, manifestadas nos nossos documentos: ao que visivelmente

¹²² WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 61.

¹²³ *Ibidem*, p. 64.

confundido, embora rosnando de raiva, berrou: ‘Que tenho eu com o Príncipe Regente?!’¹²⁴

O príncipe chega então a mais um aldeamento, a saber, São Pedro dos Índios, cuja maior parte dos habitantes são descendentes dos índios Goitacazes. Para Maximiliano, “quase todos os índios têm a estampa genuína da raça, que foi descrita mais detidamente a propósito da nossa visita a São Lourenço; entretanto, ela é aqui ainda mais característica.”¹²⁵. O príncipe descreve brevemente as vestes da população local, assim como as redes em que dormem e alguns arcos que usam, como os “bodoque”. Segundo Maximiliano, Langsdorff descrevera tal arco em sua viagem por Santa Catarina, “encontramo-lo em todo esse litoral, e, no Rio Doce, até os adultos o empregam contra os Botocudos, quanto não têm armas de fogo”¹²⁶. Neste trecho, os Botocudos aparecem pela primeira vez no diário como inimigos ou ameaças diretas de outros indígenas.

Maximiliano então relata as impressões que Koster deixou sobre os “índios mansos” com os quais se deparou em Pernambuco, mantendo o tom generalizante e depreciativo com o qual descrevera os habitantes de São Lourenço e São Pedro dos Índios e o índio Francisco. Enaltece, ademais, os negros em relação aos índios:

“Em linhas gerais, porém, deve reconhecer-se que Koster lhes descreve corretamente o caráter; porque ainda mostram invariável tendência para a vida indolente e desregrada. Gostam de bebidas fortes e detestam o trabalho, não têm firmeza em suas palavras e são poucos os exemplos, entre eles, de caracteres dignos de nota. Não que tenham inteligência apoucada; compreendem rapidamente o que lhe ensinam, sendo além disso espertos e astuciosos. Um traço notável em seu caráter é o orgulho inflexível e a forte atração pelas suas matas. Muitos deles ainda não se libertaram das velhas crenças, e os padres se queixam que são maus cristãos. A profissão eclesiástica lhes foi aberta, porém, bem poucos a abraçaram. Havia em Minas Gerais um padre índio, pertencente a uma das tribos mais selvagens. Era um homem geralmente estimado e viveu muitos anos em sua paróquia; de repente, desapareceu; descobriu-se que jogara fora as vestes clericais e correria, nu, ao encontro dos irmãos das selvas, entre os quais teve várias mulheres, depois de parecer, anos a fio, fervoroso crente das doutrinas que pregara. Os negros que vivem no Brasil são bastante diferentes desses índios; têm mais capacidade e perseverança para aprender todas as artes e ciências; alguns chegaram mesmo a tornar-se homem muito hábeis.”¹²⁷

¹²⁴ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 65.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 66.

¹²⁶ *Ibidem*, p. 67.

¹²⁷ *Ibidem*, p. 67.

Os comentários depreciativos a cerca dos índios continua ao longo dos próximos trechos do capítulo, agora legitimados pela troca de informações e observação daqueles que encontram-se em São Pedro dos Índios. É possível que esta visão depreciativa tenha em grande medida sido gerada pela desconfiança com que a comitiva foi recebida no aldeamento, relatada por Maximiliano, “o capitão mor, velho indígena desconfiado, e com ele todos os moradores do lugar, não pôde esconder a suspeita de que éramos espiões ingleses; mesmo depois de lhe termos mostrado a nossa ‘portaria’ não ficou de todo satisfeito. Os ingleses são no Brasil muito mal-quistos; e todos os europeus do norte, com cabelos louros e pele branca, são tidos como pertencentes à sua nacionalidade.”¹²⁸. Maximiliano não parece gostar de passar pela mesma espécie de generalização que caracteriza a sua visão dos indígenas com os quais se depara.

A comitiva permanece em São Pedro dos Índios por alguns dias para fins de caça, e tem o auxílio do “capitão” (entre aspas de Maximiliano) Carvalho, que insiste em lhes oferecer hospedagem em Cabo Frio. Descobre, então, junto com Sellow, que o tal Sr. Carvalho fora preso, e, posteriormente libertado, por tráfico de madeiras de lei da região. Apesar das palavras depreciativas de Maximiliano, os índios lhe serviram durante a caça na região; a tropa parte rumo a Cabo Frio, onde hospedam-se na casa do Sr. Carvalho, que ademais prometeu enviar parte da coleção de Maximiliano ao Rio de Janeiro. O desfecho do capítulo vem com a descoberta das verdadeiras intenções do Sr. Carvalho:

“Cedo, porém, tivemos razões para desconfiar das importunas amabilidades desse homem; vimos que ele agia por extremo egoísmo, que chegou ao ponto de levar-nos a dar-lhe um atestado dos importantes serviços por eles prestados.”¹²⁹

¹²⁸ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 69.

¹²⁹ *Ibidem*, p. 75-76.

2.5 *Viagem ao Brasil – Tomo I – Cap. IV – “Viagem de Cabo Frio a Vila de São Salvador dos Campos dos Goitacazes”*

O cerne deste capítulo é a descrição dos locais percorridos por Maximiliano, com maior ênfase naquilo que ele consegue encontrar para sua coleção que no encontro e descrição de indígenas. O capítulo tem início com um dos muitos percalços que o príncipe enfrentou durante seu percurso, já que as mulas que levavam tanto a comitiva em si, quanto seus pertences, tentaram fugir pelos arredores, mas foram posteriormente recapturadas com o auxílio de alguns tropeiros que estavam na região¹³⁰.

Neste capítulo, Maximiliano descreve o hábito de fumar dos brasileiros conforme suas observações e também com base no que leu em Jean de Lery:

“Os brasileiros fumam, de preferência, cigarros feitos de papel, colocando-os atrás da orelha. Essa maneira de fumar não foi levada ao Brasil pelos europeus, mas veio dos Tupinambás e de outras tribos do litoral. Costumavam estes enrolar certas folhas aromáticas numa folha maior, acendendo-as na ponta. Os cachimbos usados pelos pescadores, como em todo o Brasil, particularmente pelos negros e outras pessoas das classes mais humildes, constam de um pequeno recipiente de barro cozido escuro e de um tubo fino e liso, feito da haste de uma espécie de feto, que cresce a considerável altura, (‘samambaia’), a *Mertensia dichotoma*. Entretanto, prefere-se geralmente, entre todas as classes do povo brasileiro, tomar rapé a fumar; com efeito, o escravo mais indigente possui a sua caixa de rapé, de folha de Flandres ou de chifre em geral uma simples peça de corno de boi tampada com uma rolha de cortiça.”¹³¹

O príncipe e a comitiva então chegam à Vila de São Salvador do Campo dos Goitacases, onde, se hospedam na casa de um eclesiástico, e onde têm a oportunidade de ler o jornal desde que saíram do Rio de Janeiro. Maximiliano fica sabendo, então, que Napoleão perdera a batalha de Waterloo, a 18 de julho de 1815.

¹³⁰ “Paramos ofegantes e cansados, sem sabermos precisar a causa real dessa catástrofe tragicômica. Batemos, após, a floresta vizinha em todas as direções, e só passando muito tempo conseguimos, por fim, reunir os animais dispersos, graças ao auxílio dos nossos hábeis ‘tropeiros’, alguns portugueses, que caçavam veados nessa mata, e procuravam um cão perdido, puseram-nos na boa pista.”. ¹³⁰ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 77.

¹³¹ *Ibidem*, p. 94-95.

2.6 Viagem ao Brasil – Tomo I – Cap. V – “Estadia na Vila de São Salvador e Visita aos Puris em São Fidélis”

Assim como os capítulos do diário que versam sobre os índios Botocudos, este capítulo é em grande medida dedicado à descrição dos indígenas, e tem início com a referência ao local ter sido ocupado inicialmente por ‘tapuias’; mais especificamente, por índios Goitacazes ou Uetacas. Maximiliano baseia-se nas informações de Padre Anchieta e de Southey para tecer seus comentários. Maximiliano afirma que após as lutas entre os grupos indígenas e entre os colonos, a colonização do Paraíba tornou-se a região “mais próspera entre o Rio de Janeiro e a Bahia”¹³², sendo ocupada por grandes fazendas.

É na cidade de Campos que Maximiliano obtém a autorização para visitar a missão de São Fidélis¹³³. Antes de narrar sua partida, Maximiliano descreve o rio Paraíba com base nos relatos de Mawe. Novamente tece constantes comparações entre a natureza européia e a brasileira ao longo de suas descrições. Ao chegar à missão, o Príncipe e sua tropa têm o pouso da noite negado pelo padre da missão, Sr. João. Maximiliano então narra a história da São Fidélis:

“São Fidélis, situada nas belas margens do Paraíba, que tem aí grande largura, é a missão ou aldeia de índios ‘Coroados’ e ‘Coropos’, e fora fundada, havia cerca de trinta anos, por alguns frades capuchinhos vindos da Itália. Eram, a esse tempo, quatro missionários, um dos quais ainda vive aí como padre; outro reside na sua missão de Aldeia da Pedra, sete ou oito léguas rio acima; os dois restantes morreram. Os habitantes indígenas pertencem às tribos dos ‘Coroados’, ‘Coropos’ e ‘Puris’, esta ainda selvagem e vagueante pelas vastas solidões situadas entre o mar e a margem norte do Paraíba, projetando-se, para oeste, até o rio Pomba, em Minas Gerais. Vivem atualmente em paz, defronte a São Fidélis, mas no rio acima, em Aldeia de Pedra, estiveram, havia pouco tempo, em guerra com os ‘Coroados’. Na realidade, o principal retiro dessas duas tribos fica em Minas Gerais, donde se estendem à região mencionada, ao longo do Paraíba e do litoral. Na margem direita ou sul se encontram os ‘Coroados’, e em São Fidélis, também alguns ‘Coropos’ presentemente civilizados, isto é, fixados.”¹³⁴

É interessante notar que para Maximiliano, os índios civilizados são aqueles que estão fixos em determinado local geográfico, sob a tutela de europeus, enquanto que os

¹³² WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 98.

¹³³ “O coronel Manoel Carvalho dos Santos, comandante do distrito de S. Salvador e do regimento da milícia, recebera-nos mui polidamente; quando lhe comunicamos o nosso desejo de visitar a missão de São Fidélis, Paraíba acima, teve a gentileza e dar-nos um oficial e um soldado como guias. Preparamo-nos prontamente para essa interessante excursão, e partimos de S. Salvador a 7 de Outubro, deixando ali a bagagem.” *Ibidem*, p. 99.

¹³⁴ *Ibidem*, p. 103.

selvagens são aqueles que “vagueiam”. Na ótica do príncipe, apesar dos índios Coroados e Coropós que ali se encontram estarem ‘civilizados’, eles ainda são “puros”¹³⁵. Maximiliano rapidamente descreve os índios e seus trajes, e afirma que Francisco, o índio Coropó que os acompanha, fala as três línguas, e que os próprios índios da aldeia falam português e a língua geral.

Maximiliano novamente repreende a conduta do tal padre João, e alega que assim que mostraram-lhe os documentos que traziam, o padre ofereceu alimentos à tropa do príncipe. A partir de então, novamente adota um tom de empolgação ao narrar a proximidade de seu encontro com os “selvagens” Puris:

“Para trás da ‘fazenda’, subimos a um outeiro rochoso, donde contemplamos a mais deslumbrante e ao mesmo tempo solene dos panoramas das imensas solidões. Mal nos reuníramos à numerosa comitiva parada no pé do outeiro, e quando vimos, de um lado, selvagens saindo de um pequeno vale e dirigindo-se à nós. Sendo os primeiros que víamos, nossa alegria foi tão grande quanto nossa curiosidade.”¹³⁶

O príncipe descreve os índios com os quais se encontram, enfatizando que estavam todos nus. Afirma, ademais, que dois deles falavam português e como tal, eram muito úteis nas fazendas. Ao seu ver, os índios são curiosos e é possível apaziguá-los com presentes, diante dos quais, assumem sua natureza “selvagem”:

“Dissemos-lhes da nossa intenção de visitá-los nas florestas, na manhã seguinte, se nos recebessem bem: e, à nossa promessa de levar-lhes, ainda, outros presentes, despediram-se contentíssimos, e, em altos gritos e cantando, correram para as selvas.”¹³⁷

Maximiliano, descreve, então, sua visita aos Puris em seu “habitat natural”; e os Puris, muito provavelmente por interesse em receber os prometidos presentes dos estrangeiros, enfeitaram-se de modo a encantá-los:

“Aquele grupo de gente nua e escura constituía um dos espetáculos dos mais interessantes e singulares. Homens, mulheres e crianças se misturavam, observando-nos com olhares curiosos mas tímidos. Todos se tinham enfeitado do melhor modo possível: somente poucas mulheres usavam um pano em roda da cintura ou do peito; a maioria estava completamente despida.”¹³⁸

¹³⁵ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 104.

¹³⁶ *Ibidem*, p. 106.

¹³⁷ *Ibidem*, p. 106.

¹³⁸ *Ibidem*, p. 107.

Maximiliano passa a discorrer sobre os atributos físicos dos Puris; e afirma que de um modo geral, os índios brasileiros são muito mais baixos que os negros e os europeus. A seguir, Maximiliano faz uma breve explicação das armas utilizadas pelos indígenas brasileiros, assim como sobre a moradia dos Puris que visitam.

É durante sua visita aos Puris de São Fidelis que Maximiliano tece um de seus primeiros comentários sobre os Botocudos, em situação bastante curiosa. O príncipe afirma que dizia-se que assim como os Botocudos, os Puris alimentavam-se de carne humana; os Puris, afim de evitar qualquer possível confusão com os estrangeiros, afirmam em contrapartida que somente os Botocudos têm esta prática, claramente com o intuito de serem deixados em paz – certamente a proximidade com a aldeia de São Fidelis trazia ameaça à permanência livre dos indígenas na região:

“Dizem que [os Puris] devoram, da mesma maneira, por vingança, carne humana; quanto, porém, a comer os próprios parentes falecidos, como derradeiro tributo de afeição, de acordo com o referido por alguns escritores, não se encontra nenhum traço desse costume, pelo menos nos nossos tempos, entre os ‘Tapuias’ da costa oriental. Os portugueses do Paraíba afirma, sem discrepância, que os ‘Puris’ comem a carne dos inimigos mortos, e, realmente, parece haver alguma verdade nessa afirmativa, como veríamos depois; mas jamais no-lo confessaram. Quando lhes fizemos perguntas a respeito, responderam-nos que só os Botocudos tinham esse costume.”¹³⁹

Tem início, então, a troca dos prometidos presentes, na qual Maximiliano surpreende-se com as mulheres que arrancam a cruz dos rosários que lhes foram entregues, e que segundo ele, também apreciam itens de cor vermelha. Em troca, o príncipe recebeu arcos, flechas e cestos. A negociação incluiu também um menino que foi comprado por Freyreiss, cuja indiferença serviu para Maximiliano afirmar que os índios americanos carecem de sentimento, e que apenas a comida lhes move – como verdadeiros animais selvagens¹⁴⁰. Esta mesma caracterização será posteriormente atribuída aos índios Botocudos.

Apesar desta sua observação, Maximiliano também critica a maneira como os colonos tratam os índios Puris, o que reforça a indicação de que eles faziam de tudo

¹³⁹ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 110.

¹⁴⁰ “Foi inacreditável a indiferença com que o menino soube do seu destino. Não mudou de fisionomia, nem mesmo se despediu dos amigos, mas, ao contrário, montou alegremente atrás do Sr. Freyreiss. Essa empedernida indiferença em todas as circunstâncias, alegres ou tristes, se encontra na totalidade das tribos americanas. Alegria e tristeza não os impressionam muito; raras vezes riem e é pouco comum falarem alto. A comida é-lhes o desejo mais premente; seus estômagos precisam estar sempre cheios.” *Ibidem*, p. 112.

para ficar longe do alcance dos portugueses, ou de dar-lhes margem à desconfiança em relação às suas práticas. Ao contrário do tratamento violento despendido pelos colonos, Maximiliano sugere que os Puris sejam educados com bons modos (em outras palavras, civilizados), à maneira dos europeus do norte:

“Alguns homens tinham bebido muita aguardente e ficaram embriagados. Com bons modos nos livraríamos deles facilmente; os colonos, porém, de acordo com o critério errado de considerá-los animais, ameaçaram-nos logo com o ‘chicote’, o que naturalmente lhes excita a cólera, acarretando a má vontade, o ódio e a violência. Estavam, por isso, de todo encantados conosco, estrangeiros, porque os tratávamos com brandura e delicadeza; também se aperceberam de pronto, pelos nossos cabelos claros, de que pertencíamos a outra nação. Chamam, aliás, à gente branca, indistintamente, *rayon*.”¹⁴¹

Novamente, Maximiliano deixa transparecer sua perspectiva em relação aos Puris, diante da cena de caça de um leitão na fazenda na qual se encontram, que julga de ser de extrema barbárie, e que ademais ajudaria a saciar a “incrível” fome daqueles índios¹⁴². Para Maximiliano, essa realidade se dá por conta de seu modo de vida, e novamente compara o comportamento dos índios aos de animais:

“A rude insensibilidade, como se mostram esse e muito outros exemplos, é um traço predominante do caráter dos selvagens. É uma consequência necessária do modo de vida: porque é o mesmo que tornam o leão e o tigre sedentos de sangue. Além disso, a vingança, um certo grau de inveja e um indomável amor à liberdade e à vida nômade lhes são peculiares.”¹⁴³

Ao final de sua visita à São Fidélis, Maximiliano novamente se depara com a família do índio comprado por Freyreiss, e se assusta com a indiferença com que lhe tratam. Aproveita a oportunidade para afirmar que os Puris foram o grupo mais apático com o qual se deparou, alegando que tal comportamento se dá apenas com os filhos quase adultos. Maximiliano e sua tropa, seguem, então, rumo ao Espírito Santo.

¹⁴¹ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 112.

¹⁴² “Quando todos nós nos aproximamos, feriram de novo o animal [leitão] no pescoço, para matá-lo, e em seguida no tórax. Entretanto, ainda não estava morto; grunhia e sangrava profusamente: sem fazer caso dos berros, puseram-no vivo ao fogo para chamear-lhe o pêlo, rindo-se gostosamente dos grunhidos que esses sofrimentos lhe arrancava. Só depois que os nossos protestos contra a barbaridade se tornaram cada vez mais impacientes, foi que um deles avançou e enterrou uma faca no peito do torturado animal; no mesmo momento lhe raspam o pêlo e o esquartejaram. Devido ao pequeno tamanho do leitão, muitos não conseguiram um pedaço, e voltaram resmungando para a mata. Mal se tinham ido, quando chegou, para eles, um saco de farinha de São Fidélis, que lhes mandamos ao encalço.”. *Ibidem*, p. 113.

¹⁴³ *Ibidem*, p. 113.

2.7 Viagem ao Brasil – Tomo I – Cap. V – “Viagem da Vila de São Salvador ao Rio Espírito Santo”

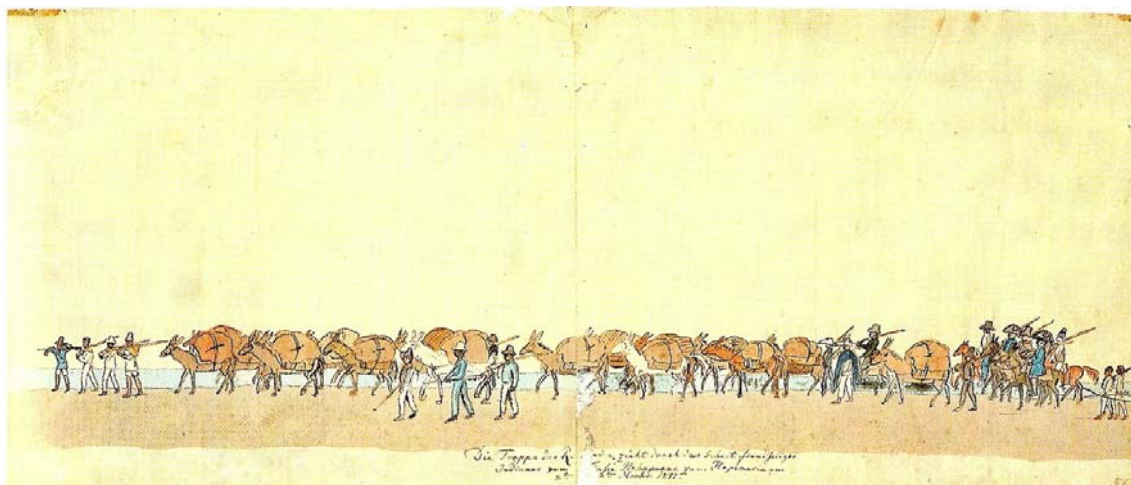


Figura 10. Vista geral da expedição com muare carregados e homens armados a cavalo e a pé. 1815. Class. embaixo [pena]: “A tropa dos viajantes atravessa o território de índios hostis do Rio Itabapuna até o Itapemirim em 2 e 3 de novembro de 1815.” Aquarela e pena. 19,3 cm x 46,0 cm. LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit (reds.). *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa Editorial, 2001.

Conforme é de praxe na estrutura adotada por Maximiliano em sua escrita, este capítulo tem início com a descrição da fauna e da flora dos locais pelos quais ele passa em sua jornada até a província do Espírito Santo. Afirma, ademais, que novamente coletou diversos espécimes para sua coleção de história natural, e que o tempo já estava bastante quente na região.

Ao deparar-se com um jacaré, cuja caça é executada por moradores da região, Maximiliano afirma que a espécie é muito menor do que os animais encontrados no Novo Mundo, corroborando, assim, a tese de Buffon¹⁴⁴.

Por conta de suas cartas de recomendação, Maximiliano e sua expedição conseguem hospedar-se na Casa da Câmara da vila da São João da Barra, onde permanecem dois dias para “preparar” o jacaré caçado no rio Paraíba.

Ao partir de São João da Barra e passar pelo rio Itapemirim, Maximiliano discorre sobre os índios Puris nômades que lá viviam, que afirma provavelmente fazerem parte do mesmo grupo que ele visitara com sua expedição, mas que eram extremamente hostis. Contaram-lhe que pouco tempo antes, um escravo negro havia sido canibalizado por membros deste grupo; a fonte de tal relato, entretanto, fora o feitor de uma fazenda próxima que constantemente tivera problemas com os Puris, e que

¹⁴⁴ “O ‘jacaré’ da costa oriental do Brasil é muito inferior ao gigantesco crocodilo do velho mundo, e mesmo aos existentes nos países da América do Sul mais próximos ao equador.”. WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 119. A este respeito, ver GERBI, Antonello. *La disputa del Nuevo Mundo. Historia de una polémica 1750-1900*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1993.

acreditava que o governo deveria fazer mais para acabar com problemas com os indígenas¹⁴⁵. Todo o relato contado para Maximiliano parece bastante fantasioso, sobretudo levando-se em conta os constantes conflitos entre os indígenas e os colonos da região.

A seguir, Maximiliano atribui as hostilidades ao mau tratamento dado pelos colonos, ao chegarem, aos índios, justificando tal tratamento pela “avidez de lucros e a sede de ouro” que acabaram com os sentimentos dos europeus; mesmo assim, reafirma que o próprio padre João de São Fidelis confirmara a prática de canibalismo entre os Puris, mas que os próprios negam tal prática, mas que tinham costume de dançar em torno dos membros dos inimigos abatidos, entre outros rituais¹⁴⁶. Todavia, Maximiliano afirma que possivelmente houve canibalismo em algumas circunstâncias, mas que os testemunhos que recolhera o levam a crer que não se tratava de prática corrente.

Além disso, a suposta hostilidade dos índios Puris é utilizada por Maximiliano como justificativa para o estabelecimento de um Quartel Militar (ou “Destacamento das Barreiras”) que foi instalado na região. É neste quartel próximo ao rio Itapemirim que a expedição permaneceu instalada por alguns dias. Segundo Maximiliano, alguns meses antes de sua chegada houve um ataque dos Puris ao quartel, e que desde então, não se teve notícias de outros conflitos.

Maximiliano narra outros conflitos entre os moradores, membros do quartel militar e dos Puris. Afirma, ademais, que como a região é habitada por “hordas bravias de ‘Tapuias’”, os conflitos ocorrem com frequência, mas que os Botocudos são vistos como o principal problema da região. Destarte, levando-se em consideração que o diário foi escrito após seu retorno à Europa, com base nas anotações feitas ao longo de todo percurso feito pelo Brasil, Maximiliano já vai preparando o leitor para os capítulos especificamente sobre os Botocudos, que seguem no diário. Parece claro que a disputa pelos territórios é generalizada entre todos os habitantes do local. Vale ressaltar que à

¹⁴⁵ “Um rapazote negro, que tomava conta do gado, foi isolado dos companheiros armados, feito prisioneiro, morto, e, segundo afirmam, assado e devorado. Acham que eles separaram os braços, as pernas e a carne do corpo, levando-os consigo; porque, pouco depois, encontraram no local a cabeça e o tronco descarnado do negrinho; porém os selvagens tinham-se internado precipitadamente nas florestas. Reconheceram, também, as mãos e os pés, assados e roídos, e dizem que até se viam as marcas dos dentes. O ‘feitor’, que está sujeito a esses ataques dos selvagens, declarou-lhes profundo ódio, acentuando, repetidamente, que mataria de bom grado o nosso jovem ‘Puri’. ‘É inconcebível’, acrescentou, ‘que o governo ainda não tenha adotado medidas efetivas para exterminar esses brutos.’”. WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 124.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 124.

época, e mesmo nos dias de hoje, a região do alto Itapemirim foi altamente procurada por seus minérios:

“Os ‘Botocudos’, porém, que são os verdadeiros tiranos desses ermos, ainda fazem grandes incursões rio abaixo. Conta-se que, pouco depois de terem ouvido os moradores de uma ‘fazenda’ situada à margem do rio Muriaé, um barulho e um clamor intensos vindos da floresta próxima, alguns ‘Puris’ feridos apareceram e pediram proteção aos portugueses, dizendo que os ‘Botocudos’ haviam atacado e matado muitos do seu povo. Por todos esses fatos, é evidente que essas florestas estão cheias de selvagens independentes e hostis. Acusam os ‘Tapuias’ de terem assassinado quarenta e três colonos portugueses do Itapemirim no espaço de quinze anos. Apesar de tudo, abriu-se uma estrada através dessas perigosas solidões, indo de Minas de Castelo à fronteira de Minas Gerais, num percurso de perto de vinte e duas léguas.”¹⁴⁷

Em seu caminho rumo ao rio Espírito Santo, o príncipe passa por mais uma aldeia jesuíta, de Vila Nova de Benevente, às margens do rio Iritiba. Segundo Maximiliano, inicialmente havia seis mil índios no aldeamento, mas muitos dos índios o abandonaram por conta do trabalho excessivo. Há uma passagem curiosa, na qual o padre responsável pelo aldeamento afirma que desde que cerimônias religiosas foram celebradas na região, cessaram os ataques por parte dos índios selvagens¹⁴⁸.

A expedição de Maximiliano segue de Iritiba até o rio Goaraparim, chegando às praias da região, e seguem seu percurso pelo litoral rumo à Vila do Espírito Santo, onde chegam ao final do capítulo do livro. Em Guaraparim, Maximiliano depara-se com uma espécie de reduto quilombola da região:

“O lugar é geralmente pobre; na vizinhança, porém, existem duas grandes ‘fazendas’. Uma delas, com quatrocentos escravos negros, é denominada Fazenda de Campos, e outra, com duzentos negros, Engenho Velho. Quando o último proprietário daquela morreu, sobreveio uma desordem geral: os escravos se revoltaram e cessaram o trabalho. Um padre informou aos herdeiros em Portugal do estado de ruína da propriedade, e ofereceu-se para restaurar a ordem, se lhe dessem parte na fazenda. Assim se combinou; mas os cabeças dos escravos mataram-no na cama, armaram-se e formaram, nessas florestas, uma república negra, que não foi fácil submeter. Tomaram posse da ‘fazenda’, viviam livres sem trabalhar muito, e caçavam nas florestas. Ao mesmo tempo, os escravos da ‘fazenda’ Engenho Velho também se libertaram e uma companhia de soldados nada pôde contra eles. [...] Os rebeldes negros das duas ‘fazendas’ acima referidas recebem os forasteiros de maneira amigável, e nesse particular, são muito diferentes dos escravos negros fugidos de Minas Gerais...”¹⁴⁹

¹⁴⁷ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 130.

¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 134.

¹⁴⁹ *Ibidem*, p. 136.

2.8 *Viagem ao Brasil – Tomo I – Cap. VII – “Estadia na Capitania e Viagem ao Rio Doce”*

Maximiliano inicia este capítulo com a descrição da região banhada pelo rio Espírito Santo. O príncipe realizou diversas excursões na região a fim de coletar espécimes para seu acervo de história natural.

Conforme a expedição dirigia-se ao norte da capitania do Espírito Santo, Maximiliano chega à Vila Nova, que segundo ele, é uma aldeia de índios civilizados com aproximadamente 1200 pessoas¹⁵⁰. Maximiliano afirma que o local é, ademais, bastante pobre.



Figura 11. Um bote com oito pessoas diante dos bastidores vegetais do Rio Doce. 1815. Class. embaixo [pena]: “Viagem de barco no Rio Doce. Dezembro de 1815.”. Aquarela e pena. 20,7 cm x 30,0 cm. LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit (reds.). *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa Editorial, 2001.

A expedição chega, então, ao Quartel do Riacho, posto militar às margens do Rio Doce. No quartel, Maximiliano recebeu as primeiras informações dos locais sobre as guerras travadas com os índios Botocudos, sobretudo em virtude da Declaração de Guerra Justa, datada de 1808. Maximiliano afirma que os Botocudos são assim chamados pelos europeus, e faz uma breve descrição da situação aos leitores, antecipando o contato que viria a ter com eles:

“Esses selvagens se distinguem pelo costume de comer carne humana e pelo espírito guerreiro; têm oferecido, até agora, obstinada resistência aos portugueses. Se algumas vezes se mostraram amigáveis em certo lugar, cometeram excessos e hostilidades em

¹⁵⁰ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 146.

outro; daí nunca ter havido um entendimento duradouro com eles.”¹⁵¹

Vale ressaltar que no capítulo anterior, Maximiliano dissera que a prática de canibalismo entre os Botocudos não foi confirmada. Entretanto, descrever a situação de conflito com os Botocudos serve para justificar a existência da guerra formal contra eles narrativa do príncipe, “o último ministro de estado, conde Linhares, declarou-lhes guerra formal, numa proclamação bem conhecida: ordenou que os postos militares já estabelecidos à margem do rio Doce fossem reforçados e se instalassem outros, afim de assegurar-se os estabelecimentos dos europeus e as comunicações com as Minas através dos rios.”¹⁵².

A justificativa dada pelos habitantes para a guerra é a hostilidade dos índios, que por sua vez ‘ocupam’ justamente o espaço que os colonos precisam tanto para fins de passagem, quanto para exploração de minérios. Segundo Maximiliano, os locais já desistiram de “descobrir sentimentos de humanidade entre os selvagens”, o que, ao seu ver, é uma grande perda já que a paz foi conseguida no Rio Grande de Belmonte, local onde ele permanece por mais tempo entre os Botocudos¹⁵³.

Maximiliano e sua expedição partem para explorar o Rio Doce, e passam a noite em outro quartel, o Quartel da Regência. Vale lembrar que desertores e criminosos foram enviados para ocupar esta região¹⁵⁴. Ao descrever a fauna da região, Maximiliano classifica os Botocudos no mesmo nível que as outras “feras”:

“Aí se encontram, comumente, a ‘anta’ (*Tapirus americanus*), duas espécies de porco selvagem (*Dicotyles*, Cuvier), ‘pecari’ ou ‘caitetú’ e o ‘porco de queixada branca’ (*Taitetu* e *Tagnicati* de Azara), duas espécies de veado (o *Guazupita* e o *Guazubira* de Azara), e mais de sete espécies de felinos, entre as quais a onça pintada (*Yaguarété*, Azara) e o tigre negro (*Yaguarété noir*, Azara) são as maiores e as mais perigosas. Contudo, o rude selvagem Botocudo, habitante aborígene dessas paragens, é mais formidável que todas as feras e o terror dessas matas impenetráveis.”¹⁵⁵

Ao chegar à vila de Linhares, Maximiliano descreve a estratégia usada pelos portugueses no sentido de ‘evitar’ possíveis ataques dos Botocudos, através de oito postos espalhados na região a partir de Linhares. Em alguns destes quartéis, são os

¹⁵¹ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 150.

¹⁵² *Ibidem*, p.150.

¹⁵³ *Ibidem*, p. 151.

¹⁵⁴ Vide LANGFUR, Hall. *Uncertain Refuge... Op. cit.*.

¹⁵⁵ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 153.

índios que servem como soldados, e segundo Maximiliano, os habitantes da região têm sido tratados com grande crueldade.

O príncipe encerra este capítulo mais uma vez tecendo considerações sobre os Botocudos, oferecendo ao leitor informações sobre a “origem” do que passou a ser considerado o grupo dos índios Botocudos:

“Já em 1662, os ‘Aimorés’ (Botocudos), ‘Puris’ e ‘Pataxós’ foram mencionados por Vasconcellos entre as tribos tapuias do rio Doce; e embora sejam os primeiros os verdadeiros senhores dessas paragens, os outros incursionam algumas vezes até ai. O mesmo viajante também observa, com toda razão, que alguns dos Aimorés ou ‘Botocudos’ são quase tão brancos quanto os portugueses. A desgraçada guerra sustentada contra os Botocudos no rio Doce torna impossível tratar, nessa região, com esse notável povo; quem quiser vê-los ai, deve preparar-se para uma flechada. Porém mais ao norte, à margem do Rio Grande de Belmonte, os habitantes vivem em paz com eles, e portanto, transiro todas as minhas observações sobre essa interessante tribo de aborígenes para o momento de minha visita a essa parte do país.”¹⁵⁶

¹⁵⁶ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 160.

2.9 *Viagem ao Brasil – Tomo I – Cap. VIII – “Viagem do Rio Doce a Caravelas, ao Rio Alcobaça e volta ao Morro D’Arara, à margem do Mucuri”*

A expedição de Maximiliano começa a subir o Rio Doce no final de Dezembro de 1815; a 1 de janeiro de 1816, encontram-se na barra de São Mateus, confluência de diversos rios onde segundo Maximiliano, as florestas são “povoadas por tribos livres de selvagens”¹⁵⁷. Afirma, também, que há muitos índios não-civilizados em São Mateus, entre eles, Pataxós, Cumanachos, Maxacalis e Botocudos, e que há constantes conflitos entre eles e os colonos, por conta da abundância de madeira de alta qualidade da região.

Ao visitar uma fazenda em Itaúnas, Maximiliano narra mais uma das estratégias dos fazendeiros no sentido de proteger suas terras contra possíveis ataques, a de trazer índios para o entorno, na tentativa de civilizá-los, e utilizá-los na defesa contra os assim ditos selvagens¹⁵⁸.

Na vila de São José do Porto Alegre, mais conhecida por Mucuri, Maximiliano conheceu o capitão Bento Lourenço Vaz de Abreu Lima, mineirador que atravessou o Mucuri vindo de Minas Gerais em direção ao litoral, portanto no sentido contrário de Maximiliano. O príncipe narra a empreitada do capitão Bento Lourenço, sobretudo em relação às diversas estradas abertas por conta de e após sua passagem, “uma foi aberta à margem do Mucuri, outra do Rio Grande de Belmonte, uma terceira do Ilhéus, e duas mais estão sendo feitas à beira do Espírito e Santo e do Itapemirim, para Minas”¹⁵⁹. Maximiliano ainda se encontraria algumas vezes com o capitão Bento Lourenço, inclusive em uma visita a uma das estradas abertas pelo capitão e seus homens.

¹⁵⁷ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 167.

¹⁵⁸ “O proprietário reunira, aí algumas famílias de índios, para, com o tempo, formarem um povoado; destinavam-se, a princípio, a proteger a costa contra os tapuias, e Itaunas é, por isso, considerado um ‘quartel’.”. *Ibidem*, p. 170.

¹⁵⁹ *Ibidem*, p. 173.



Figura 12. Bento Lourenço com três acompanhantes, espingardas e um papagaio como presa de caça. 1816. Class. embaixo [pena]: “Capitão Bento Lourenço Vaz de Abreu Lima com seus mineiros Fevereiro de 1816.”. Aquarela e pena. 28,1 cm x 20,7 cm. LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit (reds.). *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa Editorial, 2001.

O príncipe descreve, então, as tribos indígenas presentes na região do rio Mucuri¹⁶⁰, como os Pataxós, Botocudos, Maconis, Malalis, Capuxos, Cumanaxós e Maxacalis. A expedição permanece em Mucuri por dez dias e depois parte rumo a Vila Viçosa. Durante a viagem, Maximiliano depara-se com um grupo de Botocudos que acompanhava o ouvidor da região, ocasião na qual ele expressa sua surpresa ante esses índios,¹⁶¹ apesar deste não ter sido seu primeiro encontro com outros indígenas ‘classificados’ como tal, o que reforça a hipótese do príncipe estar construindo uma imagem próxima à tradicionalmente conhecida dos Botocudos para seus leitores, antes de dar início aos capítulos que tratarão de sua estadia entre os índios do rio Grande de Belmonte.

¹⁶⁰ Sobre a passagem de Maximiliano e de outros viajantes como Saint Hilaire e Tschudi pelo rio Mucuri, ver DUARTE, Regina Horta. Olhares Estrangeiros: Viajantes no vale do rio Mucuri. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, p. 267-288, 2002.

¹⁶¹ Este trecho já foi citado em outra oportunidade: “A vista dos ‘Botocudos’ causou-nos indescritível espanto; nunca viramos antes seres tão estranhos e feios. Tinham o rosto enormemente desfigurado por grandes pedaços de pau, que atravessavam no lábio inferior e nas orelhas: destarte, o lábio inferior fica muito projetado para a frente, e as orelhas de alguns pendem como asas largas sobre os ombros os corpos bronzeados estavam completamente sujos.”. WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 175.

Esta hipótese também é corroborada pelo fato de que contrariamente aos demais índios que aparecem na maior parte das imagens feitas por Maximiliano, que são muito semelhantes entre si, mesmo sendo de grupos diferentes, e que costumam estar vestidos ou semi-nus, os Botocudos, apesar de serem aqueles que transitam com um “ouvidor” da região, aparecem completamente nus e com feições ‘selvagens’:

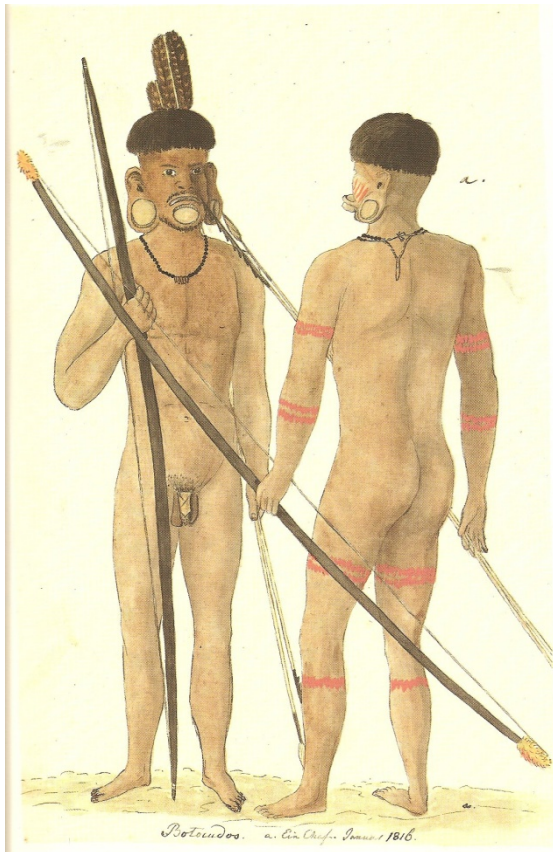


Figura 13. Estudo de dois botocudos de frente e vistos de costas. 1816. Class. e datado embaixo [pena]: “Botocudos. a. Um chefe. Janeiro de 1816.”. Aquarela e pena. 30,2 cm x 19,0 cm. LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit (reds.). *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa Editorial, 2001.

Este capítulo encerra-se com a chegada da expedição de Maximiliano à margem norte do rio Mucuri, na Lagoa de Arara, onde se encontra a propriedade do Conde da Barca. Ademais, Freyreiss decide continuar no rio Doce e ir à Linhares ao invés de permanecer no Morro da Arara com Maximiliano.

2.10 Viagem ao Brasil – Tomo I – Cap. IX – “Estadia em Morro d’Arara, Mucuri, Viçosa e Caravelas, até a partida para Belmonte – de 5 de fevereiro a 23 de julho de 1816”

No capítulo anterior, Maximiliano afirmara que tinha intenção de permanecer ainda por alguns meses na região do rio Mucuri por conta da variedade da flora e da fauna no local. Destarte, o capítulo tem início com a descrição da vida no local, que segundo Maximiliano, era totalmente isolado e seus homens, “entregues inteiramente aos próprios recursos, e adstritos a ficar em guarda constante contra os selvagens da floresta, que os rodeiam de todos os lados.”¹⁶². Há vinte e quatro índios trabalhando na propriedade do Conde da Barca, segundo o príncipe. Ademais, ele novamente se encontra com o capitão Bento Lourenço e seus homens¹⁶³.



Figura 14. Cena de dois índios que sobem nos troncos das árvores. Por volta de 1816. Class. e datado embaixo [pena]: “Modo dos puris e outros selvagens brasileiros escalarem altas árvores”. Aquarela e pena. 23,3 cm x 18,6 cm. LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit (reds.). *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa Editorial, 2001.

A incursão do capitão Bento Lourenço pela região do rio Mucuri rapidamente traz conseqüências pouco favoráveis, com base nas notícias relatadas por Maximiliano de que houve conflito entre índios e colonos próximos à vila do Porto Alegre. Por conta

¹⁶² WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 187.

¹⁶³ “O Capitão Bento Lourenço avança tanto a nova estrada, com os mineiros, que já se aproximava dos nossos ermos. [...] Os homens de várias raças existentes na turma do ‘capitão’ deram à nossa sociedade feição pitoresca e original. Além de nós, alemães e portugueses, tínhamos negros, mulatos, índios do litoral, um botocudo, um malali, alguns maconís e cauchos, todos soldados vindos de Minas Gerais.”. *Ibidem*, p. 191.

do conflito, alguns homens cedidos à expedição de Maximiliano pelo ‘ouvidor’ do Morro da Arara foram obrigados a retornar à cidade de Mucuri¹⁶⁴.

No início do mês de maio, após quase cinco meses no morro, o príncipe recebeu a visita de Freyreiss, que havia continuado no Rio Doce e depois, permanecido em Linhares. Segundo o relato de Freyreiss, conflitos graves foram travados entre os indígenas e os colos também por lá, levando à fuga de moradores da região. Maximiliano parte, então, juntamente com Freyreiss, para Vila Viçosa.

Diante do relato de Freyreiss, o príncipe aproveita para dar sua sugestão quanto à administração colonial no Brasil, o que parece bastante relevante considerando que o diário foi escrito posteriormente, direcionado a leitores europeus, e que ademais, tornou-se leitura obrigatória entre os círculos militares alemães, conforme dito anteriormente¹⁶⁵:

“O maior serviço que o rei poderia prestar aos súditos, no Brasil, seria a distribuição de médicos e cirurgiões competentes pelos diferentes pontos do país, e o estabelecimento de boas escolas públicas, a fim de, gradualmente, dissipar a rude ignorância e a cega superstição, que acarretam e espalham entre o vulgo, tantas misérias e males. Tais escolas são de todo inexistentes. Padres arrogantes, a que tanto falta a energia quanto a vocação para o ensino e a educação do povo, têm, pelo contrário, contribuído ativamente para recalcar a razão sadia e o exercício do raciocínio, e impedir o progresso intelectual. Apesar de toda a rusticidade, o vulgo possui, em alto grau, amor próprio e orgulho, combinados a uma ignorância completa da situação do resto do mundo; o que se deve atribuir, sobretudo, ao pernicioso sistema, seguindo outrora por Portugal, de inteira exclusão do Brasil do intercâmbio internacional. Um estrangeiro é aí considerado com espanto, ou como algo de semi-humano. Deplorando esse obscurantismo, o amigo da humanidade deve rejubilar-se com as esperanças que o presente governo, mais esclarecido, permite alimentar.”¹⁶⁶

Ademais, é curioso perceber o jogo que Maximiliano faz com a imagem dos estrangeiros no Brasil, colocando-se na posição de objeto “semi-humano” de observação, por conta da ignorância, assim como ele faz com os indígenas com os quais se depara. Após as afirmativas acima, Maximiliano rapidamente muda o foco da narrativa para novamente discorrer sobre a geografia da região, finalizando o capítulo com sua partida, no dia 11 de junho de 1916, rumo a Caravelas.

¹⁶⁴ “Fiquei, então, de novo, em companhia só do ‘feitor’ da ‘fazenda’, dos meus dois criados alemães, de cinco negros e seis ou sete índios, que iriam aos poucos, adiantando o serviço.”. WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 194.

¹⁶⁵ Cf. RINGER, Fritz K. *Op. cit.*

¹⁶⁶ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 197-198.

2.11 *Viagem ao Brasil – Tomo I – Cap. X – “Viagem de Caravelas ao Rio Grande de Belmonte”*

O início deste capítulo narra mais um encontro de Maximiliano com o capitão Bento Lourenço, que desta vez está de partida para o Rio de Janeiro, onde receberia o pagamento pelos seus serviços, a patente de coronel e o cargo de inspetor da estrada do Mucuri¹⁶⁷. O príncipe e sua comitiva iniciam a viagem rumo ao litoral sul da Bahia, após a estadia de quatro semanas em Caravelas para receber mantimentos do Rio de Janeiro; Freyreiss e seu grupo, por sua vez, permanecem na região de Mucuri.

Quando Maximiliano está próximo ao rio Jucurucú, ele se deparou com um grupo de índios Pataxós; a descrição muito se assemelha às descrições de novos animais com os quais o príncipe se depara:

“Eram da tribo dos Pataxós, dos quais não vira nenhum até então, e tinham vindo, havia poucos dias, das florestas para as plantações. Entraram na vila completamente nus, sopesando as armas, e foram imediatamente envolvidos por um magote de gente. Traziam para vender grandes bolas de cera, tento nós conseguido uma porção de arcos e flechas em troca de facas e lenços vermelhos.

Esses selvagens não têm nenhuma aparência extraordinária, não são nem pintados nem desfigurados: alguns são baixos, a maioria é de estatura meã, um tanto delgados, de caras longas e ossudas, e feições grosseiras. [...] Comida era o principal desejo deles...”¹⁶⁸

O príncipe faz na seqüência uma comparação entre os índios Pataxós, Puris e Maxacaris, afirmando que a despeito de algumas sutis diferenças físicas, todos são muito semelhantes “no aspecto externo”, assim como em seu comportamento. Maximiliano afirma, ainda, que os grupos se aliam contra os Botocudos e que “sempre se alimentaram suspeitas mal fundadas de que os ‘Pataxós’ comem carne humana”¹⁶⁹. Após a breve comparação dos grupos, novamente Maximiliano descreve os aspectos geográficos da região, sempre em relação ao interesse que esta tem para a exploração do viajante naturalista.

Ainda neste capítulo, Maximiliano compara os índios brasileiros com os demais índios sul-americanos em termos de memória; ao seu ver, o “rude tapuia” não deixou traços de civilização assim como os demais, reforçando a hipótese de que para ele, os índios brasileiros – a quem não trata por ‘nação Botocuda’, ‘nação Pataxó’ ou coisa que

¹⁶⁷ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 203.

¹⁶⁸ *Ibidem*, p. 207.

¹⁶⁹ *Ibidem*, p. 207-209.

o valha – não faziam parte da história. Como se não bastasse, compara-os tanto aos animais (“se um Botocudo ou uma fera viveram”), e parte imediatamente à descrição da flora:

“Os primitivos habitantes não deixarem, como as nações Tulteca e Asteca, monumentos que prendessem a atenção dos pósteros após milhares de anos: pois a memória do rude ‘Tapuia’ desaparece da terra com o seu corpo desnudo, que seus irmãos confiam à cova, e é indiferente, para as futuras gerações, se um Botocudo ou uma fera viveram, outrora, nesse ou naquele lugar. Achei em Jauassema uma espécie particular de palmeira, a ‘piassaba’, que será mencionada para diante com mais freqüência, caracterizando-se pelas folhas penadas, largas e eretas; ainda a não víramos antes.”¹⁷⁰

Após mais de duas páginas de descrições sobre a geografia local, Maximiliano chega à Trancoso, na Bahia, que julga ser “deveras aprazível”, e mais uma vez confirma a sua impressão negativa a respeito dos indígenas, sobretudo dos Pataxós, em tom bastante repetido entre os viajantes, por conta da suposta devassidão moral dos índios:

“Por trás de Trancoso, as florestas mais distantes são habitadas pelos ‘Pataxós’. O ‘senhor Padre’ Inácio, o digno e velho sacerdote local, disse-me que esses aborígenes aparecem muitas vezes na vila; vão sempre completamente nus, e, se ele amarra um lenço em torno da cintura das mulheres, nunca deixam de arrancá-lo imediatamente.”¹⁷¹

Em nenhum momento Maximiliano parece questionar o relato do padre, mesmo considerando-se que o sul da Bahia já estava passando pelo processo colonizatório pelo menos nos últimos 200 anos, e desta forma, muito provavelmente o contato entre os índios e demais habitantes certamente não era esporádico¹⁷². Maximiliano segue, então, rumo a Porto Seguro¹⁷³.

¹⁷⁰ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 214.

¹⁷¹ *Ibidem*, p. 217.

¹⁷² Cf. GRÜNEWALD, Rodrigo. *Os Índios do Descobrimento: tradição e turismo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001.

¹⁷³ “A primitiva história de Porto Seguro registra vários e notáveis acontecimentos. Durante a guerra holandesa no Brasil, o lugar não tinha mais de 50 habitantes, havendo nas cercanias três aldeias de índios. A esse tempo, somente 40 portugueses viviam nas margens do rio Caravelas. Na última metade do século XVII, alguns remanescentes dos ‘Tupinambás’ e ‘Tamoios’ uniram-se contra os portugueses, aos seus inimigos, os ‘Aimorés’ ou Botocudos. Os ‘Tupiniquins’ eram aliados dos portugueses; mas os inimigos destes somavam muito mais, e destruíram Porto Seguro, Santo Amaro e Santa Cruz. [...] Das aldeias indígenas mencionadas acima, nenhuma existe mais a não ser Vila Verde, situada a um pequeno dia de jornada rio acima. É inteiramente habitada por índios; apenas o padre (‘padre vigário’) e o ‘escrivão’ são portugueses. A maioria deles, entretanto, vive pelas plantações, vindo somente às casas da aldeia aos domingos e dia santos.”. WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 220.

Maximiliano inicia, então, seu percurso pelo Rio Grande de Belmonte, onde ficaria no quartel junto aos Botocudos, tema dos próximos capítulos e do segundo tomo do diário. Aos leitores, o príncipe já adianta que “as florestas das margens do Belmonte constituem o principal retiro da tribo dos ‘Botocudos’, tantas vezes referida, e em virtude da qual o rio não podia, antigamente, ser navegado sem perigo”¹⁷⁴.

O último capítulo do primeiro tomo¹⁷⁵ e todo o segundo tomo do diário dizem respeito ao período no qual Maximiliano esteve entre os Botocudos, bem como suas impressões e conclusões a respeito do grupo. Ao longo destes capítulos, é possível perceber mudanças significativas na visão de mundo de Maximiliano, de modo que estes serão analisados no capítulo três desta tese, a seguir.

¹⁷⁴ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 226.

¹⁷⁵ “Estadia no Rio Grande de Belmonte e entre os Botocudos”.

Capítulo 3: Novos rumos da viagem – Maximiliano e sua percepção dos Botocudos: a presença de Guack

Conforme dito na Introdução, em *Viagem ao Brasil*, a sistematização da natureza perpassa os seguintes estágios. Primeiramente, Maximiliano oferece a descrição física do local visitado, incluindo dados geográficos sobre a latitude e longitude, formações rochosas, terreno e afins. Inicia, então, sua descrição da flora e fauna local, especificamente em relação às suas caçadas, que resultam em novos espécimes para sua coleção e aqueles que desconhecia ou que só conhecia com base em suas leituras prévias. A seguir, Maximiliano descreve a população que ocupa o local visitado. Se for ocupada por brasileiros – na visão de Maximiliano, os não-índios – parte-se para a descrição da arquitetura e construções do local. Já se for ocupada por índios, a passagem entre a descrição da flora e da fauna e para a da população é bastante tênue, pois começa com a descrição da cultura material e das pessoas, elementos comuns e intercambiáveis daquilo que o príncipe enxerga.

O primeiro tomo de *Viagem ao Brasil* foi tema do capítulo anterior desta dissertação, exceto seu último capítulo¹⁷⁶, por se tratar do primeiro momento em que Maximiliano permanece entre os índios da tribo, e também por sua importância em relação a mudança na percepção de Maximiliano do mundo no qual ele se encontra. Destarte, este capítulo terá como foco este último capítulo do primeiro tomo e o primeiro capítulo do segundo, sobretudo no que tange a relação de Maximiliano com os Botocudos, que se dá principalmente através de Guack.

¹⁷⁶ Capítulo XI – “Estadia no Rio Grande de Belmonte e entre os Botocudos”.

3.1 Viagem ao Brasil – Tomo I – Cap. XI – “Estadia no Rio Grande de Belmonte e Entre os Botocudos”

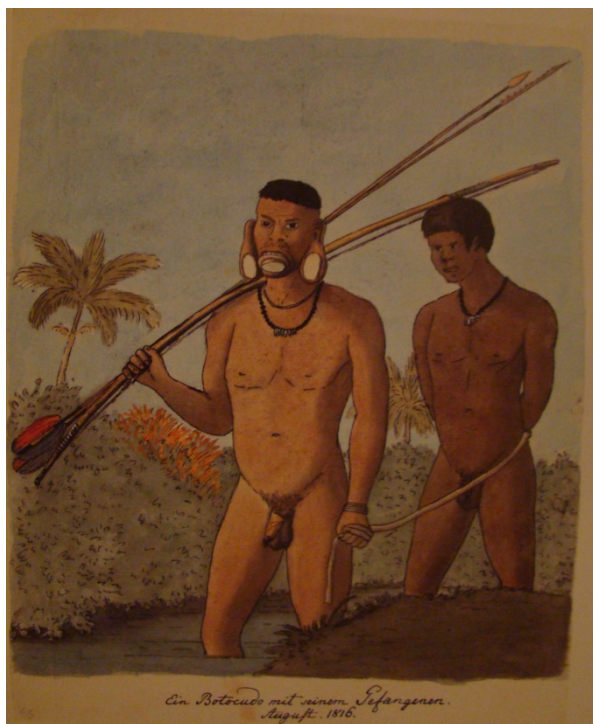


Figura 14. Estudo de um botocudo armado com seu prisioneiro amarrado. 1816. Class. e datado embaixo [pena]: “Um botocudo com seu prisioneiro. Agosto. 1816.”. Aquarela e pena. 25,2 cm x 20,0 cm. LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit (reds.). *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa Editorial, 2001.

Logo no início deste capítulo, Maximiliano afirma que foram as “matarias das margens do Belmonte” o motivo pelo qual ele decidiu “passar alguns meses nos ‘Sertões’ e talvez subir o rio até Minas”¹⁷⁷. Assim, o príncipe parte com sua comitiva da cidade de Belmonte no dia 17 de agosto de 1816.

Após alguns dias de viagem, Maximiliano chega ao Quartel dos Arcos, na foz do rio. Segundo seu relato, há quatro grupos de índios Botocudos que vivem próximo ao quartel, cada grupo com seu respectivo líder. Assim como fazia com as demais tribos, Maximiliano decide explorar a área onde encontravam-se os agrupamentos dos Botocudos, quando estes não estavam lá. A ausência de habitações e objetos o surpreende:

“Aproveitei-me da ausência dos botocudos para visitar as choças que deixaram recentemente, as quais ficavam bem longe do rio, nos mais fundos recessos da mata. Consistiam apenas de folhas de coqueiros

¹⁷⁷ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 229.

fincadas no solo, de modo que as pontas, encontrando-se no topo, formavam uma espécie de arcada. Nelas não encontrei nenhum utensílio, exceto pedras grandes e grossas, com as quais costumavam partir certo coco silvestre, a que denominam ‘ororó’.”¹⁷⁸

Maximiliano retorna ao mesmo lugar depois de alguns dias; desta vez, contudo, ele se depara com os Botocudos que ali viviam. Parte deles havia sido mandada ao Rio de Janeiro pelo ouvidor do Quartel. Maximiliano novamente descreve os Botocudos como animais:

“Voltei-me imediatamente e eis que bem atrás de mim estavam diversos botocudos! Nus e pardos, como os animais da mata, mostravam-se com os grandes botoques de pau branco enfiados nas orelhas e no lábio inferior, arcos e flechas nas mãos. Confesso que o meu espanto não foi pequeno; fossem eles hostis e seria transpassado pelas flechas antes que os pudesse pressentir. Avancei destemerosamente para eles, e todas as palavras da sua linguagem que me ocorreram à memória no momento proferi-as. Apertaram-me ao peito, à maneira dos portugueses, bateram-me no ombro e pronunciaram, em voz alta, umas frases, ásperas; quando viram, então, a minha espingarda de dois canos, exclamaram repetidamente, admirados: *punuruhú* (muitas espingardas).”¹⁷⁹



Figura 15. Três índios caminhando com crianças, armas e utensílios, de perfil voltados para a esquerda. 1816. Class. e datado embaixo [pena]: “O Capitão dos Botocudos June em viagem. Em 27 de agosto. 1816.”. Aquarela e pena. 21,2 cm x 33,6 cm. LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit (reds.). *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa Editorial, 2001.

Maximiliano estava acompanhado de um índio, Jorge, que conversou com os índios; estes perguntaram pelos demais que haviam sido enviados ao Rio de Janeiro, e o

¹⁷⁸ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 237.

¹⁷⁹ *Ibidem*, p. 238.

príncipe foi então apresentado ao seu chefe, a quem os membros do quartel chamavam de June, mas seu nome entre os Botocudos era Kerengnatuk. Ao voltar ao quartel, Maximiliano espanta-se ao ver muitos dos índios por toda a parte, e novamente coloca-se como observado diante dos indígenas:

“Ao voltar, pouco depois, para o ‘quartel’, encontrei muitos botocudos deitados à vontade em todos os quartos da casa. Alguns estavam sentados diante da fogueira, assando ‘mamão’ verde; outros comiam farinha que o comandante lhes dera; grande parte examinava com espanto a minha gente, cujo aspecto era para eles bem estranho. Não escondiam a surpresa diante da pele branca, dos cabelos claros, dos olhos azuis. Esquadrinhavam todos os cantos da casa, procurando comida, de apetite sempre aguçado; subiam em todos os mamoeiros, e assim que o fruto mostrava, pela cor verde-amarelada, um princípio de amadurecimento, arrancavam-no imediatamente; mais ainda, muitos o comiam completamente verde, ou assado em brasas, ou cozido.”¹⁸⁰

Maximiliano continua a descrever este contato travado com os Botocudos, detalhando as trocas que realizou com eles, assim como a interação entre os indígenas e os membros do quartel. Levando-se em conta que o príncipe busca confirmar seu conhecimento prévio e informações anteriores recebidas, principalmente quanto a aproximação dos índios Botocudos de animais, Maximiliano afirma, entretanto, que:

“Tem-se assegurado que os botocudos costumam, cumprimentando-se, cheirar os punhos uns dos outros; o sr. Sellow, entre outros, diz que observou esta prática; mas eu, embora tenha estado muito tempo e muitas vezes entre eles, e visto freqüentemente cumprimentarem reciprocamente, nunca observei ou ouvi falar de qualquer coisa nesse gênero.”¹⁸¹

Afirma o príncipe, ainda, que apesar de toda a desconfiança que ronda os índios Botocudos do Rio Doce, que na região do Rio Grande do Belmonte, os demais já convivem entre eles sem com menos ressalvas, adentrando a mata em sua companhia e realizando trocas. Esta aproximação, não obstante, é cautelosa, comedida, e assemelha-se, em grande medida, à domesticação de animais selvagens, sempre sob o controle de um domador. Maximiliano insiste em valer-se da mesma linguagem utilizada para descrever os animais da mata para tratar dos Botocudos, à medida que os vê realizando caçadas e buscas nas matas ao redor – os índios são fortes, não suam, curvam-se e

¹⁸⁰ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 239.

¹⁸¹ *Ibidem*, p. 240.

rastejam com facilidade por onde passam¹⁸². Segundo o príncipe, Ademais, os Botocudos já aprenderam que conseguem mais comida entre os europeus, e que estão aprendendo a fazer plantações¹⁸³. Por fim, como lhe é de praxe oferecer uma solução aos conflitos e problemas enfrentados pelo governo e pelos colonos no Brasil, Maximiliano conclui que “somente o aumento da população européia e a diminuição dos terrenos de caça podem induzi-los a uma mudança gradual do modo de vida.”¹⁸⁴.

Como animais selvagens domesticados, os Botocudos são também, na ótica de Maximiliano, entretenimento: “os ‘Botocudos’ vivendo então sob o mesmo teto que nós, foram motivo de grande divertimento, e muitas vezes, de cenas interessantes”¹⁸⁵. Ao terminar sua introdução sobre o convívio com os índios, Maximiliano rapidamente inicia a descrição geográfica da localização do quartel, bem como da flora e fauna, no qual se encontra com sua comitiva¹⁸⁶. E como animais selvagens, os Botocudos camuflam na paisagem:

“Enquanto minha gente se ocupava com a canoa, olhei casualmente para a margem oposta e, com grande espanto, vi um corpulento e robusto botocudo, sentado com sossego, de pernas cruzadas. Chamava-se Jucakemet e era bem conhecido do meu pessoal, que, entretanto, não o percebera; tinha ficado a ver-nos trabalhar sem fazer a menor bulha. Mal se lhe distinguia o vulto bruno-acinzentado entre as rochas cinzentas; essa é a razão por que esses selvagens se podem aproximar facilmente sem serem percebidos e por que os soldados, em outras paragens, quando em guerra com eles, precisam de extrema cautela.”¹⁸⁷

Mais adiante, Maximiliano narra outro encontro com um índio Botocudo que não conhecia, e que igualmente comporta-se como um animal em busca de alimentos;

¹⁸² “A força muscular permite-lhes caminhar rapidamente, tanto descendo como subindo montes; penetram nas florestas mais densas e intrincadas; completamente nus, sem, portanto o incômodo das roupas, jamais suando, levando apenas o arco e as flechas na mão, curvando-se com facilidade; a pele endurecida, que não teme espinhos nem injúrias, permite-lhes rastejar pelas menores brechas das moitas e vencer, assim, grandes extensões em um dia.” WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 240.

¹⁸³ “Os ‘Botocudos’, que gostam de estar perto dos europeus por causa do proveito que daí tiram, também aprenderam, por experiência própria, que nos ‘quartéis’ os mantimentos são, às vezes, parcos, motivo pelo qual alguns deles fizeram plantações. [...] Esses exemplos mostram que os ‘Botocudos’ já se vão aproximando da civilização, mas provam, igualmente, que lhes é muito difícil renunciar à vida natural de nômades caçadores, de vez que abandonam com tanta facilidade as plantações feitas por eles mesmos.” *Ibidem*, p. 242.

¹⁸⁴ *Ibidem*, p. 242.

¹⁸⁵ *Ibidem*, p. 242.

¹⁸⁶ “A ilha, em que estão os edifícios do ‘quartel’, é apenas desbravada, como já dissemos, na porção anterior ou mais baixa, onde também ficam as plantações, que sustentam os soldados bem como os botocudos: ao passo que a outra parte, pelo contrário, é coberta de ‘capueiras’ e florestas, através das quais não existem picadas: o mesmo acontece com as margens vizinhas do rio...” *Ibidem*, p. 243.

¹⁸⁷ *Ibidem*, p. 250.

em sua descrição, o príncipe lança mão de adjetivos e advérbios como “imperioso”, “rude”, “indomável”, “selvagem”, “vorazmente”:

“Perto da Lapa dos Mineiros, vimos uns botocudos na margem sul, ocupados em flechar peixes. Um deles, o que estava mais próximo de nós, logo nos acenou para que o fossemos buscar e lhe déssemos algo de comer. Desejando vê-lo mais de perto e fazer negócio com as armas dele, fiz a canoa dirigir-se para a margem; impelido, porém, pelo apetite imperioso, não esperou pela nossa chegada, ficou com a água pelo pescoço e veio, então, ora a vão, ora nadando, sustendo as armas acima da cabeça, até uma massa rochosa, já bem para dentro do rio, onde se pôs a fazer sinais, indicativos de rude e indomável paciência. A mais curta distância, vimos que o botocudo era um homem alto e robusto, traíndo nos menores gestos a sua natureza selvagem. Abriu a boca quanto pôde e berrou; *nuncut!* (comer), ao que lhe atiramos às guelmas, alguns punhados de farinha; enquanto as engolia vorazmente, um dos meus, que entendia um pouco da linguagem desses silvícolas, pulou em terra, apanhou-lhes as armas e as trouxe para a canoa, em lugar seguro, dizendo-nos que o homem era tal selvagem, que devíamos estar prevenidos contra ele; ao mesmo tempo, colocou uma faca na extremidade do remo, apresentando-o ao aborígene, que pareceu muito satisfeito com a troca, após o que pusemos rapidamente ao largo.”¹⁸⁸

Ao retornar ao quartel após uma caçada, o chefe de outro grupo de Botocudos, Makiängiâng, chamado pelos colonos de Gipakeiu (o grande capitão), veio conhecer Maximiliano. O príncipe não perde a oportunidade de novamente comparar os Botocudos a animais, ressaltando a ausência de traços físicos diversificados entre eles e o seu desejo “selvagem e “insaciável” por comida:

“O ‘capitão’ Gipakeiu se agradara muito de mim, porque lhe disseram que eu era um admirador dos botocudos, e ardia de impaciência para o conhecer a ele, grande chefe. [...] Embora não se distinguisse externamente dos outros membros da tribo, os conterrâneos tinham-no em grande consideração, o que por vezes o tornava útil aos próprios portugueses. [...] Abraçou-me várias vezes à moda portuguesa, mas a nossa conversa foi muito curiosa, pois nenhum de nós entendia o outro; entretanto, o ‘capitão’ fez-me logo compreender que estava com muita fome e esperava que eu lhe desse algo de comer: satisfazer o apetite insaciável é sempre a mais urgente necessidade desses selvagens.”¹⁸⁹

¹⁸⁸ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 253-254.

¹⁸⁹ *Ibidem*, p. 257-258.

Assim como fizera com as demais tribos, ao observar os Botocudos próximos ao quartel, Maximiliano os descreve como parte inerente e inseparável da paisagem que os cerca:

“Por toda parte se viam jovens trigueiros, uns tomando banho no rio, outros fazendo arcos e flechas, trepando nas árvores atrás dos frutos, fisingando peixe, etc. Os homens se dispersam para todos os lados da mata vizinha, chamando-se uns aos outros, apanhando lenha ou ocupando-se em outras tarefas. Formavam o quadro admirável de uma república selvagem construindo uma nova colônia, e não se podia contemplar sem prazer a agitação que ia entre eles.”¹⁹⁰

Foi nos arredores do Quartel dos Arcos que Maximiliano presenciou seu primeiro combate entre os índios Botocudos do Rio Grande de Belmonte, que ficou imortalizado através de sua aquarela, que foi posteriormente exaustivamente reproduzida, em graus diferentes de veracidade e precisão, conforme o público leitor e a edição do diário, na maior parte das publicações relacionadas à Maximiliano e sobretudo, aos Botocudos¹⁹¹. Trata-se do embate entre os grupos liderados pelo ‘capitão’ June, aliado do capitão Gipakeiu, contra o capitão Jeparack, que segundo Maximiliano, sua comitiva e os soldados dos quartéis ficaram observando sem juntarem-se ao conflito, mas armados para qualquer eventualidade.¹⁹² O príncipe descreve a cena como verdadeiro espetáculo teatral, no qual os não-Botocudos alinharam-se em um semi-círculo em torno dos indígenas, narrando o episódio da seguinte maneira:

“O combate começava. De início, os guerreiros de ambos os lados soltavam gritos curtos e rudes em desafio mútuo, cercando-se como cães raivosos, ao mesmo tempo que aprontavam os paus. Em seguida, o ‘capitão’ Jeparack adiantou-se, passeou entre os homens, olhando sombriamente para diante, de olhos esbugalhados, e cantou, com voz trêmula, uma longa cantiga, que provavelmente descrevia as afrontas recebidas. Dessa maneira os bandos contrários se tornavam cada vez mais inflamados: de súbito, dois deles avançaram, empurraram-se pelo peito, obrigando a recuar, e começando, então, a terçar os paus. [...] Quando a liça se prolongava um pouco, tornavam a cercar-se de olhar sério, soltando gritos de desafio, até que o heróico entusiasmo os tomava de novo e punham os paus a funcionar.”¹⁹³

¹⁹⁰ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 258.

¹⁹¹ A este respeito, ver ALEGRE, Maria Sylvia Porto. *Imagem e representação do índio no século XIX. In.: GRUPIONI, Luis Donisete Benzi (org). Índios no Brasil.* Brasília: MEC, 1994. p. 59-72.; e SILVA, Danuzio Gil Bernardo da. *O Espelho de Clio: olhares em choque sobre o Novo Mundo.* Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação da UNICAMP, 2002.

¹⁹² O conflito é narrado por Maximiliano nas páginas 260-262 da edição utilizada como referência neste trabalho.

¹⁹³ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 261.

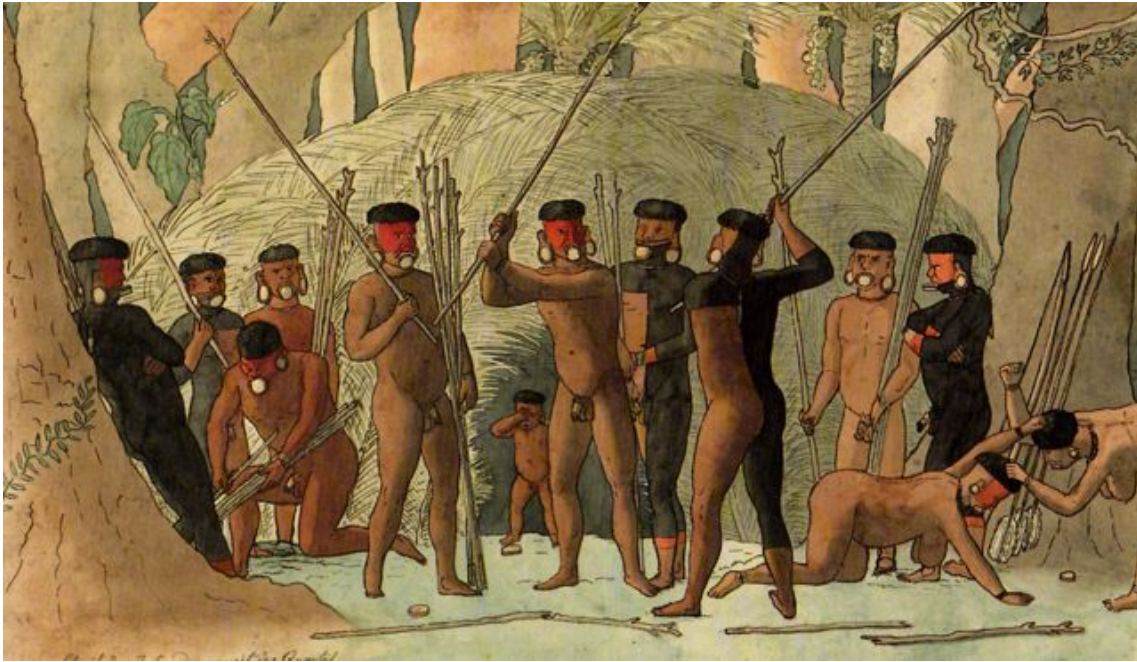


Figura 16. Cena diante de uma cabana botocuda com índios armados em pintura de guerra e mulheres a brigar, arrancando os cabelos. 1816. Class. e datado embaixo [pena]: “Briga dos botocudos próximo ao Quartel dos Arcos no Rio Grande de Belmonte. Em 1816.”. Aquarela e pena, 24,5 cm x 40,3 cm. LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit (reds.). *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa Editorial, 2001.

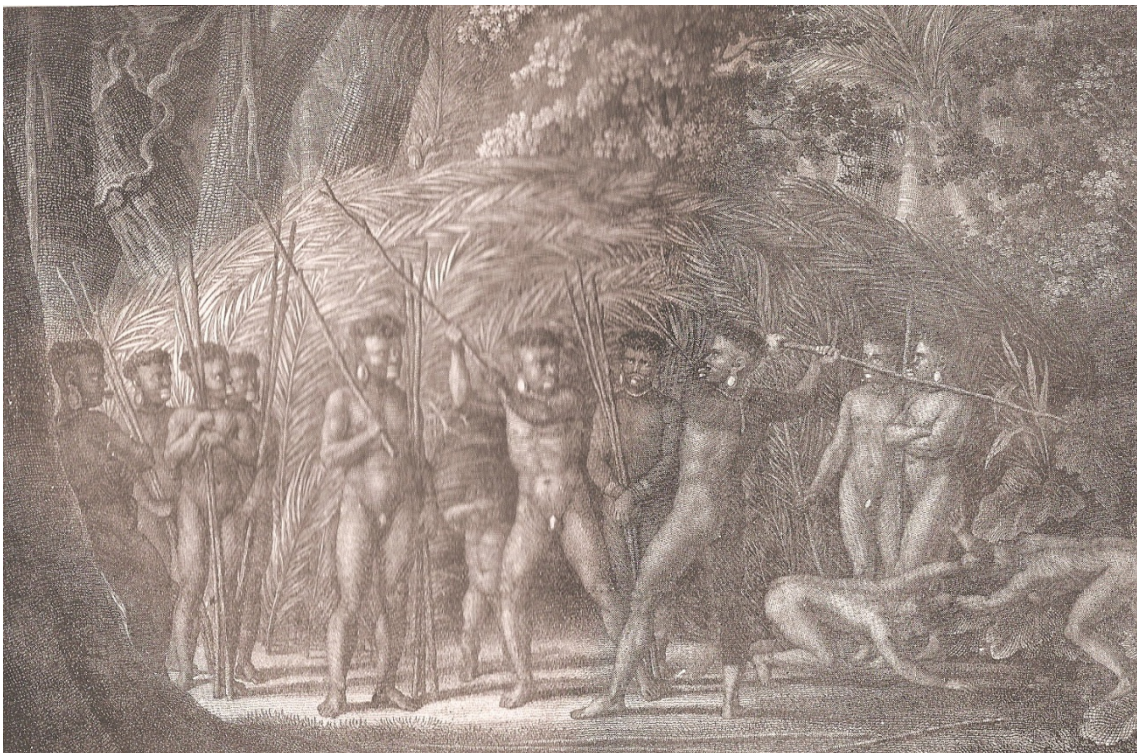


Figura 17. Duelo entre Botocudos no Rio Grande de Belmonte. Desconhecido. In. WIED-NEUWIED, Maximiliano de. *Op.cit.*, s/p, imagem 11.

Ainda em relação a esta mesma imagem, há uma peculiaridade bastante significativa: a cena de duas mulheres brigando, atiradas no chão, no canto direito, que também sofreu bastante alterações em suas diversas edições e que igualmente foi alvo da descrição do príncipe:

“Neste íterim, as mulheres também brigavam valentemente: chorando e berrando, seguravam-se das orelhas e do lábio inferior os batoques de pau, espalhando-os como troféus pelo campo de batalha. Se alguma punha por terra a adversária, uma terceira, que estava por detrás, agarrava-a pelas pernas, derrubando-a também ao chão, e assim se iam prostrando mutuamente. Os homens não se rebaixavam a bater nas mulheres do lado contrário, mas apenas as empurravam com a ponta dos paus, ou davam-lhes ponta-pés nos flancos, fazendo-as rolar umas sobre as outras. Os gritos e os lamentos das mulheres e das crianças, vindos das malocas vizinhas, ainda mais aumentavam o efeito dessa curiosíssima cena.”¹⁹⁴

Após o final da batalha, sem que deixe claro qual lado havia, Maximiliano novamente se aproveita da situação para caracterizar os Botocudos como animais, afirmando que os combatentes “não ligavam importância aos membros inchados, demonstrando até que ponto pode o homem castigar-se; chegavam a se deitar sobre as feridas abertas e a comer avidamente a farinha que o comandante lhes deu”¹⁹⁵.

O príncipe então esclarece que a disputa se deu por conta da caça de porcos do mato por parte do grupo liderado pelo ‘capitão’ June nas terras de ‘capitão’ Jeparack, e adiciona ainda que “muito raramente os estrangeiros conseguem testemunhá-lo [o espetáculo], embora seja tão importante para os que querem conhecer perfeitamente os selvagens e seu caráter”¹⁹⁶.

Maximiliano e sua comitiva deixam a ilha de Cachoeirinha, onde se encontra o Quartel dos Arcos, e voltam rumo a Mucuri no final do mês de Setembro de 1816, onde o príncipe se reencontra com Freyreiss e Sellow, antes de novamente retornar a Belmonte. Em sua viagem rumo a Belmonte, Maximiliano depara-se com um grupo de Pataxós e de Maxacari, e também compara-os a animais, reinantes na florestas tal qual as onças e os tigres¹⁹⁷. Estes índios com os quais Maximiliano, segundo sua narrativa, viviam juntos e falavam português.

¹⁹⁴ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 261.

¹⁹⁵ *Ibidem*, p. 262.

¹⁹⁶ *Ibidem*, p. 262.

¹⁹⁷ “O dia seguinte descerrou-me magnífico panorama selvático. Até aonde alcançava a vista só se viam as cimas verde-escuras e sombrias das árvores, que se adensavam em selvas primitivas e impenetráveis, onde o rude ‘Pataxó’ e o ‘Maxacari’ dividem a soberania com a onça e o tigre negro.”. *Ibidem*, p. 265.



Figura 18. Príncipe Maximiliano e seus acompanhantes atravessam um rio. 1816. Class. e datado embaixo [penna]: “Nós atravessamos o Rio Corumbaru. Em 4 de setembro de 1816.”. Aquarela e pena. 20,1 cm x 24,6 cm. LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit (reds.). *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa Editorial, 2001.

No dia 28 de dezembro de 1816, Maximiliano chega novamente a Belmonte, afirmando que sua estadia resultou em diversas contribuições para a história natural¹⁹⁸. Assim tem conclusão não somente este capítulo, mas também o primeiro tomo de *Viagem ao Brasil*. A divisão em dois volumes marca, ademais, a mudança na estrutura do diário, cujos capítulos até então foram divididos e agrupados de acordo com os trechos percorridos por Maximiliano, e principalmente, a mudança na visão de mundo do príncipe.

O segundo tomo, em contrapartida, terá início com um capítulo dedicado exclusivamente aos índios Botocudos, intitulado “Alguma palavras sobre os Botocudos”. Conforme dito anteriormente, nele será possível perceber a mudança na percepção de Maximiliano sobretudo através da presença do Botocudo Guack. Os demais capítulos do tomo seguem a estrutura comum ao restante do diário; ou seja, de acordo com os trechos percorridos por Maximiliano. Os próximos itens versarão sobre estes capítulos.

¹⁹⁸ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 268.

3.2 Viagem ao Brasil – Tomo II – Cap. I – “Algumas palavras sobre os Botocudos”

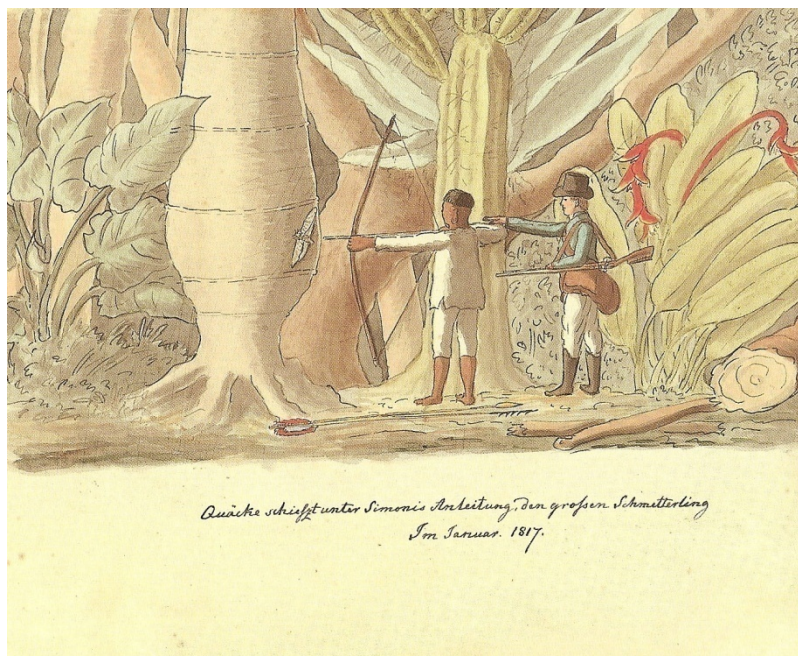


Figura 19. Um europeu e um nativo caçando na floresta virgem. 1817. Class. e datado embaixo [pena]: “Quäcke atira sob orientação de Simonis na grande borboleta. Em Janeiro. 1817.”. Aquarela e pena. 20,2 cm x 24,6 cm. LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit (reds.). *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa Editorial, 2001.

Maximiliano inicia este capítulo e o segundo tomo do diário afirmando que escolheu escrever sobre os Botocudos pois poucos viajantes escreveram sobre este grupo de índios¹⁹⁹. O príncipe discorre, então, sobre a origem dos índios Aimorés, e as delimitações geográficas do território no qual se encontram, especificando que há conflitos entre os Botocudos e os portugueses no Rio Doce e em Minas Gerais, e que há uma relativa situação de paz na região do Rio Grande de Belmonte. Maximiliano inicia, neste sentido, a descrição física dos índios, seguido do costume de utilizar batoques; da maneira de cortar os cabelos; as partes sexuais; pinturas de corpo; de comentários sobre a ausência de gosto artístico; caráter moral; utensílios; lugares para visitar os Botocudos; as crianças; alimentação; movimentação e deslocamento; práticas

¹⁹⁹ “Entre as tribos indígenas do Brasil, existem ainda hoje algumas cujos nomes são apenas conhecidos na Europa. [...] Entre elas se distinguem particularmente os Botocudos por diferenças muito características. Até aqui nenhum viajante forneceu informações precisas sobre os índios dessa tribo. Blumenbach fez menção dela em seu tratado de *Generis humani varietate nativa* e Mawe também incidentalmente a ela se refere; apenas eles eram conhecidos nos primeiros tempos pelos nomes de ‘Aimorés’, ‘Aimborés’ ou ‘Amburés’...”. WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 268.

matrimoniais; nomes próprios; língua; conflitos; antropofagia; doenças; práticas mortuárias; e religião.

Conforme dito anteriormente, neste primeiro capítulo do segundo tomo do diário de Maximiliano nota-se uma significativa mudança na maneira como o príncipe os enxerga. Esta diferença é perceptível já na descrição física que Maximiliano faz dos Botocudos; até então, eles eram tidos como criaturas horrendas e brutas, enquanto que neste capítulo, Maximiliano afirma que:

“A Natureza dotou esses índios de boa compleição, sendo eles melhor conformados e mais belos do que os das demais tribos. Apresentam, em geral, estatura mediana, não obstante apresentarem alguns porte mais avantajado. São fortes, em regra largos de peito e espadaúdos, mas sempre bem proporcionados; mãos e pés delicados. Como nas outras tribos, têm traços fisionômicos muito salientes, as maçãs do rosto grandes, o rosto às vezes achatado, mas, ainda assim, não de raro bastante regular; olhos, na sua maioria, pequenos, às vezes grandes, mas em geral pretos e vivos; lábios e nariz de ordinário grossos. Contam que também alguns existem com olhos azuis, referindo-se a propósito o caso da mulher de um chefe do Belmonte, tida como de grande beleza pelos seus conterrâneos.”²⁰⁰

É curioso perceber a importância atribuída por Maximiliano aos olhos azuis, possivelmente por tratar-se de traços que ele julgava ser exclusivamente europeus. A seguir, ele descreve o nariz e a face dos botocudos. O príncipe afirma também que “a cor dos botocudos é um bruno avermelhado, ora mais claro, ora mais escuro; há entre eles indivíduos quase perfeitamente brancos, e até de faces coradas; nunca encontrei, porém, exemplos de cor tão escura quanto dizem certos escritores, mas, pelo contrário, são freqüentes os de cor bruno-amarelada.”²⁰¹.

Após a descrição física deste grupo de indígenas, o príncipe discorre sobre o uso dos batoques entre os Botocudos:

“A vontade do pai é que decide do momento em que a criança deve sofrer a operação e receber a ornamentação peculiar à sua tribo; isso acontece de ordinário dos sete aos oito anos, às vezes até antes. Estiram-se pela ponta o lobo da orelha e o lábio inferior, fazendo-se então neles, por meio de um pau duro e pontudo, um orifício, onde se coloca depois um pequeno pedaço de madeira, que vai sendo pouco a pouco substituído por outros progressivamente maiores, até que os lobos das orelhas e o lábio inferior adquiram um tamanho descomunal. [...] Os botocudos raramente tiram o ‘batoque’ para comer, do que resulta, forçosamente, falta de asseio. [...] as mulheres

²⁰⁰ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 274-275.

²⁰¹ *Ibidem*, p. 276.

adornam-se também com ‘batoques’, porém estes são nelas menores e mais delicados do que nos homens.”²⁰²

Segundo Maximiliano, os batoques serviam ademais para distinguir os Botocudos das demais tribos indígenas, tanto na América do Sul quanto no mundo em geral, já que outras tribos utilizavam adereços nos lábios e orelhas, mas não da mesma maneira²⁰³.

A seguir, Maximiliano descreve o corte de cabelo dos botocudos, afirmando que trata-se de uma ornamentação muito apreciada entre os membros da tribo. Afirma, ainda, que nem todos os indígenas são imberbes, embora muitos o tenham escrito. O príncipe discorre rapidamente sobre as partes sexuais masculinas e femininas dos índios, comparando-as às observações de Blumenbach em relação aos etíopes²⁰⁴. Maximiliano afirma o mesmo sobre as mulheres indígenas.

O próximo tema ao qual Maximiliano se dedica é a pintura corporal. Afirma o príncipe que os Botocudos pintam-se com tintas extraídas do urucum e do jenipapo, e que trata-se de uma prática para fins estéticos, complementando ainda que “em sua idéia de beleza, o Botocudo ainda não se contenta só com essas pinturas; necessita ainda de um colar, feito de sementes, ou de frutos pretos”²⁰⁵, e que eles utilizam-se de penas para distinguir a hierarquia entre os membros das tribos. Apesar desta preocupação em ornamentar-se, o príncipe alega que “nenhum gosto artístico demonstram os botocudos nos objetos que fabricam; pelo contrário, outras tribos, como os “Camacãs”, do “sertão” da capitania, fazem trabalhos muito perfeitos.”²⁰⁶.

Maximiliano atesta que há um certo grau de civilização entre os índios Botocudos por eles não terem mais o costume de deformarem seus corpos, e novamente contrariando suas afirmações anteriores quanto a beleza dos Botocudos, escreve que “as crianças dos Botocudos são por vezes muito bonitas e já em tenra idade mostram um topetezinho na cabeça.”²⁰⁷.

²⁰² *Ibidem*, p. 276-277.

²⁰³ “De tudo isso se conclui que o costume de praticar aberturas nos lobos das orelhas e de guarnece-las de enfeites é muito espalhado nos selvagens de todas as partes do Globo, mas que é entre os botocudos que a prática deste artifício atinge a sua máxima expressão.” WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 278.

²⁰⁴ “Os órgãos sexuais masculinos parece serem sempre de tamanho medíocre nos povos da América do Sul; desse ponto de vista dá-se com eles o contrário do que acontece com as tribos africanas da raça etiópica, como no-lo informa Blumenbach.” *Ibidem*, p. 278. Sobre os textos escritos sobre os africanos, e a polêmica envolvendo suas partes sexuais, ver PRATT, Mary Louise. *Os Olhos... op. cit.*, cap. IV.

²⁰⁵ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 279-280.

²⁰⁶ *Ibidem*, p. 280.

²⁰⁷ *Ibidem*, p. 281.

O príncipe dá início, então, a descrição do caráter moral dos índios, afirmando que do mesmo modo que os índios são semelhantes do ponto de vista físico, o são do ponto de vista moral. O príncipe afirma que os indígenas apenas repetem aquilo que vêm, não têm princípios morais, são impetuosos, agem como animais e são vingativos. Para Maximiliano,

“Domina as suas faculdades intelectuais a sensibilidade mais grosseira, o que não impede que sejam às vezes capazes de julgamento sensato e até de uma certa agudeza de espírito. Os que são levados entre os brancos observam atentamente tudo quanto vêm, procurando imitar o que lhes parece visível, por meio de gestos tão cômicos, que a ninguém pode escapar o significado de suas pantomimas. Aprendem mesmo, facilmente, certas habilidades artísticas, como a dança e a música. Mas, como não são guiados por nenhum princípio moral, nem tampouco sujeitos a quaisquer freios sociais, deixam-se levar inteiramente pelos seus sentidos e pelos seus instintos, tais como a onça nas matas. Os irreprimíveis ímpetos de suas paixões, a vingança e a inveja em particular, são neles tanto mais temíveis, quanto irrompem rápida e subitamente. É também freqüente esperarem uma oportunidade favorável para exercer vingança, dando então plena expansão aos seus intentos. Nunca deixam de tirar uma desforra péla menor ofensa, e é uma felicidade quando não restituem muito mais do que aquilo que receberam. São da mesma sorte impetuosos nos acessos de cólera.”²⁰⁸

Após fazer as declarações acima, Maximiliano apresenta exemplos de situações em que tais afirmações aconteceram durante a sua estadia entre os índios Botocudo. Destarte, Maximiliano conclui e sugere que “apesar de tudo, é sempre perigoso sair a passeio nas matas, com algum deles, por melhor que nos pareça ser, visto que nenhuma lei os detêm, quer interna, quer externa, e um incidente de mínima importância pode provocar sua inimizade. Por isso, é sempre mais seguro evitar a sua companhia. No Rio Grande de Belmonte estão convencidos das boas disposições dos portugueses a seu respeito; pode-se ir lá com eles à mata, até para caçar, mas, ainda assim, é necessário certa prudência e cautela.”²⁰⁹.

Para além da ausência de moral, Maximiliano afirma que o Botocudo nada faz a não ser para fins de se alimentar, e os homens, sobretudo, se utilizam de sua força física para obrigar os mais fracos – a saber, as mulheres e as crianças – a realizar a maior parte dos trabalhos. O príncipe contudo alega que a indolência dos Botocudos não parece ser tão grave quanto dissera o viajante Azara sobre os índios Guarani. Segundo Maximiliano, “quando se lhe prometem um pouco de farinha e alguns goles de

²⁰⁸ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 281-282.

²⁰⁹ *Ibidem*, p. 282.

aguardente, eles de boa vontade são companheiros, num dia inteiro de caça.”²¹⁰. Sobre as mulheres, o príncipe afirma que lhes cabem todas as tarefas, exceto a caça e a guerra, e que destarte, pouco tempo lhes sobre para cuidar dos filhos. Assim como animais, “se são pequenos, costumam trazê-los sempre às costas; se já mais crescidos, são deixados a si mesmos e rapidamente aprendem a fazer uso de suas forças.”²¹¹.

O príncipe então preza e se identifica com o anseio por liberdade presente entre os jovens Botocudos, que não raro fogem quando não agüentam permanecer junto aos europeus – motivo que também serve de alerta no caso de conflitos:

“O amor pela vida livre, rude e independente, grava-se desde cedo profundamente no espírito dos jovens, e assim permanece durante toda vida. Todos os silvícolas levados de suas matas para o convívio junto com os europeus têm suportado durante algum tempo este sacrifício, mas aspiram sempre voltar ao lugar de seu nascimento, e freqüentemente para ali fogem, quando não se atendem seus desejos. Quem é que desconhece a mágica atração da terra natal e dos primeiros anos de vida!

Para não falar senão do caçador, qual é aquele que, transportado para o tumulto e o ruído de uma grande cidade, não suspira pela mata que se acostumara a percorrer durante a infância, em pleno gozo dos espetáculos belos da natureza? Selvagens, que criados pelos europeus conseguiram depois fugir, têm muitas vezes prestado bons serviços a estes últimos, quando bem tratados; em ocasião de guerra, porém, não de raro se tornam prejudiciais, por conhecerem todas as fraquezas da colônia.”²¹²

Maximiliano passa então a descrever os utensílios utilizados pelos índios Botocudos, em geral classificando-os como simples, mas mais belos que os dos Puris. A simplicidade dos utensílios serve como ponte para novamente afirmar que a principal necessidade dos Botocudos é sua alimentação infundável, e principal meio pelo qual é possível garantir sua “amizade”²¹³. É a alimentação também que na ótica de Maximiliano levou os Botocudos a desenvolver suas “armas grosseiras”, como o arco e a flecha; afirma que apesar de todos os povos do mundo terem começado com arcos e flechas, apenas os que estão em mais baixo grau de civilização – caso dos Botocudos – ainda usam apenas estas armas. Para o príncipe, “os asiáticos e os africanos usam a clava, o chuçó e o arco; os americanos a clava, o arco, a sarabatana e a lança; os

²¹⁰ *Ibidem*, p. 282-283.

²¹¹ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 283.

²¹² *Ibidem*, p. 283.

²¹³ “Uma vez instalados, a necessidade mais imperiosa dos selvagens é a alimentação; não há limites ao seu apetite, pelo que comem com grande avidez, e, enquanto comem, são cegos e surdos para tudo quanto se passa ao redor. Para conseguir a sua amizade, basta que se lhes encha bem o estômago, e, se a isso se acrescentar algum presente, ter-se-á como certa a sua dedicação.”. *Ibidem*, p. 285.

oceânicos a clava, a lança e uma arma de fogo”²¹⁴. A seguir, Maximiliano descreve detalhadamente as diferentes flechas utilizadas pelos Botocudos, tanto na guerra quanto na caça, a maneira de fazê-las e os materiais empregados em sua fabricação.

Além da ausência de moral e da fome ser a força motor dos Botocudos, Maximiliano afirma que não há entre eles nenhum tipo de planejamento ou organização de provisões para o futuro, de modo que são muito afortunados por conta da abundância da região onde se encontram:

“Nessas imensas extensões ininterruptas de florestas virgens, o reino animal fornece aos selvagens rica provisão de gêneros alimentícios não sendo menor a quantidade de saborosos petiscos que o mundo vegetal põe à disposição de seu grosseiro paladar. Assim, encontram eles tudo quanto precisam, condição tanto mais indispensável quanto não sabem tomar nenhuma precaução para o dia de amanhã. Em caso de necessidade, podem suportar o jejum durante muito tempo; mas, em compensação, comem também desregradamente. Se o acaso lhes proporciona um animal de grande vulto, todos têm nele parte igual, de modo que em pouco tempo se esgota uma provisão considerável. Tem se visto sobrecarregarem o estômago de tal forma, que se põem a pisar os ventres uns dos outros. É lhes a moderação completamente estranha, motivo pelo qual são para eles, é tão perigosa a aguardente, como qualquer bebida muito espirituosa. Incapazes de reprimir suas paixões, quando em estado anormal, se se acham então embriagados com enorme facilidade se envolvem em sangrentas disputas.”²¹⁵

As capacidades físicas dos índios Botocudos, visíveis tanto na caça²¹⁶, quanto em outras atividades, como nadar²¹⁷ e subir em árvores, também servem para Maximiliano valer-se de adjetivos como “selvagem”, “hábil”, “impetuoso”, “rígido”, entre outros, em sua descrição. O príncipe afirma, também, que todas as partes dos animais caçados são comidas pelos Botocudos; alega, ademais, que como os Botocudos gostam de comer macacos, é possível que ossos de macacos encontrados por colonos possam ter sido confundidos com ossos humanos, levando, assim, ao entendimento que os Botocudos são antropofágicos. Todavia, Maximiliano afirma que não é possível por conta disso afirmar que a prática não ocorre entre eles, já que esta se daria por

²¹⁴ *Ibidem*, p. 285.

²¹⁵ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 288.

²¹⁶ “Na caça, sua ocupação principal, são extremamente práticos e hábeis; sabem surpreender os animais com incrível precisão, no que devem auxiliá-los a extraordinária acuidade dos sentidos. Conhecem todos os rastros e sabem segui-los, com segurança, até onde os nossos olhos nada mais vêem; sabem, além disso, imitar as vozes de todos os bichos a ponto de enganar qualquer um. Sua rija constituição os faz suportar facilmente todas as provações, quer sejam os calores do dia ou a umidade fria da noite.” *Ibidem*, p. 288.

²¹⁷ “Os selvagens, até as próprias crianças de um ou outro sexo, têm grande habilidade para nadar. Trepam também nas mais altas árvores, com muita presteza.” *Ibidem*, p. 289.

vingança²¹⁸. Maximiliano escreve, além disso, que os Botocudos alimentam-se de larvas e peixes, bem como de plantas comestíveis da região, e que aprenderam a utilizar o sal nos alimentos e a fumar com os europeus. Destarte, Maximiliano insiste novamente na ausência de memória entre os Botocudos:

“Tudo quanto ficou dito mostra que os botocudos, cujo paladar aliás nada tem de exigente, não sofrem facilmente fome, até porque sabem acomodar a vidas às circunstâncias de cada lugar. Não obstante, às vezes se vêm desprovidos, por força de seu apetite descomedido; vão então pedir mantimentos aos estabelecimentos portugueses, e, caso lhos neguem, saqueiam as plantações. [...] Quando uma horda de botocudos chega a caçar tanto numa região a ponto de não encontrar mais meios de sustento, ela imediatamente abandona suas cabanas, e muda-se para outra parte, como costumam fazer outras tribos selvagens. Não lhes é nada penoso deixar o lugar em que moravam até então, pois nada deixam ali que os pudesse prender e em qualquer ponto da selva irão encontrar com que satisfazer todas as suas necessidades. Poucos vestígios permanecem de suas habitações abandonadas, a não ser as folhas secas das palmeiras, de que eram feitas as suas choças, e seria baldado procurar ali bananeiras ou mamoeiros, como sucede com os índios espanhóis, conforme nos conta Humboldt, em sua interessante memória sobre os aborígenes da América e respectivos monumentos.”²¹⁹

Como, segundo Maximiliano, é comum os Botocudos abandonarem suas moradias, o príncipe passa a discorrer sobre o deslocamento dos índios, levando as mulheres poucos utensílios em suas cestas e seus filhos nos braços, além de gêneros alimentícios. Em geral, os homens carregam suas armas. O príncipe afirma também que os Botocudos não têm o hábito de construir embarcações²²⁰.

Os Botocudos são polígamos, e, de acordo com as afirmações de Maximiliano, “cada homem tem ordinariamente muitas mulheres, tantas quais possa sustentar, chegando às vezes possuir uma dúzia; todavia não encontrei nenhum com mais de três ou quatro mulheres. Os casamentos se realizam sem nenhuma cerimônia, dependendo apenas da vontade dos dois e dos pais; também podem ser dissolvidos com a mesma

²¹⁸ “Os índios preferem os macacos a qualquer outra caça, e, uma vez que o esqueleto desses animais tem tanta semelhança com o do homem, é possível que os europeus, ao encontrar restos das refeições dos botocudos, cometessem o engano de acusá-los de preferir especialmente carne humana. Seja como for, como espero mostrar adiante, esses selvagens não podem ser isentados da culpa de comer carne humana; parece, todavia, certo, que não o fazem por achá-la mais saborosa, senão que raramente se entregam a essa inqualificável abjeção, e só com o fito de satisfazer a sede de vingança.”. WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 290.

²¹⁹ *Ibidem*, p. 294.

²²⁰ *Ibidem*, p. 294-295.

facilidade.”²²¹. Afirma, ademais, que as mulheres sofrem agressões por conta da infidelidade. Apesar de ter dito anteriormente que por conta das muitas tarefas das mães, as crianças dos Botocudos após pouco tempo são deixadas de lado, o príncipe afirma que “o casamento dá às vezes aos botocudos muitos filhos, que pelo menos enquanto pequenos, são muito queridos e muito cuidadosamente tratados.”²²². Maximiliano escreve, também, que os nomes dos índios Botocudos em sua maior parte estão relacionados a características ou atributos físicos. Conclui o príncipe que os Botocudos não são completamente animais, e portanto, são passíveis de civilização:

“Não se pode efetivamente esperar encontrar na natureza bruta desses homens os sentimentos de delicadeza e de afeto que a cultura e a educação desenvolveram em nós; mas, nem por isso devemos pensar que neles sejam completamente embotados todos os atributos que distinguem o homem dos irracionais.”²²³

Maximiliano escreve, a seguir, sobre o tempo ocioso e a língua dos Botocudos. Afirma que os índios apreciam o canto após caçadas bem sucedidas, mas que “sua arte musical é todavia das mais rudimentares”²²⁴. O príncipe afirma que a língua dos Botocudos tem muitos sons nasais, é muito pobre em vocábulos e tem poucos números.

À medida que o príncipe deixa de lado sua introdução, ao discorrer sobre os atributos físicos dos Botocudos e passa a escrever sobre as práticas dos índios é que a presença de Guack aparece em seu texto. De maneira geral, Maximiliano faz uma afirmação seguida da legitimação, anuência ou negação de Guack, conforme pode ser visto a seguir:

“Tem-se dito que para tornar uma festa perfeitamente alegre, homens e mulheres se reúnem em círculos e dançam; Queck porém, um de meus botocudos, afirmou-me nunca ter assistido dança dessa espécie.”²²⁵

Maximiliano escreve que os divertimentos dos Botocudos não são causa de disputas; entretanto, afirma que “os botocudos, numerosos, cômicos de sua força, inquietos e ávidos de liberdade, raramente vivem em paz com os vizinhos durante muito tempo.”²²⁶. O príncipe discorre, então, sobre as diversas tribos com as quais os

²²¹ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 295-296.

²²² *Ibidem*, p. 296.

²²³ *Ibidem*, p. 297.

²²⁴ *Ibidem*, p. 297.

²²⁵ *Ibidem*, p. 298.

²²⁶ *Ibidem*, p. 299.

Botocudos travaram e travam conflitos, a maneira como tais conflitos ocorrem, e o tratamento de prisioneiros. Segundo Maximiliano, os Botocudos fazem poucos prisioneiros e utilizam-nos em trabalhos de diferente natureza. Maximiliano afirma que em alguns casos, “a carne é devorada por alguns, exceção feita da cabeça e do ventre, que põem fora”²²⁷. Cabe a Guack novamente negar outra informação recebida por Maximiliano:

“Na região do baixo Belmonte asseguraram-me que se acaso derrubam a flechadas um ‘pataxó’ de cima de uma árvore, deixam-no apodrecer intacto sobre o solo. Esta asserção é todavia desmentida pelo depoimento de meu botocudo Queck.”²²⁸

O príncipe também esclarece como se dão os conflitos entre os Botocudos e os colonos, e a maneira pela qual os Botocudos costumam atacar os destacamentos e demais “estabelecimentos europeus ou posto militar”²²⁹. O príncipe afirma que “causa horror o simples pensamento de cair nas mãos desses implacáveis bárbaros a quem uma justa e ilimitada sede de vingança torna ainda mais terríveis. Eles fazem em tiras a carne de seus inimigos, cozinham-na em suas panelas, ou assam-na; espetam-lhe depois, com grande festa, as cabeças em estacas, em torno das quais dançam, cantam e gritam. Os ossos, depois, de chupados, seriam pendurados em suas cabanas.”²³⁰. Novamente, o príncipe oscila quanto a sua opinião em relação à existência, ou não, de prática antropofágica entre os Botocudos.

No que diz respeito às práticas antropofágicas, Maximiliano afirma que a maior parte dos viajantes que estiveram no Brasil confirmaram a prática entre muitas tribos indígenas, novamente alegando que poderia se tratar apenas do consumo de macacos, cujos ossos assemelham-se aos dos seres humanos. O príncipe contudo não nega a permanência da prática, afirmando que enquanto os grupos “tupis” deixaram de ser antropófagas, alguns grupos de tapuias ainda o fazem:

“Todas essas tribos tupis acham-se civilizadas nos dias de hoje, persistindo porém o hábito da antropofagia em algumas tribos de ‘tapuias’, como os Botocudos e os ‘Puris’.”²³¹

²²⁷ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 300.

²²⁸ *Ibidem*, p. 300.

²²⁹ *Ibidem*, p. 301.

²³⁰ *Ibidem*, p. 302.

²³¹ *Ibidem*, p. 303.

Ademais, por não serem um grupo coeso, conforme Maximiliano insiste em classificá-los, os diferentes grupos de índios dentre os Botocudos acusam uns aos outros de práticas antropofágicas, possivelmente para assim conseguir benesses ou alianças junto aos portugueses e até mesmo como estratégia de defesa. No sentido de confirmar o que ouviu sobre os Botocudos, Maximiliano lança mão dos depoimentos de Guack e de outros Botocudos:

“Não há dúvida, porém, que, por vingança, devoram a carne dos inimigos mortos em combate, como prova muito claramente a declaração feita pelos chefes mansos do Rio Belmonte, de comerem a Jonué, seu inimigo comum. Quando se interrogavam os Botocudos de Belmonte sobre esse horrível costume, negavam sempre a existência entre eles; acrescentavam porém usarem-no ainda Jonué e outros compatriotas seus: que faria ele então dos braços e pernas cuidadosamente cortados aos inimigos mortos? Além disso, o que contou o jovem botocudo Queck, tira qualquer dúvida a respeito. Durante muito tempo receu ele falar-me a verdade sobre o assunto; resolveu, porém, finalmente, fazê-lo, depois que lhe assegurei saber que todos os da sua horda, no baixo Belmonte, haviam desde muito tempo abandonado aquele hábito.”²³²

Maximiliano passa então a narrar dois episódios que lhe foram contados por Guack, e imediatamente conclui que “esses selvagens, em seus festins canibalescos, suspendem as cabeças de seus inimigos, conclui-se a significação da cabeça mumificada que existe na coleção antropológica do Sr. Ritter Blumenbach, em Göttingen”²³³. Dois episódios, possivelmente fantasiados por Guack para por fim à insistência de Maximiliano que servem para que o príncipe não só confirme a prática antropofágica, mas trate-a como um devido espetáculo, e ainda ofereça conclusões sobre as práticas mortuárias entre os Botocudos.

Como parte da natureza e do cenário no qual se encontram, Maximiliano afirma inclusive que os Botocudos raramente ficam doentes, pois como são “nascidos em plena Natureza, criados em completa nudez, habituados a todas as mudanças do clima tropical, aos calores ardentes do dia, como ao frio e a umidade das matas e das noites, nenhuma influência tem a atmosfera sobre o seu organismo resistente, ao mesmo tempo que a simplicidade de seu modo de vida isenta dos males, que inevitavelmente traz a civilização”. Para além de enaltecer o suposto estado de pureza no qual se encontram os Botocudos, Maximiliano os elogia ainda mais afirmando que “os banhos freqüentes e o

²³² WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 303.

²³³ *Ibidem*, p. 304.

exercício contínuo dão ao corpo uma perfeição, de que conhecemos apenas o nome.”²³⁴. Guack aparece novamente na narrativa de Maximiliano para contrariar determinadas informações sobre plantas e métodos utilizados pelos Botocudos na cura de enfermidades.

Maximiliano inicia, a seguir, a descrição dos ritos mortuários dos indos Botocudos. O cerne de sua descrição diz respeito aos túmulos que escavou para fins de obter crânios e ossos para sua coleção. Curiosamente, ao perguntar na região de Belmonte sobre as práticas mortuárias dos Botocudos, Maximiliano afirma que nem sempre as pessoas enxergam a realidade e sim algo além, sem levar em conta que ele mesmo o faz em sua narrativa:

“Parece-me terem sido atribuídos aos habitantes do Rio Doce hábitos que eles não possuem, já porque de modo geral, só têm sido observados de maneira imperfeita, à distância e com olhares receosos, já porque, em todas as partes do mundo, há a tendência de ver, em tudo quanto desperta a nossa curiosidade, aspecto mais extraordinário e maravilhoso do que o existente na realidade.”²³⁵

Juntamente com as práticas mortuárias, Maximiliano rapidamente descreve algumas crenças dos Botocudos, sobretudo em relação à existência de espíritos maléficos nas florestas. O príncipe afirma que “as idéias religiosas dos botocudos não são mais absurdas do que as da generalidade dos colonos portugueses que vivem no Brasil; como os índios do litoral os últimos acreditam também num espírito das selvas, chamado ‘caipora’, ao qual atribuem o rapto de crianças e jovens, que depois escondem nos ocos das árvores e ali os alimenta”²³⁶.

Maximiliano conclui o capítulo, antes do suplemento de algumas páginas que seguem, novamente afirmando que “para adquirirmos conhecimento aprofundado sobre os botocudos, faz-se mister procurar o Rio Belmonte, porque não é ainda hoje possível observar os que vivem no Rio Doce”²³⁷. O príncipe finaliza esta seção com uma lista de nomes próprios comumente utilizados entre os botocudos.

O suplemento escrito por Maximiliano ao capítulo diz respeito às suas críticas ao relatório apresentado pelo viajante Eschwege ao final de sua viagem. Maximiliano enaltece os estudos mineralógicos desenvolvidos por Eschwege, mas afirma que “não

²³⁴ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 304.

²³⁵ *Ibidem*, p. 307.

²³⁶ *Ibidem*, p. 309.

²³⁷ *Ibidem*, p. 309.

havendo aquele autor observado pessoalmente os Botocudos, teve forçosamente que se basear em informações de outros, às mais das vezes inseguras e quase sempre, exageradas”²³⁸. Ao negar ou contradizer as informações de Eschwege, Maximiliano novamente utiliza-se do depoimento de Guack.

Maximiliano, ademais, fica indignado com as notícias dadas por Eschwege quanto às medidas adotadas pelo Conde de Linhares contra os Botocudos, que envolvia não somente o extermínio através de conflitos, mas também, “lançando Mao de roupas contaminadas com as pústulas da varíola, afim de que eles espalhassem entre os seus a terrível doença”²³⁹.

O príncipe conclui o suplemento ao capítulo afirmando sua tese de que os índios da América do Norte e da América do Sul pertencem à mesma raça²⁴⁰. Alias, por conta desta tese, Maximiliano realizaria sua viagem aos Estados Unidos entre 1832 e 1834²⁴¹. Para comprovar a tese, Maximiliano afirma que “pode servir para este confronto o jovem botocudo Queck, que trouxe comigo para a Europa. [...] O próprio Queck serve para mostrar, com efeito, enquanto a cor do seu rosto no verão era um tanto bruna, tornou-se tão clara no inverno que chegaram a tomá-lo por europeu; até a própria cor das bochechas parece se ter tornado um pouco avermelhada.”²⁴².

Tendo em vista a exposição acima sobre a permanência de Maximiliano entre os índios Botocudos, seus escritos sobre as práticas da tribo e a maneira como Guack aparece na narrativa, é possível compreender melhor alguns dos motivos pelos quais Maximiliano estabelece relações mais diretas com os membros desta tribo. Conforme dito na introdução, há no final do século XVIII e início do XIX o aumento crescente de viagens de caráter científico realizadas principalmente por viajantes alemães, que buscavam associar a teoria, leituras e o mundo acadêmico às experiências práticas e tangíveis, além de transformar tais experiências em textos acessíveis ao maior número de pessoas possíveis²⁴³. O nível de detalhamento das descrições etnográficas de

²³⁸ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 311.

²³⁹ *Ibidem.*, p. 311. Sobre as medidas do Conde de Linhares, além de outras práticas adotadas no combate aos Botocudos, ver ESPINDOLA, Haruf Salem. *Sertão do Rio Doce*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

²⁴⁰ Para Blumenbach, havia cinco raças no mundo, sendo a raça caucasiana a raça perfeita, e as demais seriam formas degeneradas da raça caucasiana por conta da influência do clima e demais fatores ambientais. LIEBERSOHN, Harry. *Aristocratic Encounters... Op. cit.*, p. 136.

²⁴¹ A este respeito, ver *Ibidem.*; e NOLL, Michael G. *Op. cit.*

²⁴² WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 313.

²⁴³ Cf. LIEBERSOHN, Harry. *Aristocratic Encounters... Op.cit.*; REILL, Peter Hanns. Science and the Construction of the Cultural Sciences in the Late Enlightenment Germany: the Case of Wilhelm von Humboldt. *History and Theory*, vol. 33, no. 3 (Oct. 1994), p. 345-366; HELFERICH, Gerard. *Humboldt's Cosmos*. New York: Penguin Group Inc., 2004.

Maximiliano em relação aos Botocudos, e sua permanência entre eles, diferem radicalmente da maior parte dos viajantes que estiveram na região. Além disso, é através de Guack que a opinião de Maximiliano sobre os índios Botocudos deixa de ser tão negativa, pautada na vingança e na violência, e passa a ser cada vez mais passível de civilização e aberta para a influência da cultura européia. Destarte, pode-se dizer que há a construção de afinidades entre o príncipe Maximiliano e os índios Botocudos, conforme propõe Harry Lierbersohn, em seu espírito guerreiro e em sua resistência aos ímpetos colonizatórios portugueses.

Capítulo 4: Últimas paragens e o retorno à Europa

Conforme explicitado no capítulo anterior, após o capítulo sobre os índios Botocudos no diário de Maximiliano, o príncipe retoma a estrutura original do diário, dividindo-o em capítulos de acordo com os locais visitados durante a viagem. Destarte, o objetivo deste capítulo da dissertação gira em torno dos últimos capítulos do diário de Maximiliano, em que o príncipe passa por parte da província de Minas Gerais e dirige-se a Salvador, na Bahia, para então retornar à Europa.

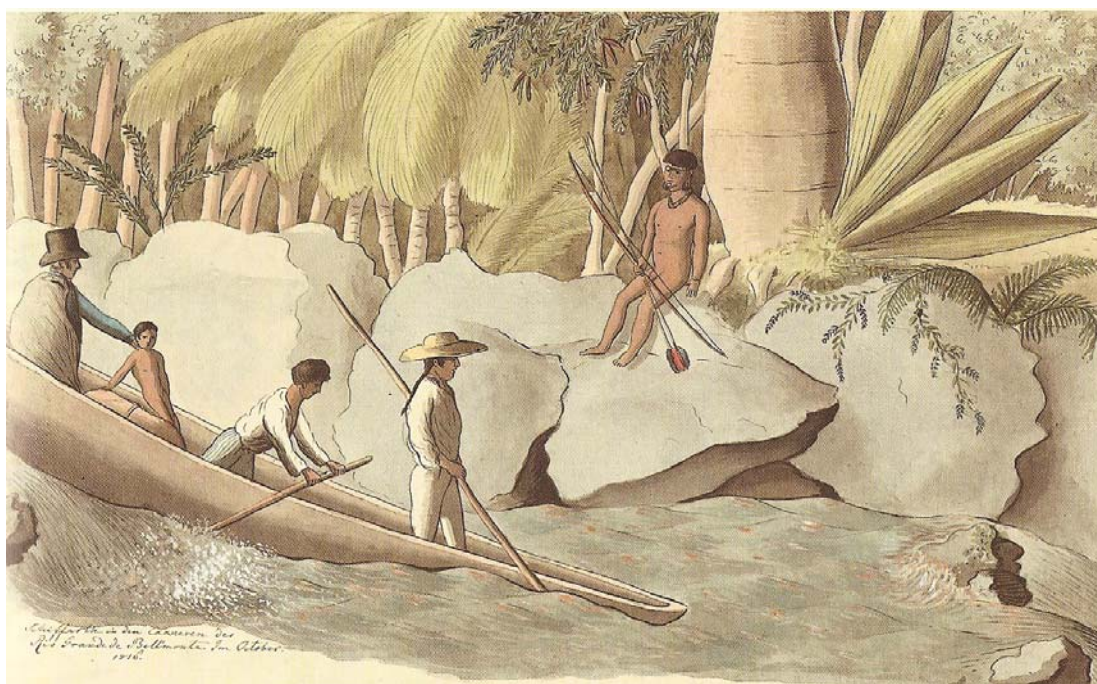


Figura 21. Paisagem fluvial na floresta virgem com uma piroga, que é conduzida por uma corredeira abaixo. 1816. Class. e datado embaixo [pena]: “Viagem de barco nas cachoeiras do Rio Grande de Belmonte. Em outubro. 1816”. Aquarela e pena. 25,0 cm x 40,4 cm. LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit (reds.). *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa Editorial, 2001.

4.1 *Viagem ao Brasil – Tomo II – Cap. II – “Viagem do Rio Grande de Belmonte ao Rio Ilhéus”*

Este capítulo tem início com a partida de Maximiliano do Rio Grande de Belmonte, em direção ao Rio Ilhéus. Ao subir o Rio Pardo, Maximiliano consegue alguns espécimes para sua coleção. Ao se deparar com alguns índios na Vila de Olivença, o príncipe afirma querer ver as características originais destes indígenas, buscando um suposto estado de pureza que teria sido por Jean de Lèry, e romantizando seu encontro com os indígenas. Em suas palavras:

“Índios vestidos de camisas brancas ocupavam-se em pescar na paria. Havia entre eles alguns tipos muito belos. O seu aspecto lembrava-me a descrição que faz Léry dos seus antepassados, os Tupinambás. [...] Perderam infelizmente as suas características originais. Lastimei não ver avançar na minha direção um guerreiro Tupinambá, o capacete de penas na cabeça, o escudo de penas (“enduap”) nas costas, os braceletes de penas enrolados nos braços, o arco e a flecha na Mão. Ao invés disso, os descendentes desses antropófagos me saudaram com um ‘adeus’ à portuguesa. Senti com tristeza as vicissitudes das coisas deste mundo, que, fazendo essas gentes perder os seus costumes bárbaros e ferozes, despojou-as também de sua originalidade, fazendo delas lamentáveis seres ambíguos.”²⁴⁴

Para Maximiliano, apenas os Botocudos são dignos de observação, já que supostamente não tiveram seus ‘traços’ e ‘características’ originais sublimados pela convivência com os portugueses. Ainda sobre a Vila-Nova de Olivença, Maximiliano afirma que trata-se de uma cidade quase que exclusivamente de indígenas, a quem descreve como pobres e indolentes²⁴⁵.

Maximiliano chega, então, à vila de Ilhéus, e narra a história do local desde a chegada de Pedro Álvares Cabral e a primeira missa no Brasil. Maximiliano afirma que “a colônia cresce e tornou-se florescente; mais tarde, porém, sofreu muitas incursões dos ‘Aimorés’, hoje conhecidos pelo nome de ‘Botocudos’. Em 1602, na ‘capitania’ da Bahia, foi aceita a paz com essas tribos.”²⁴⁶. O príncipe discorre, então, sobre as igrejas

²⁴⁴ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 322.

²⁴⁵ “Os índios de Olivença são pobres, mas em compensação, têm poucas necessidades; como em todo o Brasil, a indolência é o traço distintivo de seu caráter.”. *Ibidem*, p. 322.

²⁴⁶ *Ibidem*, p. 324-325.

e o comércio realizado na região. Próximo à vila, o rio Taípe forma uma lagoa, sobre a qual Maximiliano escreve em relação ao mito do Eldorado²⁴⁷:

“A beleza e a utilidade desse lago lhe emprestam tão grande valor aos olhos dos habitantes do lugar, que é uma das primeiras coisas de que falam aos viajantes que chegam. Misturam-se muitas lendas a essas histórias sobre o lago, sobre a sua origem, a zona que os cerca e os fenômenos que exhibe; costumam exagerar-lhe o tamanho e os benefícios. Dizem que as montanhas vizinhas são ricas em ouro e pedras preciosas; situou-se mesmo no seio das solidões dessas montanhas um Eldorado fabuloso, um país em que não há necessidade de muito trabalho para se adquirirem grandes riquezas. Os aventureiros europeus, ávidos de ouro, excitados por essas narrativas fabulosas, se arriscaram a percorrer todas as partes do Novo Mundo à procura desse paraíso tão ardentemente desejado; para achá-lo, penetraram nas mais distantes florestas desse vasto continente e muitos nunca mais voltaram.”²⁴⁸

Maximiliano afirma que como os portugueses e espanhóis interessam-se apenas por conseguir benesses em seus processos colonizatórios, pouco se sabe sobre a geografia do interior da América. Ainda sobre o mito do Eldorado, Maximiliano afirma que “a maior parte dos países desse continente têm a tradição de serem regiões que encerram no seu interior grandes riquezas em ouro: La Condamine fala-nos de um ‘Dorado’ ou duma ‘Lagoa dorada’. Humboldt e outros escritores também os mencionam; tradição semelhante reina nas margens do Mucuri e do Rio-dos-Ilhéus”. O príncipe conclui afirmando, entretanto, que a maior riqueza brasileira é sua natureza, e é nela que devem se concentrar os esforços no sentido de “se conseguir sólida fortuna”²⁴⁹.

Ainda às margens do Rio Taípe, Maximiliano encontra-se com um capitão Manoel, que seria descendente dos Botocudos, e que segundo o príncipe, muito se alegra quando Maximiliano fala algumas palavras no idioma, e sobretudo quando o príncipe afirma que está sempre acompanhado de um índio Botocudo, o Guack: “Aumentei ainda a sua alegria e curiosidade quando lhe disse que trazia comigo um jovem botocudo, que não se separa de mim; lastimou muito não poder o ver, pois eu o deixara na Vila.”²⁵⁰.

²⁴⁷ A este respeito, ver HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

²⁴⁸ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 329-330.

²⁴⁹ *Ibidem*, p. 330.

²⁵⁰ *Ibidem*, p. 331.

Por fim, o príncipe conclui este capítulo afirmando que ao embrenhar-se nas montanhas do interior da Bahia, às quais refere-se como sertão, poderia encontrar “exemplares naturais inteiramente diferentes dos do litoral, decidi-me a empreender tão penosa viagem”²⁵¹.

²⁵¹ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 332.

4.2 *Viagem ao Brasil – Tomo II – Cap. III – “Viagem de Vila dos Ilhéus a São Pedro de Alcântara último povoado rio acima – preparativos para a viagem pelo sertão, através das matas.”*

Com o intuito de partir o mais breve possível para o ‘sertão’, Maximiliano inicia este capítulo descrevendo os preparativos para sua viagem; o príncipe parte com sua comitiva no dia 24 de dezembro de 1816. Ele se interessa pelo sertão pelo mesmo motivo pelo qual interessou-se pelos Botocudos: porque se trata de uma região, ao seu ver, selvagem e não desbravada, mesmo levando-se em consideração que estava sendo explorada pelos mineiros oriundos de Minas Gerais para fins de escoamento de sua produção até o litoral. Destarte, seus escritos sobre a difícil passagem pelas matas adotam novamente um tom sublime, de maravilha:

“O homem constantemente em atividade esquece os males a que está sujeito, e o aspecto das florestas majestosas ocupa o seu espírito com cenas sempre novas e variadas; o europeu, sobretudo, que a percorre prela primeira vez, encontra-se constantemente entretido. A vida, a vegetação mais abundante, se mostram em toda parte; não se vê o mais pequeno espaço sem plantas.”²⁵²

Maximiliano chega a Vila de São Pedro de Alcântara, onde encontrou muitos espanhóis e também afirma que “das florestas vizinhas, foi tirado um grupo de índios ‘Camacãs’, descendentes de uma tribo que os portugueses conhecem com o nome de ‘Mongoiós’. [...] Somente aqui, no ‘sertão’ da ‘capitania’ da Bahia, pode-se ainda observá-los em seu estado primitivo, pois muitos deles nunca viram um europeu.”²⁵³. Novamente aqui aparece a idéia de que aqueles que são provenientes da península ibérica não são, necessariamente, europeus²⁵⁴. Apesar de afirmar que tais índios Camacãs se encontram em seu estado primitivo, logo a seguir o príncipe afirma que são muito mais civilizados que os Pataxós e os Botocudos, pois “não vivem exclusivamente da caça, já cultivam plantas para sua subsistência, e assim, se ligam mais ou menos ao lugar que desbravam, embora não para sempre.”²⁵⁵.

Ainda sobre a Vila de São Pedro, Maximiliano afirma que ela se encontra “decadente” pois a estrada que leva até a vila não é utilizada pelos mineiros da região,

²⁵² WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 336.

²⁵³ *Ibidem*, p. 341.

²⁵⁴ Cf. PAGDEN, Anthony. *The Idea of Europe: From Antiquity to the European Union*. Cambridge, MS: Cambridge University Press, 2002.; e HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso... Op. cit.*

²⁵⁵ NEUWIED, Maximiliano von Wied. *Ibidem*, p. 341-342.

que preferem, em contrapartida, passar por outros caminhos no sertão, já que não conseguem vender seus produtos na Vila de Ilhéus. O príncipe conclui, então, que “essa povoação está situada numa zona inteiramente selvagem, rodeada por todos os lados de florestas cheias de animais ferozes e percorridas por bandos de ‘Pataxós’. Esses índios não causaram até então o menor mal aos habitantes, mas como não se conseguiu concluir com eles o menor tratado, são olhados com desconfiança, evitando-se ter com eles o menor contato, tanto mais que, em caso de ataque, os colonos, em menor numero, não se poderiam defender.”²⁵⁶.

Ao se deparar com as comemorações do dia de São Sebastião, Maximiliano compara os índios brasileiros aos índios mexicanos, em relação à sua atração pelos ritos religiosos, com base nos escritos de Humboldt, e afirma que “muitos indígenas da costa oriental não observam nem mesmo as cerimônias exteriores da religião católica. A razão disso é extremamente simples: os mexicanos, antes da conquista de seu país pelos europeus, tinham uma religião regular, ao passo que os brasileiros estavam no mais baixo grau de civilização.”²⁵⁷. Para Maximiliano, os mexicanos têm um país, cultura, e portanto, uma história; enquanto que os brasileiros, para ele fazem parte da natureza e não desenvolveram sua memória.

O príncipe conclui o capítulo novamente afirmando que deveria iniciar o quanto antes sua viagem pelo sertão, e assim parte, “através das matas”, na companhia de um mineiro de nome José Caetano, que conhecia a região e ofereceu-se a guiar as tropas²⁵⁸.

²⁵⁶ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 342.

²⁵⁷ *Ibidem*, p. 345.

²⁵⁸ *Ibidem*, p. 346.

4.3 *Viagem ao Brasil – Tomo II – Cap. IV – “Viagem através das matas virgens de São Pedro de Alcântara até Barra da Vareda, no sertão.”*

Maximiliano inicia seu percurso pelo sertão no dia 6 de janeiro de 1817. A maior parte da narrativa deste capítulo concentra-se na descrição da fauna e flora com as quais Maximiliano se depara no caminho, e das espécimes obtidas para sua coleção. O príncipe, ademais, não poupa palavras para descrever os percalços enfrentados em seu percurso:

“O caminho através da ‘caatinga’ era incômodo e obstruído por toda sorte de plantas [...], que nos molestavam com seus espinhos, e pareciam mesmo querer despojar-nos de nossas roupas: ficamos todos mais ou menos ensangüentados. Para cúmulo do mal, encontramos freqüentemente casas de marimbondo, que tornavam ainda mais lamentável o nosso estado. [...] Com o rosto e as mãos inchadas, os joelhos esfolados pelos espinhos, percorremos, num calor exaustivo, essas matas extremamente cerradas.”²⁵⁹

As dificuldades da viagem não cessam, e novamente as descrições de Maximiliano assumem um tom sublime:

“Contemplávamos com calma filosófica a chuva torrencial que caía sobre nós e achávamos mesmo motivo para rir dos grupos singulares, formados pelos nossos homens, para se garantirem, cada qual a seu modo, da melhor forma possível, contra as inclemências do tempo. [...] Finalmente rompeu o dia, e, que felicidade!, os raios quentes do sol romperam através das nuvens e restituíram a coragem a todo o nosso pessoal.”²⁶⁰

²⁵⁹ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 351.

²⁶⁰ *Ibidem*, p. 354.



Figura 22. Dois índios Camacãs com flechas, arcos e sacolas a tiracolos, vistos de frente e de costas. 1817. Class. e datado embaixo [pena]: “Índios Camacãs. Março. 1817”. Aquarela e pena. 24,5 cm x 39,8 cm. LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit (reds.). *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa Editorial, 2001.

No dia 16 de janeiro de 1817, Maximiliano recebe a notícia de que José Caetano e um de seus homens, Manoel, haviam se deparado com uma “pequena aldeia de índios ‘Camacãs’, vivendo em estado ainda de extremo atraso”. Sobre este grupo de índios Camacãs, o príncipe afirma:

“Os Mongoiós, como são eles denominados pelos portugueses, estão colocados um pouco acima dos ‘Botocudos’ e ‘Pataxós’, seus vizinhos, na escala da civilização. Cultivam geralmente alguns vegetais úteis e há muitos anos vivem em paz com as colônias européias. Os dois homens dessa tribo que acabavam de chegar ao acampamento eram bem constituídos, robustos e musculosos; inteiramente nus, com exceção apenas da ‘tacanhoba’, ou bainha de folhas de ‘issara’, que os homens trazem, à moda dos ‘Botocudos’. Suas orelhas e lábios não estavam desfigurados. Alguns deixam o cabelo crescer tanto que caem até a cintura e lhes dão um ar feroz; outros ao contrário, cortam-nos em volta da nuca, sendo, entretanto, essa moda pouco comum. [...] Os nossos dois selvagens olharam fixamente os forasteiros sem dizer uma palavra e sentaram-se junto à fogueira.”²⁶¹

²⁶¹ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 360-361.

Guack novamente aparece na narrativa de Maximiliano, desta vez por conta de sua participação nas caçadas organizadas pelo príncipe, “Queck apanhou muitas das grandes borboletas noturnas de cor esbranquiçada (*Phalaena Agrippina*) que era bastante comum no local.”²⁶².

No dia 30 de janeiro de 1817, Maximiliano chegou com sua comitiva à Barra de Vareda, onde, em suas palavras, “fomos recebidos com a maior cordialidade, e depressa nos refizemos por completo das fadigas de nossa viagem pelas matas.”²⁶³.

²⁶² WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 370.

²⁶³ *Ibidem*, p. 373.

4.4 *Viagem ao Brasil – Tomo II – Cap. V – “Estadia em Barra da Vareda e viagem até os confins da capitania de Minas Gerais.”*

Maximiliano inicia este capítulo descrevendo a criação de gado na região de Barra da Vareda, que de acordo com suas observações, parece ser mais lucrativa que a agricultura. O príncipe afirma também que há famílias de índios Camacãs que trabalham nas fazendas de gado mediante pagamento de salários, e diz ainda que “tiram das plantações do proprietário o que lhes convém; o ‘capitão’ Sr. Ferreira é bom demais para impedi-lo. Cobrem-se com algumas vestes, sobretudo camisas, e suas mulheres usam aventais de retalhos de algodão. A maioria havia sido batizada; alguns traziam uma cruz vermelha pintada com ‘urucu’ na testa; as mulheres traziam semicírculos pretos pintados entre os seios, e outros riscos da mesma cor no corpo e na face.”²⁶⁴.



Figura 23. Estudo de perfil de um homem com o traje típico dos vaqueiros, montando um boi. Voltado para a esquerda. Não classificado. Aquarela e pena. 16,1 cm x 19,0 cm. LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit (reds.). *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa Editorial, 2001.

Ademais, Maximiliano afirma que permaneceu algum tempo na região para melhor compreender a criação de gado ali desenvolvida, e também para fins de conhecer a história natural do interior de Minas Gerais²⁶⁵; a comitiva parte da fazenda do Sr. Ferreira no dia 5 de fevereiro de 1817.

Sobre a região percorrida neste trecho da viagem, Maximiliano afirma que “as diversas regiões da América meridional despidas de florestas só se assemelham entre si pela natureza animada e se distinguem sobretudo nas estepes do Velho Mundo porque

²⁶⁴ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 377.

²⁶⁵ *Ibidem*, p. 377-378.

os seus habitantes primitivos, tempo da descoberta européia, se achavam no mais baixo grau de civilização, vivendo exclusivamente da caça, ao passo que os do Velho Mundo eram nômades, estado esse que de forma alguma existiu na América.”²⁶⁶. Parece que Maximiliano ignorou o que dissera sobre os Botocudos.

O príncipe chega ao quartel Geral do Valo, “nos limites da ‘capitania’ de Minas Gerais”²⁶⁷. Maximiliano afirma que há pouquíssimas pessoas vivendo na região, e discorre sobre o comércio ali estabelecido entre Minas Gerais e Bahia, que gira em torno principalmente do sal. Além disso, a maior parte dos comentários do príncipe é, como de praxe, acerca da fauna e flora local. Maximiliano encerra o capítulo alegando que muitos viajantes não sabem com o que irão se deparar em lugares pouco visitados, em virtude das descrições genéricas feitas por muitos viajantes que já percorreram tais lugares – e mesmo não os percorreram –, em uma crítica considerável à produção de relatos de viagem à época, e, destarte, oferece sua sugestão:

“Faz-se geralmente na Europa uma idéia bastante inexata desses longínquos países. Pode-se atribuir esse erro a certos viajantes, que não se limitaram a tratar somente do que viram e a escritores que fizeram descrições de regiões em que nunca puseram os pés. Essas descrições, escritas nos gabinetes e compostas sobre tema escolhido, com as mais interessantes citações de autores conhecidos, e arranjados pela fantasia sem nenhum conhecimento da matéria, podem agradar pelo primor do estilo e a forma atraente com que são apresentados, mas não possuem nenhum valor intrínseco, pois estão repletas de erros. Como evitar os erros e as inexatidões, quando não se terem presente, aos olhos, o objeto de que deseja traçar a imagem? Aplicam-se ao conjunto traços que só convêm às partes. Como, por exemplo, se pode supor que todas as partes de um país tão grande como o Brasil se pareçam umas comas as outras, quando cada província apresenta a sua particularidade distinta? Assim é que se lê em mais de um livro que em todo o Brasil, se encontram fetos arborescentes; exagera-se em geral a beleza do país; fala-se de macacos que riem e tagarelam; de pássaros canoros que chilreiam; de laranjeiras que crescem nas florestas; de toda sorte de propriedades absurdas atribuídas às serpentes; fazem-se descrições exageradas das florestas. O fato é que raramente se encontram reunidas todas as coisas agradáveis e interessantes, como o imagina um autor sentado em sua poltrona, depois de haver tirado suas descrições aos viajantes acostumados a representar tudo com exagerada beleza.”²⁶⁸

²⁶⁶ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 389.

²⁶⁷ *Ibidem*, p. 389.

²⁶⁸ *Ibidem*, p. 399.

4.5 *Viagem ao Brasil – Tomo II – Cap. VI – “Viagem das Fronteiras de Minas Gerais ao Arraial da Conquista”*

Neste capítulo, Maximiliano esclarece que decidiu seguir o curso do Ribeirão da Ressaca para chegar novamente a Vareda e assim voltar à capitania da Bahia. O príncipe volta a realizar caçadas na região para fim de obter mais espécimes para sua coleção de história natural. Ademais, passa o príncipe algum tempo a observar as práticas dos vaqueiros da região. Segundo Maximiliano,

“A natureza, animada, sempre bela, sempre ativa, e variada, apresenta aqui um sensível contraste com a grande massa dos habitantes, que são tão rudes e ignorantes como o gado a que emprestam os seus assíduos cuidados e que constituem o único objeto de seus pensamentos. Aos ‘vaqueiros’, com propriedade poderíamos chamar homens encourados, pois se vestem de couro da cabeça aos pés. [...] Se as ocupações dos vaqueiros são penosas e fatigantes, em compensação passam o resto do tempo na ociosidade e guardando os seus rebanhos; dormem ou descansam todo o dia. Comer e dormir são as suas únicas distrações.”²⁶⁹

Maximiliano deixa Vareda pois afirma que não conseguiu ali tantos espécimes para sua coleção de história natural quanto gostaria. Assim, o príncipe segue com sua comitiva rumo a Arraial da Conquista. Sobre seus habitantes, Maximiliano afirma que há muitos jovens desocupados causando transtornos na região²⁷⁰. Além disso, Maximiliano realiza um grande número de caçadas nas proximidades de Conquista.

O príncipe afirma que há alguns grupos de índios Pataxós na região, assim como de índios Camacãs. Ademais, Maximiliano declara que “tendo avistado, na minha viagem através das florestas virgens, ‘Camacãs’ completamente selvagens, tinha eu o desejo de visitar a aldeia desses índios, situada a um dia de viagem do ‘Arraial’, nas

²⁶⁹ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 402-404.

²⁷⁰ “Grande parte dos moradores de Arraial compõe-se de trabalhadores e rapazes desocupados, que ocasionam muitos distúrbios, pois não há polícia nesta localidade. A malandrice a uma inclinação imoderada para as bebidas fortes são traços distintivos do caráter desses homens; daí resultam disputas e excessos freqüentes, que tornam detestável esse lugar, de má fama para as pessoas mais sérias e consideradas que vivem em suas fazendas espalhadas em torno. Fomos freqüentemente incomodados por pessoas embriagadas e algumas vezes foi a grande custo que nos desembaraçamos dessa gente, que singularmente nos aborrecia.”. *Ibidem*, p. 409.

grandes matas da Serra do Novo Mundo.”²⁷¹. Deste modo, Maximiliano dirige-se à aldeia dos índios Camacãs, e compara-os àqueles que conheceu ainda em Minas Gerais:

“Os índios ‘Camacãs’ diferem pouco, no aspecto exterior, dos seus irmãos da costa oriental; são bem talhados, de estatura média, robustos; têm ombros largos e bem pronunciados os traços fisionômicos de sua raça. Reconhecem-se de longe porque até os homens deixam cair ao longo das costas os seus compridos cabelos. A pele apresenta uma bela cor morena, algumas vezes bastante carregada, outras um tanto amarelada ou avermelhada. Andam geralmente nus e quando se vetem, é no parcialmente. No primeiro caso, os homens usam, no lugar competente, a ‘tacinhoba’, já mencionada com referência aos Botocudos.”²⁷²

Assim como fizera com os índios Botocudos, mas em menor grau, Maximiliano brevemente descreve não só o aspecto físico dos índios Camacãs com os quais se deparou, mas também aquilo que considera suas “características morais”. É possível refletir no sentido de identificar também a construção de afinidades proposta por Harry Liebersohn entre Maximiliano e os índios Camacãs, que de certo modo também foram mais resistentes às empreitadas colonizatórias dos portugueses. A este respeito, Maximiliano afirma que:

“Os ‘Camacans’ foram outrora um povo inquieto, amigo da liberdade, belicoso, que defendeu palmo a palmo o seu território contra os portugueses e só depois de graves derrotas de viram forçados a embrenhar-se mais profundamente nas florestas; o tempo estendeu também gradativamente a sua ação sobre eles. Entretanto os traços distintivos de sua raça não se apagaram; e são sempre animados de amor por sua terra e pela liberdade; é difícil levá-los para longe dos lugares que nasceram; não vão senão com repugnância para as zonas cultivadas pelos europeus e preferem, como todos os selvagens, voltar às suas florestas sombrias.”²⁷³

O príncipe ainda discorre sobre as habitações deste grupo de índios Camacãs, bem como sobre as armas utilizadas na caça e na guerra, e principalmente sobre seus trabalhos manuais, que Maximiliano afirma ser muito superiores aos dos índios Botocudos. Maximiliano declara também que os Camacãs foram receptivos aos estrangeiros que

²⁷¹ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 411.

²⁷² *Ibidem*, p. 413.

²⁷³ *Ibidem*, p. 413.

chegaram na região, e que com eles realizam trocas constantes, e sobretudo vendem tochas cujo cheiro é muito agradável²⁷⁴.

Em relação ao tratamento das mulheres, Maximiliano alega que “tal como na maioria dos povos selvagens, os homens tratam suas mulheres com certa rudeza, embora sem maldade.”²⁷⁵. O príncipe então passa a descrever as danças realizadas pelos índios Camacãs, bem como os instrumentos musicais utilizados durante estes ritos²⁷⁶.

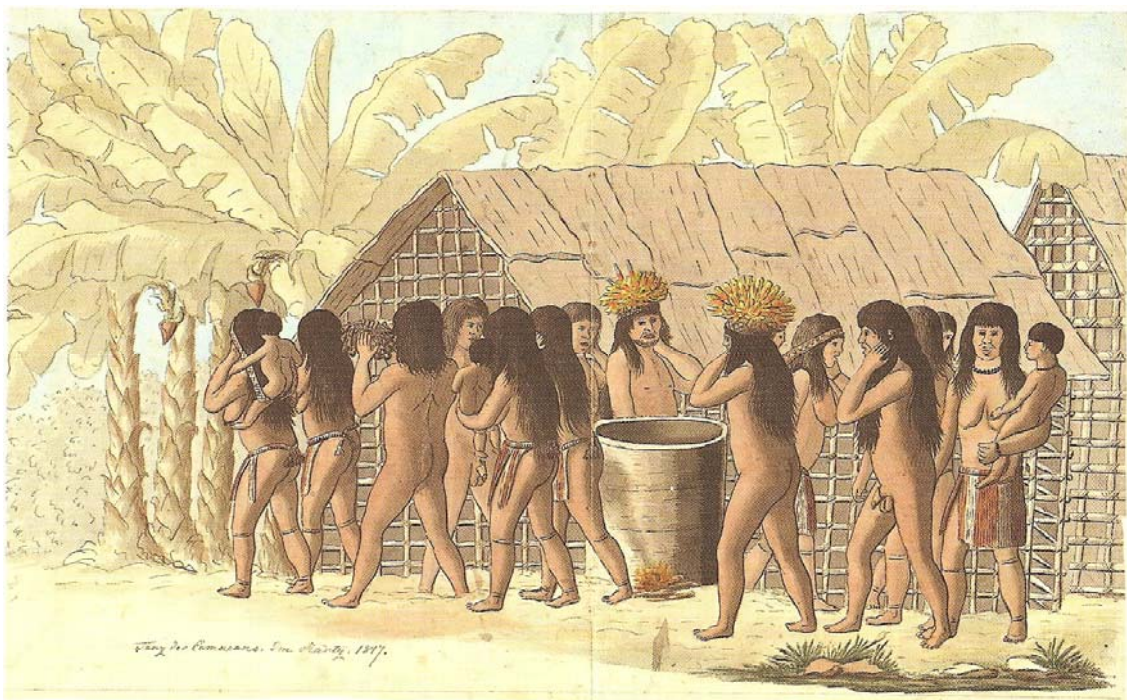


Figura 24. Festa de dança dos índios Camacãs. 1817. Class. e datado embaixo [pena]: “Índios Camacãs. Março. 1817”. Aquarela e pena. 24,5 cm x 39,8 cm. LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit (reds.). *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa Editorial, 2001.

Maximiliano conclui sua descrição dos índios Camacãs, bem como este capítulo, discorrendo sobre os tratamentos oferecidos aos doentes e alguns ritos mortuários praticados. Além disso, o príncipe incluiu dois parágrafos extraídos da *Corografia Brasílica* sobre os índios Camacãs ao final de seu texto²⁷⁷.

²⁷⁴ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 414-416.

²⁷⁵ *Ibidem*, p. 416.

²⁷⁶ *Ibidem*, p. 416-418.

²⁷⁷ *Ibidem*, p. 418-419.

4.6 *Viagem ao Brasil – Tomo II – Cap. VII – “Viagem de Conquista à Capital da Bahia e estadia nessa cidade”*

Este capítulo do diário de viagem de Maximiliano gira em torno do último trecho da viagem do príncipe no Brasil. Além disso, é nesta parte do percurso que o príncipe passa por um mal-entendido, é confundido com ingleses procurados e preso antes de chegar a Salvador. Ao longo deste capítulo, Maximiliano insiste fortemente na descrição dos percalços enfrentados, sobretudo por conta do calor e da sede²⁷⁸.

Às margens do rio Jequiriçá, quando Maximiliano e seu grupo estavam a caminho de Laje, o príncipe percebe que a passagem estava sendo barrada por um grupo de pessoas:

“Eram aproximadamente uns setenta homens [...] precipitaram-se sobre nós de todos os lados, de sorte que foi impossível nos opor aos movimentos desse bando de homens brancos, mulatos e negros que mais pareciam uns bandidos. Alguns deles tomaram pelas rédeas o meu cavalo, gritando que eu estava prisioneiro e que não escaparia à sorte que tanto eu merecera. Tratavam-me de ‘inglês’; alguns pareciam conceber tantos receios a meu respeito que conservavam os seus fuzis a tiracolo apontados para mim. Aprenderam imediatamente nossos fuzis de caça; foices e pistolas; arrancaram até das mãos de Queck, o meu pequeno Botocudo, o arco e as flechas. Alguns dos meus homens, por que se recusaram a entregar as suas armas, foram quase maltratados. Mas quando nos viram desarmados, a coragem dessa canalha assumiu uma audácia incomparável. Pois se eram setenta homens armados contra seis desarmados! [...] Para nos livrar desse tumulto, de que eu nada compreendia, e conhecer a causa de tão estranho tratamento, perguntei a esse bando de loucos se tinham um chefe, como se chamava e onde estava? Responderam-me laconicamente que o capitão Bartholomeu, que era o comandante, não tardaria a chegar, e me faria a devida justiça.”²⁷⁹

Com a chegada do capitão Bartholomeu, o grupo de Maximiliano é levado a uma espécie de casa aberta no meio da estrada; o tal capitão alegara que estava cumprindo ordens do Capitão-mor de Nazaré. O príncipe fica extremamente ofendido pois há marinheiros bêbados, escravos, e ‘desocupados’ junto com ele. Maximiliano

²⁷⁸ “A nossa marcha, através de áridas colinas, vinha cansando tanto os homens e os animais, que uns e outros corriam avidamente para estancar a sede ardente nos córrego que encontrávamos no fundo dos vales; a água destes era límpida e fresca, embora a que se bebe geralmente nesse sertão seja extremamente ruim. Apesar da falta de boa água nessas zonas secas e desnudas, o viajante facilmente observa que as febres são aí muito mais raras que nas grandes florestas próximas do litoral.”. WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 424.

²⁷⁹ *Ibidem*, p. 440.

declara, então, que soube que “me tomavam pó um inglês ou americano e que tinha sido preso por uma série de medidas de segurança tornadas necessárias por causa da revolução que rebentara em Pernambuco.”²⁸⁰. Maximiliano fora tomado, portanto, por um dos agitadores estrangeiros que auxiliaram na Confederação do Equador.

Por conta desta situação, os portugueses que acompanhavam o príncipe ficaram desconfiados de seus propósitos, e ele afirma que mesmo com suas diversas ‘portarias’ e cartas de recomendação, nada pôde fazer para remediar a situação. O capitão Bartholomeu, após inspecionar as bagagens de Maximiliano, autoriza a sua partida, desde que acompanhado de seus guardas. Segundo o príncipe, tratava-se de “uns trinta cavalheiros e infantes, armados de fuzis e pistolas carregadas, nos foram dados como guardas; tinham constantemente o olho alerta para o menor dos nossos gestos. [...] Em cada fazenda por que passávamos, corriam os moradores em chusma para nos ver, apontando com o dedo os criminosos e repetindo constantemente os nomes de ‘ingleses’ e ‘pernambucanos’.”²⁸¹.

Após dois dias de viagem como prisioneiros, Maximiliano e sua comitiva chegam a Nazaré. Maximiliano foi levado ao capitão-mor, queixando-se de seu tratamento, e apresentou a ele suas portarias; o capitão-mor decidiu deixá-lo preso até que recebesse respostas de Salvador em relação aos documentos do príncipe. Maximiliano se irrita mais ainda com a situação pois por conta da sua prisão, acabou perdendo muitos espécimes que acabaram molhando. Maximiliano ficou retido em Nazaré por oito dias; mesmo assim, não deixa de descrever a vila e algumas das árvores e plantas que identifica.

Em seu percurso rumo a Salvador, Maximiliano passa pela ilha de Itaparica, e afirma que “outrora essa zona era habitada pelos ‘Kiriris’ ou ‘Cariris’, tribo dos tapuias. [...] Atualmente esses índios estão todos civilizados, o que deles resta é conhecido pelo nome de ‘Cariris da Pedra Branca’; são todos soldados.”²⁸². Como está prestes a chegar a Salvador, Maximiliano escreve sobre a história da cidade, e afirma que o então governador-geral da Bahia, Conde dos Arcos, fizera importantes obras na cidade. Maximiliano descreve a arquitetura de Salvador, assim como alguns hábitos de seus moradores. Afirma o príncipe que:

²⁸⁰ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 441.

²⁸¹ *Ibidem*, p. 442.

²⁸² *Ibidem*, p. 446.

“Durante o dia não se vê nenhuma mulher nas ruas; só ao findar do dia é que a sociedade elegante sai de suas casas, para gozar o fresco da tarde; ouvem-se então os cantos e o som dos violões.”²⁸³

Maximiliano faz referências às descrições do Rio de Janeiro e da Bahia feitas por Lindley e Andrew Grant. Maximiliano permanece alguns dias em Salvador, onde afirma que “fui muito bem recebido por várias pessoas instruídas.”²⁸⁴. Entre elas, Maximiliano conheceu o Conde dos Arcos, que muito se desculpou pelo incidente da prisão do príncipe. Maximiliano finaliza o capítulo declarando que “teria de bom grado aproveitado por mais tempo tanta boa vontade, se o meu vivo desejo de rever a minha pátria não fosse o bastante para me obrigar a aproveitar a oportunidade que para isso se me apresentava. Esta me fez apressar a volta para a Europa.”²⁸⁵.

²⁸³ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 450.

²⁸⁴ *Ibidem*, p. 451.

²⁸⁵ *Ibidem*, p. 452.

4.7 *Viagem ao Brasil – Tomo II – Cap. VIII – “Regresso à Europa”*

Maximiliano parte para Lisboa, no navio Princesa Carlota, no dia 10 de maio de 1817. A maior parte deste capítulo narra o dia-a-dia da jornada de volta à Europa; já no dia 25, o navio passa por Açores. No dia 1 de julho de 1817, o navio ancorou no rio Tejo, em Belém, e no dia 2 de julho, em Lisboa. O príncipe descreve alguns aspectos da arquitetura de Lisboa e afirma que:

“Portugal é sob vários pontos de vista muito mais atrasado que outros países da Europa. A própria capital não possui várias instituições úteis que se encontram em quase todas as pequenas cidades dos países civilizados da Europa. Tudo aí é caro, os carros (‘seixas’) e os albergues são extremamente maus. O pequeno número do que pertencem aos estrangeiros não valem muito mais. As ruas não são iluminadas de noite; as estradas principais são mal tratadas; o correio para Madrid ainda é exclusivamente a cavalo; não há guardas para a vigilância noturna da segurança das ruas; mas atualmente se vêm por toda parte postos militares.”²⁸⁶

Maximiliano enaltece, entretanto, os jardins públicos de Lisboa, feitos à moda francesa. Contudo, desdenha o palácio do rei, ao qual se refere como “edifício de tamanho medíocre”, e afirma que “o jardim botânico nem vale a pena ser citado: compõe-se de quadras cercadas de sebes baixas e cortadas a tesoura, e onde vegetam, em estado meio selvagem, plantas comuns.”. Em sua opinião, “o espetáculo das coisas defeituosas, que precisam ser ainda melhoradas e aperfeiçoadas em Portugal, é compensado pelo aspecto das belezas naturais do país, principalmente durante a primavera”²⁸⁷.

No dia 12 de julho, a bordo do paquete “Duque de Kent”, Maximiliano partiu para Inglaterra. O navio chegou à cidade de Falmouth no dia 21 de julho, e no dia 24 de julho, Maximiliano partiu para Londres. Eis o parágrafo final do capítulo, bem como do diário de viagem do príncipe Maximiliano:

“Só permaneci poucos dias nessa grande capital. Parti para Dover, de onde embarquei para o continente. A minha travessia para Ostende foi feliz. Deixamos a costa da Inglaterra à tarde; antes da meia-noite estávamos percorrendo a costa de Flandres. Ao raiar do dia, entramos no porto de Ostende. Tomei logo a estrada que passa por Gand, Bruxelas e Liège, para ir a Aix-la-Chapelle. Foi nessa

²⁸⁶ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 461.

²⁸⁷ *Ibidem*, p. 462.

cidade que ouvi falar de novo o alemão. Breve cheguei à minha pátria, nas margens do Reno.”²⁸⁸

²⁸⁸ NEUWIED, Maximiliano von Wied. *Op. cit.*, p. 464.

4.8 *Viagem ao Brasil – Tomo II – Apêndice*

O Apêndice ao diário de viagem do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied divide-se em duas partes: a primeira, intitulada “Sobre a maneira de se empreenderem no Brasil viagens relativas à História Natural”, contém sugestões de Maximiliano quanto aos preparativos para a realização de viagens em diferentes partes do Brasil; a segunda parte, intitulada “Vocabulário dos povos indígenas do Brasil de que se faz menção neste relatório de viagem” traz uma breve lista dos principais vocábulos utilizados pelos Botocudos, os Maxacaris, os Pataxós, os Malalis, os Maconis, dos Camacãs de Belmonte e dos Camacãs da Bahia, além do mapa e da anotação de Maximiliano sobre o mapa produzido por Arrowsmith do percurso da viagem.

Maximiliano, na primeira parte do anexo, apresenta informações de ordem prática em relação à viagem, como, por exemplo, no que diz respeito à escolha dos animais usados para transporte, a necessidade de mudá-los de acordo com o terreno percorrido, e principalmente, no que diz respeito a maneira de se obter uma coleção bem sucedida de espécimes de história natural.

Sobre a língua dos índios Botocudos, sobre a qual há o maior número de anotações por parte de Maximiliano, é importante ressaltar que o príncipe utilizou em grande medida o auxílio de Guack:

“Escrevi em parte esse vocabulário quando me encontrava às margens do Rio Grande de Belmonte; aumentei-o depois, à medida que o jovem Queck fazia progressos na língua alemã. Tive ocasião depois de fazer examinar esse botocudo pelo Sr. Goetling, sábio dotado de singular poder de penetração para o estudo aprofundado das línguas, que teve a gentileza de comunicar-me o resultado de suas investigações sobre a língua de que nos ocupamos. Sem dúvida, quando Queck vier a possuir melhores conhecimentos dos alemão, será possível fazer importantes aditamentos a esse ensaio; mas, tal como é, a interessante exposição do Sr. Goetling, que abaixo literalmente transcrevo, bastará para dar uma idéia exata da língua desses selvagens.”²⁸⁹

Por fim, o mapa que se encontra no final do apêndice, segundo o príncipe, é copia daquele utilizado em seu percurso, e o príncipe faz apenas algumas ressalvas em relação à marcação de alguns locais e cursos dos rios.

²⁸⁹ WIED-NEUWIED, Maximiliano von. *Op. cit.*, p. 483.

Destarte se conclui não só a viagem de Maximiliano pelo Brasil, mas também o diário escrito sobre ela. Pode-se dizer que assim como os capítulos iniciais do diários, os últimos capítulos seguem uma estrutura descritiva comum, focadas principalmente na identificação da fauna e da flora da região, e com menção esporádica aos grupos indígenas encontrados no caminho.

Considerações Finais

O intuito desta dissertação de mestrado foi melhor compreender o diário de viagem escrito pelo Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied sobre o período durante o qual permaneceu no Brasil, entre 1815 e 1817, principalmente em relação às observações do príncipe sobre os povos indígenas brasileiros, dentro do contexto tanto da expansão comercial européia ocorrida durante o século XIX, quanto do mercado de literatura de viagem na Europa do período, e dos estudos acadêmicos desenvolvidos atualmente a este respeito.

Para tanto, procurou-se associar as informações de cunho biobibliográfico sobre o príncipe, o contexto das relações Brasil-Alemanha do período, o conhecimento sobre os grupos indígenas brasileiros e os estudos sobre o mercado de literatura de viagem européia no sentido de realizar a análise do diário escrito pelo príncipe. Principalmente levando-se em consideração que a região do vale do Rio Doce e do Rio Grande de Belmonte, na qual vivem a maior parte dos índios visitados por Maximiliano.

Os trechos mais significativos do diário de Maximiliano dizem respeito aos índios Botocudos, que, conforme dito anteriormente, foram os nativos mais temidos e difamados na literatura de viagem. Além disso, Maximiliano redigiu o diário baseando-se em suas anotações feitas durante a viagem, alterando e configurando o texto, e conduzindo o leitor, destarte, conforme ele gostaria que fosse feita a leitura de suas declarações. Ai reside a importância de Guack, o jovem botocudo que acompanha Maximiliano desde sua estadia no Rio Grande de Belmonte, e que viria a encontrá-lo um ano depois de seu retorno à Neuwied; através de Guack, Maximiliano constrói e estabelece suas afinidades, conforme proposto por Harry Liebersohn, e em grande medida muda sua relação com os índios Botocudos. Maximiliano não só questiona as representações feitas por outros viajantes dos índios Botocudos, critica a maneira como os colonos os tratam, e também afirma que estes são passíveis de civilização, desde que tal processo seja conduzido da maneira correta – e Maximiliano oferece muitas sugestões neste sentido. Acima de tudo, a aproximação de Maximiliano dos Botocudos através da presença de Guack é instrumento essencial na reconstrução de muitas das estratégias de resistência e relacionamento usadas pelos indígenas na dinâmica imposta pelo impulso imperialista europeu do século XIX.

Destarte, esta dissertação foi dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo da tese, intitulado “A viagem, os antecedentes e a região visitada”, apresentou a biografia de Maximiliano, assim como o contexto europeu do final do século XVIII e início do século XIX. Procurou-se mostrar a presença de Maximiliano no mundo acadêmico, sua passagem pela Universidade de Göttingen, na qual conheceu seu mentor e um dos principais estudiosos das populações nativas ao redor do mundo, o professor Blumenbach, e seu posterior contato com Alexander von Humboldt, que veio a definir a escolha de Maximiliano pela viagem ao Brasil. Neste primeiro capítulo, ademais, foi possível melhor compreender a maneira através da qual Maximiliano iria estabelecer a construção de afinidades com os índios Botocudos, conforme proposto por Harry Liebersohn.

Em “O caminho percorrido no Brasil”, segundo capítulo desta dissertação, discutiu-se quase todo o primeiro tomo do diário de viagem de Maximiliano, desde a partida do príncipe da cidade do Rio de Janeiro, até sua chegada ao Rio Grande de Belmonte, onde permaneceria entre os índios Botocudos. Este capítulo mostrou as primeiras impressões do príncipe, a maneira como ele constrói o discurso em relação àquilo com o que se depara, principalmente como pôde ser visto em relação à visita aos índios de São Lourenço, e o modo através do qual o príncipe preparou o leitor em relação aos Botocudos, para depois mudar significativamente suas perspectivas.

A permanência entre os índios Botocudos do Rio Grande de Belmonte e o contato com os grupos de Botocudos do Rio Doce, bem como a presença do Botocudo Guack foram tema do terceiro capítulo desta dissertação, intitulado “Novos rumos da viagem – Maximiliano e sua percepção dos Botocudos: a presença de Guack”. Através deste capítulo, foi possível melhor compreender a participação de Guack como interlocutor de Maximiliano em seus escritos sobre os índios Botocudos. O intuito deste capítulo foi mostrar a percepção diferenciada de Maximiliano dos Botocudos, tendo em vista o papel de Guack, que, como interlocutor, tradutor, guia e protegido de Maximiliano, tem seu discurso valorizado pelo naturalista, e serve também de legitimador de seus escritos.

Já o quarto e último capítulo desta dissertação, intitulado “Últimas paragens e o retorno à Europa”, que versa sobre o restante do segundo tomo do diário, mostra como uma vez visitados e descritos os grupos de índios Botocudos, Maximiliano volta à

estrutura utilizada no primeiro tomo do diário. Ademais, o capítulo trata dos últimos trechos percorridos por Maximiliano com sua comitiva, e principalmente da sua descrição dos índios Camacãs, a quem dedica mais análises do que aos demais grupos indígenas visitados.

O Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied veio ao Brasil imbuído do ‘espírito’ romântico em voga nas academias alemãs da época, e dos propósitos divulgados por Humboldt, no sentido de não restringir a ciência ao ambiente acadêmico, fazer com que o conhecimento teórico fosse experimentando no âmbito prático, e posteriormente difundido da maneira mais acessível possível ao público leitor. Esta visão de mundo está presente em todo o diário de Maximiliano; para além das exaustivas análises da flora e fauna brasileira, é possível dizer que a principal contribuição do príncipe no sentido de tornar o conhecimento acessível ao público leitor se deu em relação aos índios Botocudos. Pouco ou quase nunca estudados, Maximiliano aprofundou-se, dentro de suas limitações, em seu mundo e práticas, baseando-se em seu conhecimento acadêmico e na sua experiência direta, e traduziu suas observações em seu diário, que foi amplamente difundido na Europa. Foi, inclusive, além, ao dar espaço – mesmo que este não fosse seu intuito – para a voz de Guack, permitindo, assim, o melhor entendimento da maneira através da qual os próprios índios Botocudos relacionavam-se com os ‘estranhos’ com quem tinham contato e viviam em constantes conflitos.

Fontes:

Este trabalho tem como sua principal fonte o relato de viagem publicado pelo Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied em alemão, em 1820:

NEUWIED, Prinz Maximilian von Wied. *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817 von Maximilian Prinz zu Wied-Neuwied*. Mit zwei und zwanzig Kupfern, neunzehn Vignetten und drei Karten. Frankfurt: Heinrich Ludwig Bronner, 1820.

Por conta de não termos pleno domínio do idioma alemão, o texto foi escrito com base na edição brasileira, cotejado com as seguintes edições:

NEUWIED, Prinz Maximilian von Wied. *Voyage au Brésil, dans les années 1815, 1816 et 1817*. Paris: Arthur Bertrand, 1821.

_____. *Viagem ao Brasil*. Trad. Edgar Sússekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1ª ed. 1940.

_____. *Viagem ao Brasil*. Trad. Edgar Sússekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 2ª ed. 1958.

A primeira edição francesa, apesar de ter sido traduzida para o francês, foi feita sob os auspícios do Príncipe Maximiliano. Entretanto, que em decorrência de desavenças com o naturalista e viajante francês Auguste de Saint-Hilaire¹, Maximiliano publicou correções a esta primeira edição, que dizem respeito essencialmente a terminologia e a classificação de algumas espécies dentro do sistema lineano².

¹ “Vinte anos mais tarde, o príncipe, ainda indignado com os escritos de Saint Hilaire, atacou-o numa publicação de correções ao seu próprio livro, *Viagem ao Brasil*. Considerando, todavia, que a maioria das falhas era de responsabilidade do tradutor da obra para o francês, Maximiliano exprime a sua indignação: ‘Um dito viajante francês refere-se muitas vezes a este trabalho em tom de censura, dando margem a que o leitor possa suspeitar de que tenha havido superficialidade ou falhas de observação por parte do autor, ou que este tenha sido pouco consciencioso nos seus registros. [...] O autor considera seu dever, tanto para com os possuidores da obra, como no que respeita à sua própria reputação, tornar públicas as seguintes retificações, às que se poderão depois fazer muitos reparos de natureza científica.’ PIJNING, Ernest. O ambiente científico da época e a viagem ao Brasil do príncipe alemão Maximiliano de Wied-Neuwied. *In.: Revista Oceanos*, Lisboa, nº 24, out/dez 1995. p. 28.

² As notas e correções foram publicadas em alemão, francês e em português: NEUWIED, Prinz Maximilian von Wied. *Brasilien. Nachträge, Berichtigungen und Zusätze zu der Beschreibung meiner Reise im östlichen Brasilien*. Frankfurt am Main: Druck und Verlag von Heinrich Ludwig Brönnner, 1850.; em francês, NEUWIED, Prinz Maximilian von Wied. *Quelques corrections indispensables à la traduction Française de la Description d’un Voyage au Brésil par le Prince Maximilien de Wied*. Frankfurt am Main, 1853.; e em português, WIED-NEUWIED, Prinz Maximilian von. *Acréscimos, correções e notas à minha Viagem ao leste brasileiro*. traduzido e anotado por Olivério Mário de Oliveira Pinto. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Pesquisas, 1960.

Apesar do relato de viagem de Maximiliano tratar do Brasil, a primeira tradução do texto para o português somente foi publicada em 1940, pela Companhia Editora Nacional, integrando a Coleção Brasileira. Segundo o prefácio a esta edição, escrito por Olivério Pinto, “Em português, não consta que haja aparecido alguma tradução antes da presente, feita primitivamente da edição francesa e depois pelo anotador refundida perante texto da edição alemã in-8vo, que reproduz tão fielmente quanto possível.”³. Esta tradução, entretanto, assemelha-se mais a uma interpretação do diário de Maximiliano, sem levar em consideração sua data de produção, do que uma tradução “fiel” e aproximada do original.

Ademais, foi possível fazer o levantamento das seguintes fontes, de autoria do Príncipe Maximiliano⁴:

a) versões do relato de viagem ao Brasil:

Reise naar Brazilië. in den jaren 1815 tot 1817, door Maximilian prinz Van Wied-Neuwied. Uit het Hoogduitsch. Met Platen. Te Groningen: W. van Boekeren, 1822-1823.

Reise nach brasilien in den jahren 1815 tot 1817. Groningen: W. van Boekeren, 1822-23.

Reise nach brasilien in den jahren 1815 bis 1817. Mit einer Karte der Ostküste von Brasilien. Wien: Kaulfuss und Kramer, 1825-1826.

Travels in Brazil in the years 1815, 1816 and 1817. London: Printed for H. Colburn & Co., 1820.

Travels in Brazil in 1815, 1816, and 1817. By Prince Maximilian, Neuwied. Translated from the German and illustrated with engravings. London: printed for Sir Richard Philips & Co., 1820.⁵

Viagem ao Brasil. São Paulo: Itatiaia, 2000.

Viaggio al Brasile negli anni 1815, 1816 et 1817 del Principe Maximiliano de Wied von Neuwied. Milano: Tip. di Giambattista Sonzogno, 1821.

³ PINTO, Olivério. Prefácio à 1ª edição. In.: WIED-NEUWIED. Maximiliano, Príncipe de. *Viagem ao Brasil*. Trad. Edgar Süssekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1ª ed. 1940. p. 5.

⁴ Este levantamento tem como base o artigo de Rosemarie Erika Horch e a tese de Michael G. Noll, a quem devo agradecer a gentileza de ter me enviado sua tese de doutorado, inacessível no Brasil, além de pesquisas feitas ao longo da leitura desta bibliografia. HORCH, Rosemarie Erika. Notas bibliográficas sobre a obra do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied. In.: *Revista Oceanos*, Lisboa, nº 24, out/dez 1995, p. 102-110. e NOLL, Michael G. *Prince Maximilian's America: The Narrated Landscapes of a German Explorer and Naturalist*. Kansas, University of Kansas, Doctoral Dissertation, s/d.

⁵ Em seu artigo, Rosemarie Erika Horch afirma que estas edições foram publicadas simultaneamente, e ambas estavam incompletas. Ainda segundo a autora, houve uma publicação em 1825 desta edição a qual se refere a nota. HORCH, Rosemarie Erika. *op. cit.*, p. 104.

Viaggio al Brasile negli anni 1815, 1816 e 1817 dal principe Maximiliano di Wied-Neuwied. Prima traduzione dall'originale tedesco di F. C. Corredato di carte geografiche e rami colorati. Napoli: Nuovo Gabinetto Letterario, 1832.

Voyage au Brésil, dans les années 1815, 1816 et 1817. Paris: Arthur Bertrand, 1822.

b) outros textos, livros e artigos escritos pelo Príncipe, sobre ou relacionados a sua viagem ao Brasil:

Amaryllis Principis mit einem Nachtrag des Prinzen Maximilian von Neuwied. *In.: Nova Acta Physico-Medica Academiae Caesareae Leopoldino-Carolinae Naturae Curiosorum*, 1820. 11:1, p. 153-155.

Beitraege zur naturgeschichte von brasilien. Weimar: Verlage GHS Priv Landes. Ind. Copetoirs, 1825-1833.

Beitrag zur Flora Brasiliens. Mit Beschreibungen von Dr. Ness von Esenback, Præsidenten der Akademie u. Dr. von Martius, Md.K.A. zu Munchen u.d.A.d.N.. *In.: Nova Acta Physico-Medica Academiae Caesareae Leopoldino-Carolinae Naturae Curiosorum*, 1823. 11:1, p. 1-102; 12:1, p. 1-54.

Beitrag zur Naturgeschichte des Sariam oder Seriema (*Dicholophus Cristatus Illigeri*) von dem Prinzen Maximilian zu Wied-Neuwied (mit ein Kupfertafel) von dem Prinzen Maximilian zu Wied-Neuwied (mit em Kupfertafel). *In.: Nova Acta Physico-Medica Academiae Caesareae Leopoldino-Carolinae Naturae Curiosorum*, 1820. 11:12, p. 342-350.

Brésil. Francfort sur le Mein: Henri Louis Bronner, 1853.

Carta de Maximiliano, príncipe de Wied, a Francisco Adolfo de Varnhagen. 20 de abril de 1852 (em francês). *In.: Cartas de Varnhagem a Dom Pedro II e outros escritos. Anuário do Museu Imperial, Petrópolis*, (9), 1948. p. 168-169.

Kurze Nachricht über den Gang meiner Reise in Brasilien zwischen dem 13. und dem 23. Grad südl. Breite. *In.: Isis. Okens Encyclopädische Zeitung. Jena* (2), 1817. p. 1513-1523.⁶

Naturhistorische Reise in Brasilien des Prinzen Max von Neuwied: Cabo Frio, den 4. Sept. 15; Villa de San Salvador, 30. Sept. 15; den 13. oktober; Espírito Santo, 29. Nov. Brief an Dr. Sch. in Zürich. *In.: Isis, Okens Encyclopädische Zeitung, Jena* (2), 1817. p. 937-948.

Reise des Prinzen Maximilian von Neuwied nach Brasilien. *In.: Morgenblatt für gebildete Stände. Tübingen*, (2), 1815. p. 1045 e 1050.

Über einige Fabeln in dez Zoologie. *In.: Archiv für Naturgeschichte, Berlin*, 27(1), 1861. p. 8-14.

c) obras que contêm as imagens relativas a viagem:

⁶ Ambas as publicações na Okens Encyclopädische Zeitung são notas rápidas a respeito do desenvolvimento da viagem de Maximiliano no Brasil.

Abbildungen zur Naturgeschichte Brasiliens, herausgegeben von Maximilian, Prinzen von Wied-Neuwied. Recueil de planches coloriées d'animaux du Brésil, publié par S.A.S. Le Prince Maximilien de Wied-Neuwied. Weimar: im Verlage des Grossherzogl. Sächs. priv. Landes-Industrie-Comptoirs, 1822-1831.

Viagem ao Brasil 1815-1817. Excertos e ilustrações. Introdução de Josef Röder e Herbert Baldus. Texto e gravuras selecionados por Ariosto Augusto de Oliveira. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

Viagem do Príncipe Maximiliano de Wied ao Brasil (1816-1818). Tiragem especial da *Revista do Arquivo*. São Paulo: Departamento de Cultura, Secretaria de Educação e Cultura do Município de São Paulo, 1938.

KOPPEL, Susanne (bear.). *Brasilien-Bibliothek der Robert Bosch GmbH: Katalog*. Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 1986-1991.

LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit (reds.). *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa Editorial, 2001.

RODER, Joseph und TRIMBORN, Herman. *Maximilian Prinz zu Wied. Inveröffentliche Bilder und Handschriften zur Völkerkunde Brasiliens*, Bonna: Dümmers Verlag, 1954.⁷

⁷ Segundo Rosemarie Erika Horch, trata-se de “desenhos e manuscritos referentes à etnografia brasileira da autoria do príncipe Maximiliano, mas não publicados. As estampas foram editadas num estojo separado, do qual só foram feitos 120 exemplares.”. O material foi compilado por Josef Röder e Hermann Trimborn, e o livro conta com artigos de diversos autores sobre o Maximiliano e suas viagens. HORCH, Rosemarie E. *op. cit.*, p. 106.

Bibliografia

- ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da Leitura*. São Paulo: FAPESP, 2002.
- ABREU, Márcia e SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.) *Cultura letrada no Brasil. Objetos e práticas*. São Paulo: FAPESP, 2005.
- ALBERT, B. e RAMOS, A. (orgs.). *Pacificando o Branco: cosmologias do contato no Norte Amazônico*. São Paulo: UNESP, 2002.
- ALDEN, Daril. O Período final do Brasil Colônia, 1750-1808. In.: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: A América Latina Colonial*. vol. II, São Paulo: Edusp, 1999, p. 527-594.
- ALEGRE, Maria Sylvia Porto. Imagem e representação do índio no século XIX. In.: GRUPIONI, Luis Donisete Benzi (org). *Índios no Brasil*. Brasília: MEC, 1994. p. 59-72.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Introdução. Modelos da história e da historiografia imperial. In.: NOVAIS, Fernando (coord.) e ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. vol. 2 Império: a corte e a modernidade nacional. p. 7-10.
- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfoses Indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.
- ALMEIDA, Wagner Berno de. Terras de preto, terras de santo, terras de índio – uso comum e conflito. *Cadernos NAEA*, n. 10, 1989, p. 163-196.
- AMANTINO, Márcia. *O Mundo das Feras: os moradores do sertão oeste de Minas Gerais – século XVIII*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.
- AMARAL, Afrânio do. Maximiliano, Príncipe de Wied. *Boletim do Museu Nacional*. vol. VII, num. 3, 1931. p. 186-208.
- ANDERMANN, Jens. Empires of Nature. *Nepantla: Views of the South.*, Duke University Press, 2003, p. 283-315.
- AUERBACH, Eric. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva. 4^a ed. 2002.
- BALDUS, Herbert. *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo, 1954.
- _____. Maximilian Prinz zu Wied in seiner Bedeutung für die Indianerforschung in Brasilien. *Proceedings of the Thirty-second International Congress of Americanists. Copenhagen 1956*. Copenhagen, 1958.
- _____. Maximiliano Príncipe de Wied-Neuwied. *Revista do Arquivo Municipal*. LXXIV. São Paulo: 1941. p. 283-291.
- BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- _____. O Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied no Brasil. In.: SILVA, Marcos (org.). *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva/FFLCH-USP, 2003, p. 247-250.

- BECHER, Hans. *O Barão Georg Heinrich von Langsdorff. Pesquisas de um cientista alemão no século XIX*. São Paulo: Edições Diá; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1990.
- BECHTOLSTEIN, Delia. O Balanço da natureza. O príncipe Maximilian zu Wied no Brasil. *Humboldt*, Bona, 1984. p. 24-49.
- BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão*. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- BERTAUD, Jean-Paul. O Soldado. In.: VOVELLE, Michel (dir.). *O Homem do Iluminismo*. Lisboa, Editorial Presença, 1997. p. 71-98.
- BROBERG, Gunnar (ed.). *Linnaeus: Progress and Prospects in Linnaean Research* Pittsburgh/Stockholm, 1980.
- BOORSTIN, Daniel. *The Discoverers*. New York: Random House, 1983. ed. brasileira: *Os descobridores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- BUCHILLET, Dominique. *Contas de vidro, enfeites de branco e "Potes de Malária": epidemiologia e representações de doenças infecciosas entre os Desana*. Brasília: Depto. de Antropologia UnB, 1995 (Série Antropologia, 187).
- CALOGERAS, João Pandiá. *A Política exterior do Império*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1927 e 1928. 2v.
- CAMBRAIA, Ricardo de Bastos e MENDES, Fábio Faria. A colonização dos sertões do leste mineiro: políticas de ocupação territorial num regime escravista (1780-1836). *Revista do Depto. de História da UFMG*, no. 6, julho 1988, p. 137-150.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloisa P. Cintrão. São Paulo: Edusp, 1997.
- CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. *How to Write the History of the New World. Histories, Epistemologies, and Identities in the Eighteenth-Century Atlantic World*. Stanford, CA: Stanford University Press, 2001,
- CASCUDO, Luis da Câmara. *O Príncipe Maximiliano no Brasil*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1977.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- CERTEAU, Michel de. Travel Narratives of the French to Brazil: Sixteenth to Eighteenth Centuries. *Representations*, no. 33, Special Issue: The New World (winter, 1991), p. 221-226.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil, mito fundador e sociedade autoritária*. 2.ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2000.
- CHAVES, Evenice Santos. Nina Rodrigues: Sua interpretação do Evolucionismo Social e da psicologia das massas nos primórdios da psicologia social brasileira, *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, n. 2, p. 29-37, 2003.
- COLES, Robert. Introduction. In.: FREUD, Sigmund. *Selected Writings*. New York: Book-of-the-Month Club, 1997. p. vii-xvi.
- COMMAGER, Henry Steele. *The Empire of Reason*. New York: Doubleday, 1977.
- CORBIN, Alain. *Le miasme et la jonquille*. France: Flammarion, 2003.
- COUES, Elliot (ed.). *The History of the Lewis and Clark Expedition*. New York: Dover Publications, 3v., s/d.

- COURTINE, Jean-Jaques et HAROCHE, Claudine. *Histoire du visage. XVI^e- début XIX^e siècle*. Paris: Éditions Rivages, 1988.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. Pensar os Índios. Apontamentos sobre José Bonifácio. In.: *Antropologia do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 165-173.
- _____. (org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- DEAN, Warren. *A Ferro e fogo. A história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
- DELEUZE, Gilles and GUATTARI, Félix. *Nomadology: the War Machine*. New York: Semiotext(e), 1986.
- DIAS, Maria Odila Leite Silva. Hermenêutica do Cotidiano na Historiografia Contemporânea. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e no Departamento de História PUC-SP*. São Paulo, nº 17, nov. 1998. p. 223-258.
- _____. *O Fardo do Homem Branco*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.
- DILTHEY, William. *El mundo histórico*. México: Fondo de Cultura, 1949.
- DOMINGUES, Ângela. O Brasil de Maximiliano de Wied-Neuwied. *Revista Oceanos*, Lisboa, nº 24, out/dez 1995, p. 39-56.
- DOSSE, François. *A história a prova do tempo. Da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- _____. *A história em migalhas. Dos annales à nova história*. Tradução de Dulce de Oliveira Amarante dos Santos . Bauru: Edusc, 2003.
- DUARTE, Regina Horta. Olhares Estrangeiros: Viajantes no vale do rio Mucuri. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, p. 267-288, 2002.
- _____. Conquista e civilização na Minas oitocentista. In.: OTONI, Teófilo. *Notícias sobre os selvagens do rio Mucura*. Organização de Regina Horta Duarte. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 13-38.
- ELIAS, Norbert. *La Sociedad cortesana* México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- _____. *Sobre el tiempo*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1997.
- ESPINDOLA, Haruf Salem. *Sertão do Rio Doce*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- FARIA, Miguel. Brasil: visões européias da América Lusitana. *Revista Oceanos*, Lisboa, nº 24, out/dez 1995, p. 70-101.
- FABIAN, Johannes. *Time and the other: how anthropology makes the object*. New York: Columbia University Press, 1983.
- FARAGE, Nádia. *As Muralhas dos Sertões: os povos indígenas do rio Branco e a colonização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- FERGUSON, R. Brian. Blood of the Leviathan: Western Contact and Warfare in Amazonia. *American Ethnologist*, 17:2 (1990), p. 237-257.
- FERNANDES, João Azevedo. *De Cunhã a Mameluca: a mulher tupinambá e o nascimento do Brasil*. João Pessoa: UFPB, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 4^a ed. Lisboa: Vega, 2002.

- FRAGOSO, João, BICALHO, Maria Fernanda e Gouvêa, Maria de Fátima (orgs.). *O Antigo Regime nos trópicos. A dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- FRANÇOZO, Mariana de Campos. *Um outro olhar: a etnologia alemã na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Campinas (SP), 2004. Dissertação de mestrado em Antropologia Social - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.
- FRANCHETTO, Bruna e HECKENBERGER, Michael (orgs.). *Os Povos do Alto Xingu: história e cultura*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. *Rio Babel: a história das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.
- FREUD, Sigmund. *Selected Writings*. New York: Book-of-the-Month Club, 1997.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.
- _____. *Sobrados e mocambos. Decadência do patriarcado rural do Brasil e desenvolvimento urbano*. São Paulo : Nacional, 1936.
- _____. *Ingleses no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.
- FRIEDERICI, Georg. *El carácter del descubrimiento y de la conquista de América*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1987, 1988. 3 t.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.
- _____. *Verdade e Método II*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GAY, Peter. The Enlightenment: An Interpretation. In.: *The Science of Freedom*, vol. II. New York: W. W. Norton, 1969.
- GEERTZ, Clifford. *Works and Lives. The Anthropologist as Author*. Stanford: Stanford University Press, 1988.
- GERBI, Antonello. *La disputa del Nuevo Mundo. Historia de una polémica 1750-1900*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- _____. *Olhos de madeira. Nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- _____. *Relações de força*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- GOETHE, J.W. *Viagem à Itália: 1786-1788*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- GOODMAN, Edward J. *The Explorers of South America*. New York: Macmillan, 1972.
- GOULD, Stephen Jay. *A Falsa Medida do Homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GRIFFITHS, Antony and CAREY, Frances. *German printmaking in the Age of Goethe*. British Museum Press, 1994.
- GRÜNEWALD, Rodrigo. *Os Índios do Descobrimento: tradição e turismo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001.
- GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. *“Debaixo da imediata proteção de sua Majestade Imperial”: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)*. São Paulo, 1994. Tese de Doutorado em História – Departamento de História, FFLCH-USP.

- _____. Memórias partilhadas: os relatos dos viajantes oitocentistas e a idéia de civilização do cacau. *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), 2001, p. 1059-1070.
- HAGEN, Victor von. *South America called them*. New York: Knopf, 1945.
- HARRISON, Carol E. Citizens and Scientists: Towards a Gendered History of Scientific Practice in Post-revolutionary France. *Gender & History*. vol. 13, no. 3, nov. 2001, p. 444-480.
- HARTMANN, Thekla. *Contribuição da iconografia para conhecer os índios brasileiros do século XIX*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1970.
- HARTOG, François. *Antigos, Passado e Presente*. Brasília: Editora da UnB, 2000.
- HECKENBERGER, Michael et alii. Amazonia 1492: pristine forest or cultural parkland?. *Science*, vol. 301, 19 set. 2003, p. 1710-1714.
- HELPERICH, Gerard. *Humboldt's Cosmos*. New York: Penguin Group Inc., 2004.
- HEMMING, John. *Amazon Frontier. The Defeat of the Brazilian Indians*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1987.
- _____. Os Índios e a Fronteira no Brasil Colonial. In.: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: A América Latina Colonial*. vol. II, São Paulo: Edusp, 1999, p. 423-470.
- HOBBSAWM, Eric and RANGER, Terence (eds.). *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- _____. *Raízes do Brasil*. 26^a ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- _____. Historical Thought in Twentieth-Century Brazil. In: Burns, Bradford (org.) *Perspectives in Brazilian History*. New York: Columbia University Press, 1967. p. 181-196.
- _____. *Monções*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- _____. O atual e o inatual na obra de Leopold Von Ranke. In: RANKE, Leopold Von. *Ranke*. São Paulo: Ática, 1979 p. 7-64. (coleção grandes cientistas sociais n.8)
- _____. (org.). *O Brasil Monárquico – O processo de emancipação*. Coleção História Geral da Civilização Brasileira, t. 2, v. 1, São Paulo: Difel, 1961 (1^a ed.).
- _____. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- HORCH, Rosemarie Erika. Notas bibliográficas sobre a obra do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied. *Revista Oceanos*, Lisboa, nº 24, out/dez 1995, p. 102-110.
- HULME, Peter. Survival and Intention: indigeneity in the Caribbean. In.: CASTLE, Gregory (org.). *Postcolonial Discourses: an anthology*. Malden: Blackwell, 2001, p. 294-308.
- HULSMAN, Lodewijk. Brazilian Indians in the Dutch Republic: the remonstrances of Antonio Paraupaba to the States General in 1654 and 1656. *Itinerário*, 29:1 (2005), p. 51-78.
- HUNT, Lynn. "No Longer an Evenly Flowing River": Time, History and the Novel. *The American Historical Review*, vol. 103, no. 5 (Dec., 1998), p. 1517-1521.

- HUPPERTZ, Jozephine. Textkritische Analyse und Vergleich zwischen schriftlichem Nachlass und Reisewerk. In.: RODER und TRIMBORN. *Maximilian Prinz von Wied. Unveröffentlicher Bilder*. Bonn, Hannover, Stuttgart, Ferd: Dümmlers Verlag, 1954.
- IGGERS, Georg G. *The German Conception of History. The National Tradition of Historical Thought from Herder to the Present*. Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press, 1968.
- ISENBURG, Teresa. *Viaggiatori naturalisti italiani in Brasile nel'ottocento*. Milano: Franco Angeli, 1989.
- JASMIM, Marcelo. Apresentação. In.: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC Rio, 2006, p. 9-12.
- JANCSÓ, Istvan e MACHADO, André Roberto de. Tempos de Reforma, Tempos de Revolução. In.: KANN, Bettina e LIMA, Patrícia Souza (seleção e tradução das cartas). *D. Leopoldina: Cartas de uma Imperatriz*. Tradução: Tereza Maria Souza de Castro e Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2006, p. 17-49.
- KANN, Bettina. A Áustria e a Corte de Viena (1790-1817). In.: KANN, Bettina e LIMA, Patrícia Souza (seleção e tradução das cartas). *D. Leopoldina: Cartas de uma Imperatriz*. Tradução: Tereza Maria Souza de Castro e Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2006, p. 51-61.
- _____. Apontamentos sobre a infância e juventude de Leopoldina. In.: KANN, Bettina e LIMA, Patrícia Souza (seleção e tradução das cartas). *D. Leopoldina: Cartas de uma Imperatriz*. Tradução: Tereza Maria Souza de Castro e Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2006, p. 63-82.
- KANN, Bettina e LIMA, Patrícia Souza (seleção e tradução das cartas). *D. Leopoldina: Cartas de uma Imperatriz*. Tradução: Tereza Maria Souza de Castro e Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2006.
- KARASCH, Mary. Damiana da Cunha. In.: SWEET, David (ed.). *Struggle and Survival in Colonial America*. Berkley: University of California Press, 1981, p. 102-120.
- _____. Rethinking the conquest of Goiás, 1775-1819. *The Americas*, vol. 61, n. 3, Jan 2005, p. 463-492.
- KOHLHEPP, Gerd. Scientific findings of Alexander von Humboldt's expedition into the Spanish-American Tropics (1799-1804) from a geographical point of view. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, vol. 77, no. 2 (2005), p. 325-342.
- KOPPEL, Susanne (bearbeitet). *Brasilien-Bibliothek der Robert Bosch GmbH: Katalog*. Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 1986 und 1991.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futures past. On the semantics of historical time*. Cambridge; London: The MIT Press, 1985.
- _____. *Critique and Crisis. Enlightenment and the Pathogenesis of Modern Society*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1988.
- _____. *Futures past. On the semantics of historical time*. Cambridge; London: The MIT Press, 1985.
- KOSERITZ, Carl von. *Imagens do Brasil*. São Paulo: Livraria Martins Editora/Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

- LACAPRA, Dominick. *Rethinking intellectual history. Texts, contexts, language*. Ithaca/London: Cornell University Press, 1994.
- LANGFUR, Hal. Uncertain Refuge: frontier formation and the origins of the Botocudo War in late colonial Brazil. *Hispanic American Historical Review*, vol. 82, no. 2 (2002), p. 215-256.
- _____. The Return of the *Bandeira*: Economic Calamity, Historical Memory, and Armed Expeditions to the *Sertão* in Minas Gerais, Brazil, 1750-1808. *The Americas*, vol. 61, no. 3, 2005, p. 429-461.
- _____. Moved by Terror: Frontier Violence as Cultural Exchange in Late-Colonial Brazil. *Ethnohistory*, vol. 52, no. 2 (spring 2005), p. 255-289.
- LEITE, Ilka Boaventura. *Negros e viajantes estrangeiros em Minas Gerais, século XIX*. 1986. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da FFLCH-USP.
- LEED, Eric J. *La Mente del viaggiatore. Dall' Odissea al turismo globale*. Bologna: Società editrice il Mulino, 2007.
- LEITE, Miriam L. Moreira. *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora UFRK, 1997.
- LEVY ROCHA. Wied, Freyreiss e Sellow no Espírito Santo. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*. vol. 237, out. 1972.
- LIEBERSOHN, Harry. Discovering Indigenous Nobility: Tocqueville, Chamisso, and Romantic Travel Writing. *The American Historical Review*, vol. 99, no. 3 (Jun., 1994), p. 746-766.
- _____. Recent Works on Travel Writing. *The Journal of Modern History*, vol. 68, no. 3 (Sep., 1996), p. 617-628.
- _____. *Aristocratic Encounters. European Travelers and North American Indians*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2001.
- _____. *The Traveler's World. Europe to the Pacific*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2006.
- LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ/UCAM, 1999.
- LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na "Viagem pelo Brasil" (1817-1820)*. *Estudos Históricos* 29, São Paulo: Editora Hucitec/FAPESP, 1997.
- _____. *Viajantes de Língua Alemã no Brasil. Olhares sobre a sociedade e a cultura (1893-1942)*. 2002. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de História da FFLCH-USP.
- LOPES, Maria Margaret. *As ciências naturais e os museus no Brasil do século XIX*. Tese de doutoramento, Depto. de História, FFLCH-USP, 1993.
- LOSANO, Mario G. A América do Sul e o cosmopolitismo alemão no final dos Oitocentos. *Revista O Direito*, ano 132, no. III-IV, 2000, p. 335-348.
- LÖSCHNER, Renate. A Representação artística da América Latina no século XIX sob a influência de Alexander von Humboldt. In.: *Artistas Alemães na América Latina. Pintores e naturalistas do século XIX ilustram um continente*. Exposição do Instituto Ibero-Americano Patrimônio Cultural Prussiano, Berlim. Berlim, 1970.

- _____. Die Reisen des Prinzen Maximilian zu Wied 1815-1817 in Brasilien. *Ausstellung des Ibero-Amerikanischen Instituts Preussischer Kulturbesitz in Berlin*. Berlin, 1982.
- LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit (reds.). *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa Editorial, 2001.
- LOWENTHAL, David. Geography, Experience, and Imagination: Towards a Geographical Epistemology. *Annals of the Association of American Geographers*, vol. 51, no. 3 (Sep., 1961), p. 241-260.
- _____. *The Past is a Foreign Country*. Cambridge [Cambridgeshire]; New York: Cambridge University Press, 1985.
- _____. Fabricating Heritage. In.: *History and Memory*. Danvers, MA, vol. 10, n. 1, 1995.
- LUNA, Francisco Vidal e COSTA, Iraci del Nero da. Algumas Características do Contingente de Cativos em Minas Gerais, *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, USP, tomo XXIX, p. 79-97, 1979.
- LUNA, Francisco Vidal. *Minas Gerais: escravos e senhores*. São Paulo, IPE-USP, 1981, (Ensaio Econômico, 8).
- MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Resenha. PRATT, Mary Louise. Os olhos do império. Relatos de viagem e transculturação. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 20, nº 39, p. 281-289. 2000.
- _____. Os Tupis e a Turânia: Hipóteses sobre a origem do homem e da civilização nas Américas na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do XX. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, nº 12, p. 3-16, 2002.
- _____. Flora and Fauna. The nature of the Tropical Nature. Brazil through the eyes of William James. *ReVista. Harvard Review of Latin America*, vol. 3, issue 1, winter 2005.
- _____. *Brasil a vapor. Raça, ciência e viagem no século XIX*. Tese apresentada para o concurso de Livre Docência, Depto. de História, FFLCH-USP, 2005.
- MARSHALL, P. J. and WILLIAMS, Glyndwr. *The Great Map of Mankind*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1982.
- MATTOS, Isabel Missagaia de. *Civilização e Revolta. Os Botocudos e a catequese na província de Minas*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- _____. *Formas e Fluxos dos Maxakali na Fronteira do Leste: a aldeia do Capitão Tomé (1750-1800)*.
- MAXIMILIAN PRINCE OF WIED and BODMER, Karl. *Travels in the Interior of North America*. Colone: Taschen GmbH, 2001.
- MAYBURY-LEWIS, David. Review. Reisen in Brasilien. *American Anthropologist*, New Series, vol. 75, no. 2 (April, 1973), p. 425-426.
- MEGIL, Allan. Aesthetic Theory and Historical Consciousness in the Eighteenth Century. *History and Theory*, vol. 17, no. 1, (Feb., 1978), p. 29-62.
- MEINECKE, Friederich. *El historicismo y su genesis*. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1943.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, nº 34, 1992. p. 9-24.

- _____. A paisagem como fato cultural. *In.*: YÁZIGI, Eduardo (org.). *Turismo e Paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002, p. 29-64.
- _____. Rumo a uma “História visual”. *In.*: MARTINS, José de Souza, ECKERT, Cornélia e NOVAES, Sylvia Caiuby (orgs.). *O Imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- METCALF, Alida C. The Entradas of Bahia of the Sixteenth Century. *The Americas*, vol. 61, n. 3, Jan 2005, p. 373-400.
- MIGNOLO, Walter D. Colonial and Postcolonial Discourse: Cultural Critique or Academic Colonialism?. *Latin American Research Review*, vol. 28, no. 3 (1993), p. 120-134.
- MILLS, Sara. *Discourses of Difference. An Analysis of Women’s Travel Writing and Colonialism*. New York: Routledge, 1991.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru: Edusc, 2001.
- MONTEIRO, John Manuel e NOGUEIRA, Fernando (orgs.). *Confronto de Culturas: conquista, resistência, transformação*. São Paulo e Rio de Janeiro: EDUSP/Expressão e Cultura, 1997.
- _____. *Caçando com gato: raça, mestiçagem e identidade paulista na obra de Alfredo Ellis Jr.* *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n.38, p. 79-88, maio de 1994.
- _____. As raças indígenas no pensamento brasileiro durante o Império. *In.*: M.C. Maio e R. V. dos Santos (orgs.). *Raça, Ciência e Sociedade no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil/FIOCRUZ, 1996, p. 15-24.
- _____. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- _____. The Heathen Castes of Sixteenth-Century Portuguese América: Unity, Diversity, and the Invention of the Brazilian Indians. *Hispanic American Historical Review*. Duke University Press, 80:4, nov. 2000.
- _____. *Tupis, Tapuias e historiadores. Estudos de história indígena e do indigenismo*. Campinas, 2001. Tese apresentada para o concurso de Livre Docência na área de Etnologia, Departamento de Antropologia, IFCH-UNICAMP.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. *Contribuição para uma História Crítica do Pensamento Geográfico: Alexandre Von Humboldt, Carl Ritter e Friedrich Ratzel*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Depto. de Geografia da FFLCH-USP, 1983.
- MORAES, Antonio Carlos Robert (org.). *Ratzel*. São Paulo: Ática, 1990. (col. Grandes Cientistas Sociais nº 59).
- MOREIRA, Vânia Maria Lousada. Índios no Brasil: marginalização social e exclusão historiográfica. *Diálogos Latinoamericanos*, no. 003, 2001, p. 87-113.
- MOREL, Marcos. Cinco imagens e múltiplos olhares: ‘descobertas’ sobre os índios do Brasil e a fotografia do século XIX. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), 2001, p. 1039-1058.
- NOLL, Michael G. *Prince Maximilian’s America: The Narrated Landscapes of a German Explorer and Naturalist*. Kansas, University of Kansas, Doctoral Dissertation, s/d.
- OBERACKER JR., Carlos H. *A Contribuição teuta à formação da nação brasileira*. Rio de Janeiro: 1985, 4ª ed. 2v.

- OBERACKER JR., Carlos. Viajantes, naturalistas e artistas estrangeiros. *O Brasil Monárquico. O processo de emancipação*. t. 2, v. 3, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, 9ª Ed., p. 136-150.
- OLIVEIRA, Eduardo Romero de. A idéia de Império e a fundação da Monarquia Constitucional no Brasil (Portugal-Brasil 1772-1824). *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, no. 18, 2005, p. 43-63.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. Os Atalhos da Magia: notas para uma etnografia dos naturalistas viajantes. *Boletim do Museu Paranaense Emílio Goeldi*, 3, no. 2, 1987, p. 155-188.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Terra à vista!. Discurso do confronto: velho e novo mundo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- PAGDEN, Anthony. *The Fall of natural man. The American Indian and the Origins of Comparative Ethnology*. Cambridge: Cambridge University Press (col. Cambridge Iberian and Latin American Studies), 1982.
- _____. *European encounters with the New World. From Renaissance to Romanticism*. New Haven, London: Yale University Press, 1993.
- _____. *The Idea of Europe: From Antiquity to the European Union*. Cambridge, MS: Cambridge University Press, 2002.
- PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na colônia. Minas Gerais, 1716-1789*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- PALOSCIA, Franco. *Viaggi e turismo nella storia delle civiltà*. Roma: Agra editrice, 2005.
- PANOFSKY, Erwin. *Renacimiento y renacimientos en el arte occidental*. Madrid: Alianza Editorial, 1999.
- PICCHI, Debra. Unlikely Amazons: Brazilian indigenous gender constructs in a modern context. *History and Anthropology*, 14:1 (2003), p. 23-39.
- PIJNING, Ernest. O ambiente científico da época e a viagem ao Brasil do príncipe alemão Maximiliano de Wied-Neuwied. *Revista Oceanos*, Lisboa, nº 24, out/dez 1995, p. 26-34.
- PINTO, João da Rocha. *A Viagem. Memória e Espaço*. Lisboa: s/l, 1989.
- _____. O idealismo alemão e os índios do Brasil. *Revista Oceanos*, Lisboa, nº 24, out/dez 1995, p. 57-66.
- PINTO, Olivério. Prefácio à 1ª edição. In.: WIED-NEUWIED. Maximiliano, Príncipe de. *Viagem ao Brasil*. Trad. Edgar Sússekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1ª ed. 1940.
- _____. Prefácio à 2ª edição. In.: WIED-NEUWIED. Maximiliano, Príncipe de. *Viagem ao Brasil*. Trad. Edgar Sússekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 2ª ed. 1958.
- POMPA, Cristina. *Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil Colonial*. Bauru: EDUSC, 2003.
- PRADO JR., CAIO. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense. 43ª ed. 1998.
- _____. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense,

- PRATT, Mary Louise. Arts of the Contact Zone. In.: BARTHOLOMAE, David and PETROKSKY, Anthony (eds.). *Ways of Reading*. New York: Bedford/St. Martin's. 5th ed. 1999.
- _____. *Os Olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: Edusc, 1999.
- _____. Pós-colonialidade: Projeto incompleto ou irrelevante? In.: VESCIO, Luiz (ed.). *Literatura e história*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- PUNTONI, Pedro. *A Guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão do nordeste do Brasil, 1650-1720*. São Paulo: Hucitec, 2002.
- RAMINELLI, Ronaldo. Depopulação na Amazônia Colonial. *Anais do XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP*, Caxambu: ABEP, 1998, p. 1359-1376.
- REILL, Peter Hanns. Science and the Construction of the Cultural Sciences in the Late Enlightenment Germany: the Case of Wilhelm von Humboldt. *History and Theory*, vol. 33, no. 3 (Oct. 1994), p. 345-366.
- REVERDIN, Oliver e GRANGE, Bernard (pub.). *Les études classiques aux XIX^e et XX^e siècles: leur place dans l'histoire des idées*. Entretiens sur L'Antiquité Classique, tome XXVI. Genève: Fondation Hardt, 1980.
- RINGER, Fritz K. *O Declínio dos Mandarins Alemães*. São Paulo: Edusp, 2000.
- RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- _____. *Temps et Récit. Tome I: L' intrigue et le récit historique*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.
- _____. Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.
- RÖDER, Joseph. Der zeichnerische Nachlass der Brasilienreise des Maximilian Prinzen zu Wied. In.: RÖDER, Joseph und TRIMBORN, Herman. *Maximilian Prinz zu Wied. Inveröffentliche Bilder und Handschriften zur Völkerkunde Brasiliens*, Bonna, 1954, 113:115.
- RUSSEL-WOOD, A.J.R. O Brasil Colonial: O Ciclo do Ouro, c. 1690-1750. In.: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: A América Latina Colonial*. vol. II, São Paulo: Edusp, 1999, p. 471-526.
- _____. Introduction: New Direction in *Bandeirismo* Studies in Colonial Brazil. *The Americas*, vol. 61, n. 3, Jan 2005, p. 353-371.
- SACHS, A. The Ultimate "Other": Post-Colonialism and Alexander von Humboldt's ecological relationship with nature. *History and Theory*, Dec. 2003, vol. 42, no. 4, p. 111-135.
- SAHR, Wolf-Dietrich. Religion and Scientificism in Brazil. Towards a Regional Geography of Knowledge. A Geographical Essay. *Revista de História Regional* 6(2): 43-74, p. 44-74, inverno 2001.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- _____. *Orientalismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.
- _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- _____. *Representações do intelectual*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

- SALZANO, Francisco M. O Velho e o novo. Antropologia física e história indígena. In.: CUNHA, Manuela Carneiro da. (org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p. 27-36.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Museums without a past: The Brazilian case. *International Journal of Cultural studies*, vol. 6, no. 2, 2003, p. 180-201.
- SANTOS, Ricardo Ventura dos; FLOWERS, Nancy e COIMBRA, Carlos. *Epidemias, demografia e organização social: expansão da fronteira e os Xavánte do Brasil Central*. Porto Velho: CESIR/UFRO (Documento de Trabalho no. 6), 2002.
- SCHMIDT, Siegfried. *Die Büchersammlung des Prinzen Maximilian zu Wied. Entstehung, Bestandsaufnahme und Schicksal eine. Naturwissenschaftlichen Privatbibliothek des 19. Jahrhunderts*, Bona, 1985.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Dos Males da Medida*. Psicologia USP, vol.8, no.1, 1997.
- _____. *O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. Posfácio. In.: BECHER, Hans. *O Barão Georg Heinrich von Langsdorff. Pesquisas de um cientista alemão no século XIX*. São Paulo: Edições Diá; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1990. p. 131-143.
- SILVA, Danuzio Gil Bernardo da. *O Espelho de Clio: olhares em choque sobre o Novo Mundo*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação da UNICAMP, 2002.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. A História Natural no Brasil antes das viagens do Príncipe Maximiliano. *Revista Oceanos*, Lisboa, nº 24, out/dez 1995, p. 12-24.
- SOLANO, Francisco de. Expedições científicas à América durante o século XVIII. In.: DOMINGUES, Francisco Contento e BARRETO, Luís Filipe (orgs.). *A abertura do mundo. Estudos de História dos Descobrimentos Europeus*. vol. 2. Lisboa: Editorial Presença, 1987.
- SOMMER, Barbara A.. Colony of the Sertão: Amazonian Expeditions and the Slave Trade. *The Americas*, vol. 61, no. 3, (2005), p. 401-428.
- SOUSA LEITE. *O Conde de Barca e o seu papel em alguns aspectos das relações culturais de Portugal com a Inglaterra e Alemanha*. Braga, s/1, 1962.
- SOUZA, Laura de Mello e. *O Sol e a Sombra. Política e administração na América Portuguesa do século XVIII*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
- STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização. Ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui. O narrador, a viagem*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- THOMAS, Davis and RONNEFELDT, Karin (ed.). *People of the First Man. Life Among the Plains Indians in their Final Days of Glory*. New York: E. P. Dutton, 1976.
- TILLY, Charles. *Coerção, capital e estados europeus*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- TOUSSAINT-SAMSON, Adèle. *Uma parisiense no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2003.
- VANGELISTA, Chiara. Los Payaguá entre Asunción y Cuiaba: formación y decadencia de una frontera indígena (1719-1790). In.: JORDÁN, P. García e

- IZARD, M. (orgs.). *Conquista I resistència en la història d'Amèrica*. Barcelona, Publicaciones de la Universidad de Barcelona, 1991, p. 151-165.
- _____. Política Tribal: los Bororo y la primera misión salesiana en Mato Grosso (1902-1905). In.: VANGELISTA, Chiara (org.). *Fronteras, Etnías, Culturas: América Latina, siglos XVI-XX*. Quito:Abya-Yala, 1996, p. 63-84.
- VÉSCIO, Luiz Eugênio e SANTOS, Pedro Brum (orgs.). *Literatura & História. Perspectivas e Convergências*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- VIEIRA, Antônio. Relação da Missão da Serra de Ibiapaba. *Escritos Instrumentais sobre os Índios*. São Paulo: Educ/Loyola, 1992, p. 122-190.
- VILAÇA, Aparecida. Cristãos sem fé: alguns aspectos da conversão dos Wari (Pakaa Nova). *Mana*, 2:1, 1996, p. 109-137.
- VOLOBEUF, Karin. *Frestas e Arestas. A prosa de ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil*. São Paulo: UNESP, 1999.
- WEGNER, Robert. *A conquista do oeste. A fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- WEHLING, Arno. *Estado, história e memória. Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- WHITE, Hayden. *Meta-História. A imaginação histórica no séc. XIX*. São Paulo: Edusp, 1995.
- WHITEHEAD, Neil. Hans Staden and the Cultural Politics of Cannibalism. *Hispanic American Historical Review*, 80:4 (2000), p. 721-751.
- WRIGHT, Robin. *História Indígena e do Indigenismo no Alto Rio Negro*. Campinas: Mercado das Letras, 2005.
- WHITE, Hayden. *Meta-História. A imaginação histórica no séc. XIX*. São Paulo: Edusp, 1995.
- WOLFE, Patrick. History and Imperialism: A Century of Theory, from Marx to Postcolonialism. *The American Historical Review*, vol. 102, no. 2 (Apr., 1997), p. 388-420.